

Flagelo contra os trages profanos: edição de um tratado setecentista contra o luxo*

Flagelo contra os trages profanos: edition of an eighteenth-century treatise against luxury

Thiago Henrique Alvarado¹ 

¹Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH).

Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: thiagoalvarado@gmail.com

Resumo

Em meados do século XVIII foi redigido o anônimo *Flagelo contra os trages profanos*, tratado que procurava combater as superfluidades e os excessos nos adornos e trajes dos portugueses. Fundamentado na doutrina cristã, e exposto a partir da exegese bíblica elaborada por doutores, Padres e santos da Igreja, o tratado expõe as razões para considerar a existência de pecado mortal nos trajes, discute os malefícios do desregramento no vestir e esclarece a importância dos pastores da igreja na correção das faltas dos seus fiéis. O presente estudo consiste na edição do tratado *Flagelo contra os trages profanos*, localizado no Manuscritos da Livraria n.º 1123 (f. 197-214v) do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT).

Editores-chefes

Marcus Dores

Célia Lopes

Recebido: 01/11/2024

Aceito: 24/01/2025

Como citar:

ALVARADO, Thiago Henrique. Flagelo contra os trajes profanos: edição de um tratado setecentista contra o luxo. Revista LaborHistórico, v.11, n.1, e66076, 2025. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v11i1.66076>

Palavras-chave:

Edição de documento. Crítica textual. Portugal. Moda. Luxo. Igreja.

* Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa em andamento de pós-doutorado “Coleção documental das leis suntuárias portuguesas (séculos XV-XVI)” (processo FAPESP 24/04318-0), desenvolvido no âmbito do Projeto Temático “Uma História Conectada da Idade Média. Comunicação e Circulação a partir do Mediterrâneo” (processo FAPESP 21/02912-3).

Abstract

In the mid-eighteenth century, the anonymous *Flagelo contra os trajes profanos* was drafted, a treatise aimed at combating the superfluities and excesses in the adornments and clothing of the Portuguese. Grounded in Christian doctrine and presented through biblical exegesis developed by doctors, Fathers, and saints of the Church, the treatise outlines the reasons for considering mortal sin in attire, discusses the harms of indulgence in dress, and clarifies the importance of church pastors in correcting the faults of their faithful. The present study consists of editing the treatise *Flagelo contra os trajes profanos*, located in Manuscritos da Livraria n.º 1123 (f. 197-214v) of the National Archive of Torre do Tombo (ANTT).

Keywords:

Document Edition. Textual criticism. Portugal. Fashion. Luxury. Church.

Uma voz portuguesa contra o luxo

Em meados do século XVIII, um autor anônimo resolveu tecer extensas críticas aos trajes profanos dos portugueses, sobretudo dos moradores da cidade e da corte de Lisboa. Seu objetivo era alertar os homens e as mulheres sobre os inúmeros males decorrentes dos trajes profanos, excessivos e provocativos; males esses que poderiam trazer danos não apenas às economias familiares, mas às almas. Da iniciativa desse moralista, resultou o tratado *Flagelo contra os trajes profanos*, recolhido no Manuscrito da Livraria n.º 1123 (f. 197-214v) do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), editado no presente estudo.

Estruturado em torno de alguns silogismos, desdobrados ao longo de capítulos – de numeração imprecisa, vale destacar –, o tratadista do *Flagelo contra os trajes profanos* procurou expor aos seus leitores como as superfluidades nos vestidos e adornos eram condenáveis e deveriam ser evitadas pelos cristãos. Para esclarecer tal postura, o autor reuniu algumas dezenas de autoridades, que englobava os profetas, o próprio Cristo e os apóstolos; passava pelos Padres da Igreja, latinos e gregos, pelos pensadores escolásticos e pelos santos medievais e modernos; e incluía expositores e comentaristas modernos e contemporâneos ao tratadista. A partir de uma série de escritos – Sagradas Escrituras, tratados, crônicas, revelações privadas e exegese bíblica –, o autor estruturou seu *Flagelo contra os trajes profanos*, redigindo-o com interpolações e glosas de excertos extraídos das autoridades cristãs, quase todas citadas e referenciadas à margem em latim e traduzidas para português no corpo do texto.

Por sua dedicação integral à temática das vestimentas – abordada em outros escritos, como os *specula principum*, em alguns capítulos ou diluído em questões mais

amplas, como a respeito da temperança, para não falar das leis suntuárias –,² o *Flagelo contra os trajes profanos* constitui uma obra singular entre os escritos portugueses. O tratado que aparenta ser, a princípio, um texto original português, corresponde, porém, à tradução parcial da obra *Contra los trajes, y adornos profanos* (1722), de D. Luis Antonio de Belluga y Moncada (1662-1743) – mais conhecido como cardeal Belluga –,³ a quem cita diretamente por três vezes ao longo da tratado.

A obra do cardeal Belluga insere-se numa tradição longevo do reino castelhano, que, desde a segunda metade do século XV, contou com prelados e religiosos preocupados com o regramento da aparência de seus fiéis. Tal preocupação com os excessos nas vestimentas e nos adornos, já se apresentava na atividade pastoral de Belluga, em 1711, quando ainda era bispo de Cartagena.⁴ Nesse ano, o prelado endereçou uma carta pastoral aos fiéis de sua diocese, admonestando-os, ao longo de 212 páginas, a desterrarem a profanidade dos trajes. Anos mais tarde, já na dignidade de cardeal e lidando com problemas similares, o prelado escreveu a volumosa obra *Contra los trajes, y adornos profanos*, que serviu de base para o tratado português.

O tratadista, que se supõe português, entretanto, não se limitou a traduzir a obra de Belluga. Antes, elencou diversos trechos do texto castelhano, selecionando, entre as quase 900 páginas, aquelas passagens que mais condiziam com sua proposta, estruturada e apresentada em um tratado de 34 folhas. Tal seleção envolveu o deslocamento, a união, a separação ou a omissão de diversas partes para melhor desenvolver seu raciocínio, pautado sobretudo na perspectiva eclesiástica. Essa operação realizada pelo autor resultou, no entanto, em uma numeração irregular e incoerente dos capítulos e dos silogismos, com diversos saltos e recuos nos números, sem que isso trouxesse prejuízo na exposição lógica do texto. Além desses procedimentos que envolvem a seleção de trechos, o autor incluiu uma introdução sobre as razões

² Sobre as leis suntuárias portuguesas medievais e modernas, ver: ALVARADO, Thiago Henrique. **Modos à mesa e maneiras de vestir em Castela e Portugal (séculos XIV e XV)**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2021; BETHENCOURT, Francisco. Sumptuary laws in Portugal and its empire from the Fourteenth to the Eighteenth Century. In: RIELLO, Giorgio; RUBLACK, Ulrika (eds.). **The right to dress**: sumptuary laws in a global perspective, c. 1200-1800. Cambridge: Cambridge University Press, 2019; CRUZ, Pedro Adriano Castro. **As leis pragmáticas**: estatuto e diferenciação social em Portugal (1340-1762). Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2023; DIAS, Luis Fernando de Carvalho. Luxo e pragmáticas no pensamento económico do século XVIII. **Boletim de Ciências Económicas**, Coimbra, v. 4-5, suplemento, 1956-1958.

³ BELLUGA Y MONCADA, Luis Antonio de. **Contra los trajes, y adornos profanos** [...]. Murcia: Jayme Mesnier, 1722.

⁴ BELLUGA Y MONCADA, Luis Antonio de. **Carta pastoral** [...]. Murcia: Jayme Mesnier, 1711.

que o motivaram a escrever o tratado para o público português e inseriu diversas interpolações ao longo do texto, com queixas sobre a situação dos lisboetas.

De autoria anônima, pouco se pode deduzir sobre a identidade do escritor do tratado. Algumas pistas, no entanto, extraídas de algumas parcias informações dadas no tratado, sugerem tratar-se de um eclesiástico atuante em Lisboa ou, ao menos, opositor àquilo que se verificava na capital do reino, considerando a corte lisboeta o centro do qual se irradiavam as novas modas. Ao passo que faz três menções gerais a Portugal e aos portugueses, o autor cita duas vezes a situação na cidade e “na nossa corte de Lixboa” (f. 212v/30). Além disso, parece-nos provável que o autor fosse um confessor ou pastor da igreja, com alguma prelazia. Em determinado trecho do texto, após apresentar as instruções de São Carlos Borromeu (1538-1584) aos confessores de sua diocese, o tratadista inseriu a seguinte informação, que não consta na obra de Belluga: “**Deus nos acuda, e nos dê lux aos que governam os [sic] almas, para que saybamos, o como as havemos de livrar** de tantos absurdos, quantos hoje se experimentão, pella demazia dos adornos” (f. 213/31) (grifos nossos). A autoria atribuída a um confessor explicaria a ênfase nas passagens sobre o papel fundamental, para bem e para mal, dos confessores na correção dos fiéis, conforme nos apresenta por meio de diferentes exemplos em que os curas de almas têm destaque. Sua formação eclesiástica igualmente se verificaria na seleção de autores e passagens referentes a esclarecimentos da Sagrada Escritura, fundamento da doutrina e da moral cristãs. Tomando, assim, por base as próprias palavras de Deus, por meio dos profetas, de Cristo e dos apóstolos, o tratadista elencou célebres exegetas bíblicos, em geral, santos e eclesiásticos, em sua maioria religiosos, e se incluiu nessa longa tradição. Assim o diz em determinada parte do tratado: “E não fogindo eu deste avizo do Senhor protetor demostrar, a toda sorte de pessoas, o estado em que vivem, e o quanto abomina Deus a demazia do luxo, e provocativo; e assim, que não só o dá a conhecer por percepto divino, mas o mostra em todos os santos padres, concilios, revelações privadas, cazoncinhos particulares, theologos, moralistas; em que se mostrará, não só a gravidade da culpa mas os prejuizos próprios, e da **res publica**” (f. 198v/2).

A obra teria sido escrita, portanto, por um eclesiástico atuante em Lisboa, ou que, de outra região do reino, direcionava suas críticas aos habitantes da corte e capital, onde a circulação de pessoas e novas tendências da moda seriam mais frequentes. A datação do tratado seria posterior a 1722, ano em que se publicava o livro do cardeal Belluga, modelo para a obra portuguesa. É possível que a obra tenha sido redigida em meados do século XVIII, momento em que se discutia e promulgava a última grande lei suntuária portuguesa (1749).⁵ Para combater os problemas decorrentes do luxo no reino e nas possessões ultramarinas, o rei D. João V consultou diversos membros da corte régia para a redação da lei. Seja como for, de modo semelhante à

⁵ BETHENCOURT, 2019, p. 291-294.

resistência que as leis suntuárias sofreram dos leigos e do descompasso com as inúmeras mudanças na moda, os eclesiásticos também encontraram resistência entre seus fiéis, como se observa na apresentação do *Flagelo* em que os portugueses são referidos como cegos, incapazes de se afastarem das profanidades causadoras de suas ruínas. A esses, cabia ao autor do tratado alertá-los sobre os perigos do luxo, que se manifestava em trajes e adornos excessivos – quando eram muitos e preciosos, extrapolando as rendas da família – e provocativos – quando eram desonestos, indecentes e impróprios a cada sexo.

O tratado *Flagelo contra os trages profanos*, que aqui se edita e se apresenta aos leitores, oferece, portanto, um importante relato e contributo sobre a perspectiva moral a respeito do luxo em Portugal no século XVIII.

Critérios de edição

A grafia do documento foi preservada, porém o emprego de maiúsculas e minúsculas foi padronizado; as palavras foram unidas ou separadas conforme o uso atual; e o hífen foi inserido nas ênclises.

A pontuação original foi, em geral, preservada. Em algumas ocasiões, atualizou-se o uso do ponto e vírgula, presente no final de quase todas abreviaturas e empregado ao longo do texto com valor de vírgula, dois pontos e ponto final. Desse modo, em algumas passagens, o ponto e vírgula foi atualizado para dois pontos ou ponto final, mas não para vírgula; e o seu uso após as abreviaturas manteve-se somente quando sua presença se justificativa. O sinal de “=”, empregado pelo autor no início das citações, foi atualizado para aspas e antecedido com a inserção de dois pontos. As aspas foram incluídas em todas as citações identificadas, acompanhadas ou não do sinal empregado pelo autor (=). Para facilitar a identificação dos elementos das referências (autoria, título, parte, página, citação), presentes nas notas de rodapé, foram inseridas vírgulas, pontos e dois pontos; por sua vez, a pontuação nas citações transcritas pelo autor foi preservada.

Os sinais diacríticos foram atualizados conforme seu uso e valor fonético. No entanto, foram preservados os sinais em determinadas palavras – sobretudo palavras escritas no plural –, ainda que apresentassem certa redundância (bêns, carruagêns, homêns, imagêns, nuvêns, têns; algûns, hûns). As abreviaturas foram todas desenvolvidas⁶ e indicadas em itálico. Para o desenvolvimento, observou-se a forma por extenso utilizada pelo autor (por exemplo: m^{to} = munto, em vez de muito; sto = sancto, em vez de santo). A letra R maiúscula, no interior das palavras, foi transcrita, quando assim o exigia, como “rr”; e o “&” como “et”. As palavras transliteradas do grego (Jhs e Xpo) foram desenvolvidas e destacadas em negrito (Jhs = **Jesus**; Xpo

⁶ Com exceção de “cap./cap.” (capítulo) e “v.” (versículo), quando acompanhados de numerais.

= **Christo**). Os títulos e os termos latinos no corpo do texto foram destacados em negrito. Para o desenvolvimento das abreviaturas latinas presentes nas notas de rodapé, optou-se por seguir o texto de Belluga. Nas notas de rodapé, os nomes dos autores encontram-se citados no nominativo, e os títulos e demais elementos da referência, no ablativo.

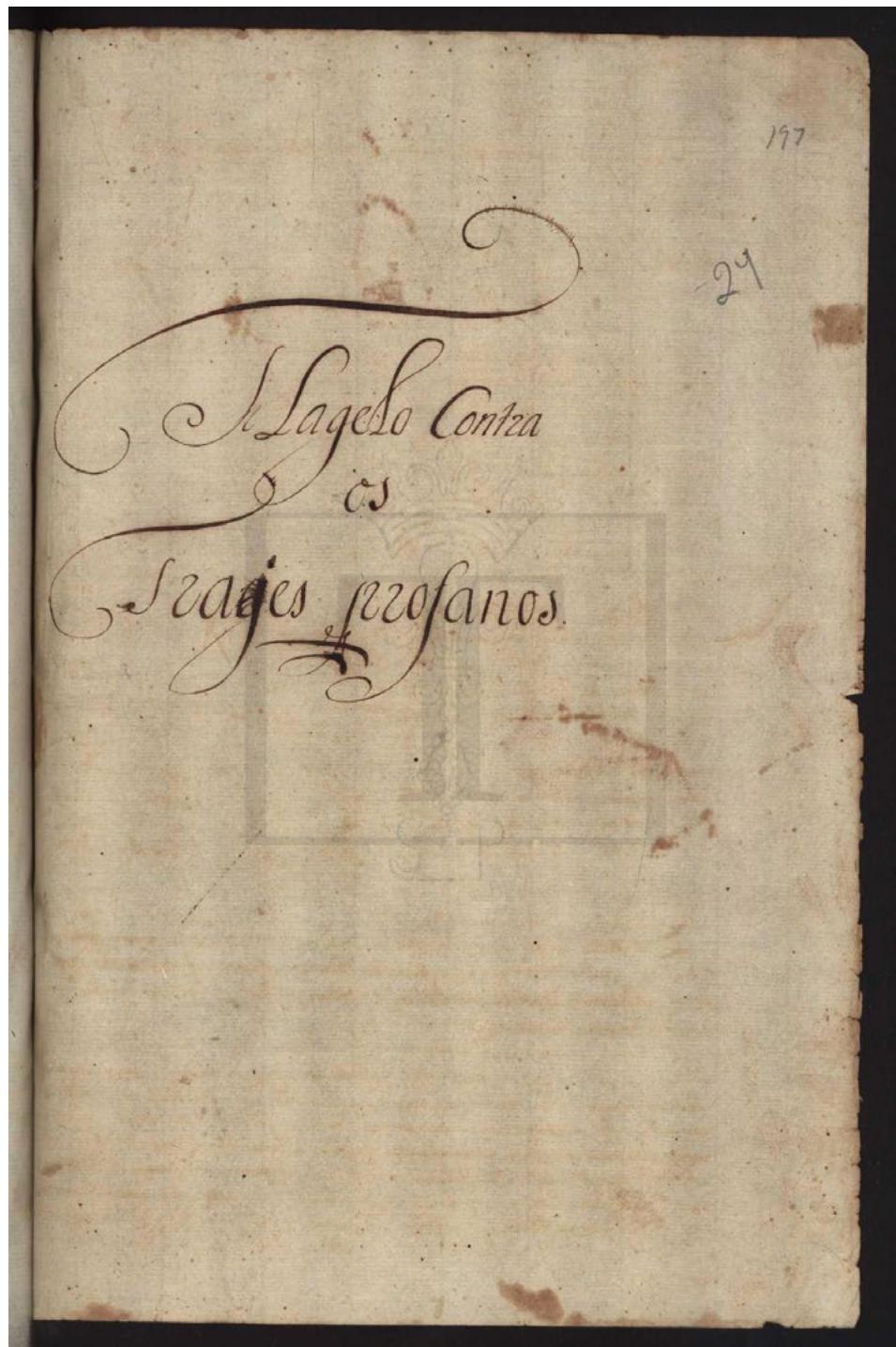
Todas as interpretações do editor constam entre colchetes. As leituras duvidosas foram indicadas com [?]. O uso do *[sic]* ficou reservado aos casos que poderiam gerar dúvidas ao leitor a respeito da transcrição, tais como a ocorrência de palavras repetidas, incompletas ou invertidas (por exemplo: os os, socilita, declando, Sobres, croa, otro) – aplicando-se os mesmos critérios para os trechos latinos das notas de rodapé. Foram igualmente assinaladas com *[sic]* as divergências no emprego dos artigos masculinos e femininos e do singular e do plural em relação à palavra anterior ou seguinte (por exemplo: seu rostros, os almas, outros munto). Nas notas de rodapé, o *[sic]* também foi empregado para demarcar a inclusão de palavras portuguesas em meio ao texto latino (por exemplo: illis tão, non tão). Os trechos interlinhados estão inseridos entre <>. Os eventuais esclarecimentos paleográficos a respeito do conteúdo das notas de rodapé, para evitar confusão com o texto do próprio tratadista, constam com o indicativo de **Nota do editor**.

Os trechos escritos em módulo maior, correspondentes ao enunciado dos silogismos ou a termos que o autor procura enfatizar, foram transcritos em versalete.

Para não haver repetição dos reclamos no final dos fólios, optou-se por manter apenas a palavra repetida no fólio seguinte.

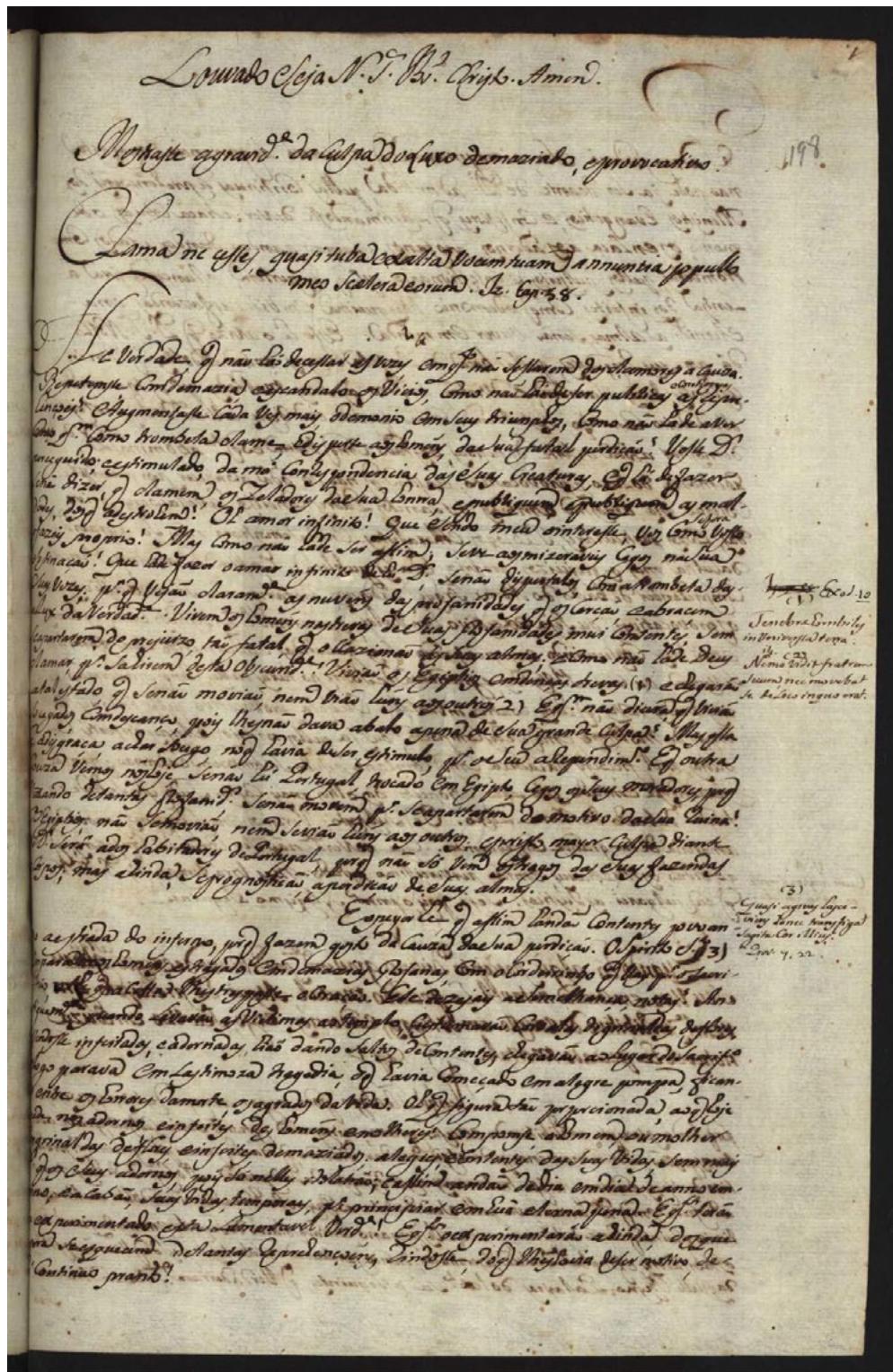
As notas de rodapé foram inseridas no lugar correspondente do manuscrito; em geral, antes das citações, e não após, como é o uso atual. Em relação à paginação, o texto apresenta duas numerações: uma mais recente, feita a lápis, que acompanha a numeração dos fólios do livro; outra, mais antiga, inserida pelo autor do tratado. Esta segunda numeração, com exceção do fólio referente à capa, segue numeração contínua e é utilizada pelo próprio tratadista. Na presente edição, a dupla numeração foi mantida. Por fim, optou-se por transcrição contínua, sem indicação de mudanças de linhas.

Imagen 1: Capa do tratado Flagelo contra os trages profanos



Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Manuscritos da Livraria n.º 1123, Miscelânea, f. 197.

Imagen 2: Introdução do tratado Flagelo contra os trages profanos



Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Manuscritos da Livraria n.º 1123, Miscelânea, f. 198.

Edição do documento

Flagelo contra os trages⁷ profanos

[f. 197v] [Em branco]

[f. 198/1]

Louvado seja Nossa Senhora Jesus Christo. Amen.

Mostra-sse a gravidade da culpa do luxo demaziado, e provocativo.

**Clama ne cesses, quasi tuba exalta vocem tuam annuntia popullo meo
scoelera eorum.**

Izayas cap. 58.

He verdade, *que* não hão de cessar as vozes em quanto não sessarem dos clamores a cauza. Repetem-sse com demazia, e escandalo os vicios, como não hão de ser publicas <e continuas> as reprehenções? Augmenta-sse cada ves mais, o demonio em seus triunfos, como não ha de aver,⁸ *quem* como trombeta clame, e disperte aos homens, da sua fatal perdição? Ve-sse Deus perseguido; e estimulado, da má correspondencia das suas criaturas; e *que* há de fazer senão dizer, *que* clamem, os zeladores da sua honrra, e publiquem,⁹ as maldades dos *que* a destrohem? Oh amor infinito! Que sendo meu o interesse, vos, como <se fora> vosso, o fazeis proprio! Mas como não ha de ser assim; se ve aos mizeraveis cegos na sua obstinação! Que ha de fazer o amor infinito de hum Deus senão desperta-los, com a trombeta das suas vozes; *para que* vejão claramente as nuvēns das profanidades *que* os cerção, e abraçem a lux da verdade. Vivem os homens nas trevas de suas profanidades, mui contentes, sem se apartarem, do prejuizo, tão fatal, *que* occasioñão às suas almas; e como não ha de Deus clamar, *para* sahirem desta obscuridade? Vivião os egíptios em denças trevas.¹⁰ E chegarão a tal estado, *que* se não movião, nem vião hūns aos outros.¹¹ E *quem* não dicera, *que* vivião socegados, com descanço, pois lhes não dava abalo a pena de sua

⁷ Emendado de: “Trajes”.

⁸ Segue-se riscado: “como”.

⁹ Segue-se riscado: “e publiquem”.

¹⁰ Exodi 10: “Tenebrae horribiles in universa terra”. [Nota do editor: Foi riscado antes de Exodi: “Isayae 55 [?]”.]

¹¹ Ibi [?]: “Nemo vidit fratrem suum, nec movebat se de loco in quo erat”.

grande culpa? Mas essa [h]e a disgraca, achar soego, no *que* havia de ser estimulo, *para* de seu arrependimento. E *que* outra causa vemos nós hoje, senão hum Portugal, trocado em Egipto, cegos os seus moradores, porque uzando de tantas profanidades se não movem, *para* se apartarem do motivo da sua ruina! Os egiptios, não se movião, nem servião húns aos outros; e por isso mayor culpa diante d[e] Deus será a dos habitadores de Portugal, porque não só vem os <es>tragos das suas fazendas e corpos; mas ahinda, se prognosticão, a perdição de suas almas.

E o peyor he, *que* assim handão contentes povoando a estrada do inferno, porque fazem gosto da cauza da sua perdição. O Spirito Sancto¹² compara dictos homens estragados em demazias profanas, com o cordeirinho *que* vay para o sacrificio, athe *que* a cetta lhes trespassse o coração. E se dezejais a semelhança, notay? Antiguamente quando levavão as victimas ao templo, custumavão coroa-las de grinaldas de flores, vendo-sse infeitadas, e adornadas, hião dando saltos de contentes, chegavão ao lugar do sacrificio [e] logo parava em lastimoza tragedia, o *que* havia começado em alegre pompa, ficando entre os horrores da morte, os agrados da vida. Oh *que* figura tão porporcionada, ao *que* hoje [so]cede nos adornos, e infeites dos homens e mulheres! Compom-se, o homem, ou molher [com] grinaldas de flores, e infeites, demaziados; alegres, e contentes das suas vidas, sem mais *que* os seus adornos, pois só nelles idolatrão; e assim andão de dia em dia de anno em anno; e acabão, suas vidas, temporaes, *para* principiar em huma eterna pena. E quantos terão experimentado esta lamentavel verdade! E quantos o experimentarão ahinda, dos *que* [ag]lora se esquecem de tantas reprehencōens, rindo-sse, do *que* lhes havia de ser motivo, de continuo pranto!

[f. 198v/2] Bem poderá ser, o imaginarem, *que* os livrará a ignorancia; mas esta não pode ja ser deante de Deus admittida, pellas continuas reprehencōens, dos ministros evangelicos, e confessores, *que* lastimando-sse de ver a traça com *que* o demonio, os enlaça aos adornos profanos, clamão e andão dando¹³ brados como trombetas, pellos pulpitos, e confessionarios, *para que* dispertem, e lancem fora a lenha dos infeites, com *que* o demonio, lhes queima em vida as fazendas, e na eternidade as almas, se não ouver emmenda. Este he o avizo, *que* Deus Senhor Noso dá aos seus pregadores, pella boca do profeta Izayas, mandando-lhes *que* com incessantes vozes clamem, e advirtão, ao povo, as suas maldades, *para que* tomndo o verdadeiro caminho, se salvem. E não fogindo eu deste avizo do Senhor protexto demostrar, a toda sorte de pessoas, o estado em *que* vivem, e o quanto abomina Deus a demazia do luxo, e provocativo; e assim, *que* não só o dá a conhecer por percepto divino, mas o mostra em todos os sanctos padres, concilios, revelaçōens privadas, cazoncillas particulares, theologos, moralistas; em *que* se mostrará, não só a gravidade da culpa mas os prejuizos proprios, e da **res publica**. E assim he a minha tençāo comprehendebachado do

¹² “Quasi agnus lasciviens donec transfigat sagita cor illius”. Proverbiorum 7, 22.

¹³ Segue-riscado no final da palavra: “s”.

nome trages, e adornos, profanos não só os excessivos, mas os provocativos; ou seja, excessivo em valor, e *reciozidade* dos vestidos, com *que* os homens e mulheres, consumindo, e empenhando suas fazendas, e arruinando suas famílias se vestem; ou com *mentos* vestidos, e grandeza de sobreposturas, nelles, com *que* os adornão; já nas modas novas, *que* huns, e outros inventão. Ou seja provocativo, pellos inhonestíssimos trages de mulheres, em *que* se descompoem, ou ja pellos nimios, e torpes infeites, com outras mil ficções da cabeça, com *que* com tanto estudo se compoem, e adornão, e pintão fazendo-se em tudo isto laços e tropeços dos olhos mais castos. Tudo isto se ha de entender debacho do nome luxo. O *que* subposto; veremos em syllogismos provada a materia de tão grande consequencia. Que na *verdade* não sey como há confessores, *que* absolvão, os mizeraveis, em tão pervercissimo estado: mas virá tempo, (diz Deus Senhor Noso) *que* eu julgarei as justiças.¹⁴ Seja pois o primeiro syllogismo o seguinte.

1

QUANDO HÁ ALGUM PRECEIPTO DIVINO GRAVEMENTE PROHIBITIVO DE EXCESSO <ALGUM>,¹⁵ SEU UZO EM COUZA NOTAVEL HE PECCADO MORTAL; ATQUI, HÁ PRECEIPTO GRAVEMENTE PROHIBITIVO DO EXCESSO EM OS TRAGES, E ADORNOS: ERGO, SEU UZO EM COUZA NOTAVEL, HE PECCADO MORTAL.

Cap. 1º.

Nenhum theólogo pode negar a maior desta propoziçāo¹⁶ porque sendo preceipto prohibitivo de excesso grave, ninguem ignora seria culpa grave a sua transgressão; porem na menor pode algum duvidar, dizendo, *que* não ha preceipto gravemente prohibitivo dos trages, e adornos, por isso trataremos neste discursso da sua prova. No cap. 3. de Izayas temos a profecia, em *que* Deus ameaçava pelo seu profeta ao reyno de Judea, cominando-lhe o ultimo a captiveiro, e ruina *que* havião de padercer, por Tito, e Vespeziano, com a desolação do Templo, e mortes de quazi todos os habitadores, e finalmente de sua reprobāo; dando por cauza os soberbos trages de *que* uzarão os filhos daquelle reyno: palavras do texto são as seguintes, *que* verdadeiramente fazem tremer: [f. 199/3]¹⁷ “Sera arruinada Jerusalem e o reyno de Judea, pellas invenções *que* uzarão contra Deus para irrita-lo”. E *que* invenções forão estas, *que* tanto chegarão ao Ceo, para castiga-las, con tantas mortes, captiveiros e mais desolações, *que* experimentarão os naturaes de Judea, e de Jerusalem? Cornelio

¹⁴ *Psalmis* [?]: “Cum accepero tempus ego justitias judicabo”.

¹⁵ Escrito sobre palavra riscada: “grave”.

¹⁶ Emendado de: “propoziçāo”.

¹⁷ *Isayae* 3: “Ruit enim Jerusalem et Judas concidit *quia* lingua a eorum *et* ad inventiones eorum contra Domi<n>um, ut provocarent óculos majestatis ejus”.

a Lapide o dis expondo este *capitulo* de Izayas:¹⁸ “Outra cauza dá o Senhor desta destruição, e ruina, convem a saber o dezafogado, e soberbo ornato das mulheres”. Assim: pois logo, *que* admiração podemos nos fazer daquella dezolação, se o ornato das mulheres, provocou a ira de Deus para o seu castigo?

E São Bazilio expondo tambem este lugar de Izayas dis estas formais palavras:¹⁹ “O Senhor lhes ha de tirar a gloria, e explendor de seus vestidos, con *que* se adornavam con ruina de sua mesma alma, e daquelles com *quem* familiarmente andavão; e assim toda a molher, *que* abuza de seu vestido, com esta mesma cominação será despojada”. Innocencio .3. ponderando, a malicia deste vicio, e os castigos temporais, <e eternos [?]> *que* Deus Senhor tem cominado, aos *que* uzam dos trages profanos, dis assim:²⁰ “Atende o *que* per Izayas comina Deus pello superfluo ornato. Justa pena se lhes dá pella culpa para *que* sejão castigados, em aquillo mesmo *que* peccarão”. E para *que* não possa haver duvida, dizendo algum mal intencionado, *que* só naquelle tempo da ley escripta prohibirá Deus esta superfluidade de ornatos, por isso, acodirão os *sanctos* padres e expositores deste *capitulo* de Izayas, a declarar o preceipto de Deus, para estes nossos tempos; dizendo Laynez:²¹ “Havendo Izayas às mulheres debacho de preceipto, e cominação grave prohibido-lhes a superfluidade do ornato; os apostolos às mulheres christãns, quanto mais lhes prohibirão isto mesmo?” E o a Lapide expondo o mesmo lugar, dizendo *que* he preceipto²² vem a dizer o mesmo:²³ “He illustre lugar este contra o ornato das mulheres, e excesso de seus vestidos; porque se em aquelle tempo este abuso de tal forma desazagrado a Deus nos judeos, *que* todo aquelle reyno foi castigado, com sua ruina, e morte de seus habitadores, quanto dezagrada nos christãos, e como os castigará?” E assim se deve advertir, *que* quando nas Escripturas, há cominaçõens, sempre são sobre couzas

¹⁸ Cornelius a Lapide: “Aliam dat excidii causam, scilicet porcacem [sic] et superbum ornatum foeminarum”.

¹⁹ Divus Bazilius Magnus: “Ait Dominus ab illis ablaturum gloriam ac splendorem vestituras qua quidem [...] amiciebantur in suummet malum, et eorum quibuscum familiariter congregiebantur. Itaque mulier omnis suo abutens vestitu, hac cominatione eo venit spolianda”.

²⁰ Innocentius 3, de Contempus Mundi: “Atende, quid contra superfluum ornatum cominetur Dominus per Izayam Profetam... Justa pena redditur pro culpa, ut eo puniantur in quo peccaverunt”.

²¹ Diego Laynez, de Ornatu mulierum: “Cum Izayas judaeis foeminis sub praecepto, et gravi cominatione superfluitatem ornatus prohibeat; Apostoli christianis foeminis quanto plus prohibebunt?”

²² Segue-se riscado: “este”.

²³ A Lapide: “Est hic locus illustris contra ornatum muliebrem, et luxum vestium; si enim in judeis olim ille ita Deo displicuit punitusque fuit totius gentis excidio quomodo displicebit, et punietur in christianis?”

graves, e equivalem a preceptos. Marchant:²⁴ “As cominaçōens de Deus que se achão nas Escripturas, equivalem a preceptos divinos”.

Este só lugar de Izayas bastava, ahinda que não ouvera outro na Escriptura, para ficar convencida a grave malicia do excesso, em os vestidos, e adornos que hoje por nossos pecados,²⁵ praticão neste reyno de catholicos²⁶ os homēns, e molheres, com tanta destruição das fazendas, e das mesmas almas; e por isso bastava só ouvir a ameaça do Profeta: pois por esta cauza foi a destruição de Judea, e Jerusalem, como o contextão todos os padres e expozidores do mesmo texto. Porque se se considera²⁷ que sendo a principal cauza desta ultima ruina, reprovação e extermínio do reyno de Judea, o não haver admitido a JESU Christo por seu Messias prometido haver lhe dado a ignominioza morte que lhe derão; quando à vista disto parecesse que não podia ter lugar nem era digna outra nenhuma de se fazer menção della, ver que o Spirito Sancto dá por cauza tambem desta ruina, e reprovação, como se fosse a total, os excessos dos trages e adornos daquelle reyno; mas para que se não imagine, que huma só ves he reprehendido este abuso dos trages profanos, [nas] Escripturas se achão muntos mais lugares da sua abominação.

No Ecclesiastico²⁸ se dis:²⁹ “Não olhes para a molher adornada, e vammente composta, porque com sua vista perecerão muntos; e disto se acende como fogo a concupicencia”. E se o Spirito Sancto nos encina a fugir desta profana vista, para que não seja cauza de ruina, pois nos certifica, que a muntos o tem sido; quem pode logo duvidar, a grande malicia desta profanidade? Por isso, o Angelico Doutor São Thomas dice:³⁰ “O justo que teme a Deus, cuida de esconder sua formozura corporal, dos que a podem ver, porque a formozura exterior, e o ornato tem sido a muntos occaçāo de ruina”. Aqui se pode ver, que malicia seja o demaziado ornato; e não pode a desculpa³¹ ser admitida, pello expressivo, e clareza com que a Escriptura fala [d]esta materia. Ve-sse mais nos Proverbios, donde o Spirito Sancto chama, vam e

²⁴ Marchant, tomo 3, tractatu 2, titulo 2, *quaestione* incidental, § hic: “Cominationes Dei in scripturis contemptae praecepsis divinis aequipolent”.

²⁵ Segue-se uma palavra rasurada.

²⁶ Segue-se riscado: “E assim”.

²⁷ Foi riscada uma letra no final da palavra.

²⁸ Emendado de: “Esclesiastico”.

²⁹ Ecclesiastici 9, v. 8: “Averte faciem tuam a moliere compta: propter speciem mulieris multi perierunt; et ex hoc concupiscentia, quasi ignis exardescit”.

³⁰ Sanctus Thomas, opusculo 58, cap. 8: “Discit justus abscondere pulchritudinem corporalem ab omnium inspectione, quia exterior pulchritudo, et ornatus multis fuit occasio cassus”.

³¹ Seguem-se palavras riscadas: “[...] desta ignorancia”.

provocativo ao ornato [co]mo dizendo:³² “Olha como a molher apareceo com seu ornato meretricio disposta a perder almas”; (e como expoem a Glossa): “A todos os *que* atrahe a si lhes dá morte spiritual”;³³ por cuja rezão [f. 199v/4] o Doutor Angelico, tocando este lugar dis:³⁴ “O ornato da molher, provoca aos homēns a lascivia, segundo o *que* dis *Deus* nos Proverbios”. E São Cipriano ponderando isto mesmo, e tambem as gravissimas culpas, *que* occazionão os váos adornos, exclama dizendo:³⁵ “Quem há *que* não abomine, e fuja, do *que* a outro há de dar a morte³⁶? Quem há *que* dezeje, e uze, o *que* para a morte spiritual de outro ha de servir de espada,³⁷ e dardo?” E *que* dirão agora, os *que* ignorantemente chegão a dizer, *que* não fazem tenção de occazionar ruina alguma spiritual ao seu proximo; quando os sanctos expressão, *que* se não pode uzar delles, sem semelhantes effeitos? Oh se Deus agora o mostrara a estes mizeraveis, assim como, o tem ja mostrado em outros tempos con tantas evidencias! E ahinda mal, *que* ahinda hoje se está vendo, com tantas honrras profanadas, e almas perdidas, sem mais cauza motiva, *que* as profanidades!

Não menos manifesta³⁸ Deus Senhor Noso pello seu profeta Ezequiel a grave malicia deste excesso, pois por elle ameaça outra ves, ao povo judaico, com grandes castigos, pois depois de haver dito, *que* lhes havia de dar fomes, peste, e guerra, e mortandade de gados lhes havia de dar, e partar de sua divina face; dis pois:³⁹ “Os vestidos, e ornato, *que* lhes dei para sua nececidade o tem convertido em soberba, e fausto, e em hum soberbissimo adorno. Pello qual eu farei *que* seu mesmo ornato, lhe cirva de ignominia, e ficando em maos de seus inimigos, sirvirão aos impios, e tiranos, *que* lho contaminem; e apartarei, meu rostro, e especial protecção”. Aqui se mostra neste texto, como o Senhor abomina o luxo, *que* diz ha de negar a protecção a quem delles uza. E expondo Cornelio, este texto, dis *que* he conforme a inteligencia

³² *Proverbiorum*, cap. 7, v. 1: “Ecce mulier occurrit illi ornatu meretricio praeparata ad capiendas animas”.

³³ *Glossa hic*: “Quousque associare potest, spiritali morte perimit”.

³⁴ *Sanctus Thomas hic*: “Molieris cultus viros ad lasciviam provocat, secundum illud Proverbiorum, etc.”.

³⁵ *Sanctus Ciprianus hic*: “Quis id non execretur et fugiat, quod aliis fuerit exitio? Quis appellat, et assumat quod ad necem alterius pro gladio fuerit, et tello?”.

³⁶ Segue-se riscado: “espiritual”.

³⁷ Segue-se riscado: “e ruina”.

³⁸ Segue-se letra rasurada.

³⁹ Ezequiel, cap. 7, v. 20: “Ornamentum monilium suorum in superbiam posuerunt... Propter hoc dedi eis illud in immunditiam, et dabo illud in manus alienorum ad diriplendum, et impiis terrae in praedam, et contaminabunt illud. Et avertam faciem meam ab eis”. [Nota do editor: Ezequiel foi emendado de “Ezeqiel”.]

de São Jerônimo,⁴⁰ dizendo <Gaspar Sanches>:⁴¹ “O⁴² ouro, e riquezas não tanto lhe servio de ornato, quanto de ruina, porque em ves de uzar dellas para suas necessidades domesticas, o converterão em vanissimo fausto”. E se por esta cauza, sobre tantos castigos, ameaça o Senhor ao povo, com apartar delle seu rostro, como poderá ser senão reputanto os adornos, por culpas gravíssimas.

Ouçamos outro horrorozíssimo castigo de todo hum reyno, pella pompa de suas vaidades. Esta he a cidade e provincias de Tiro; que depois de haver Deus pello seu profeta Ezequiel ponderando a vaidade com que vestião os filhos daquelle reyno, conclue declarando-nos debaxo da methaphora de nao, sua ultima ruina, e sumersão, dizendo:⁴³ “Te chorarão oh filhos de Tyro com amargura de animo, com pranto amargozíssimo. Cantarão sobre ti canticos lugubres, e te chorarão dizendo: ‘Donde está Tyro, que com suas riquezas, e preciozidades tem immudecido sumergida no meyo do mar?’” E os sagrados expozições não dão outra cauza⁴⁴ desta ruina mais que haver abuzados os moradores de Tiro, das suas riquezas, convertendo-as, em faustos vaníssimos. Cornelio o dis:⁴⁵ “Este teu ornato ó Tyro, de teus filhos, e filhas, não he ornato, senão infame torpeza, se ha de chamar”. Vejão agora como andão contentes, ouvindo, esta profecia os que uzão de semelhantes ornatos, e vaidades; lá o verão. Este exemplo nos poem Deus Senhor Nossa aos olhos para que se vejão como a espelhos os homens, e mulheres destes nossos tempos. E para maior confuzão nossa; expoem Innocencio .3. e Lorino este texto em comprovação deste mesmo assumpto, donde exclamão, e abominão a malicia dos trages e profanos, como profetizando, que socederá o mesmo agora que lá socedeo a Tyro.

Ultimamente deichando outros muntos textos, he horrorosíssimo e digno de temer a vizão daquelle molher do Apocalipse, que referindo-a o Evangelista São João dis:⁴⁶ “Vi huma molher, vestida de purpura, e grá intertecida, e guarneida de ouro, perolas, e pedras preciosas”. E tornando o Evangelista a ver a mesma molher, em methaphora de Cidade, despida de todas suas preciozidades e condenada ao inferno,

⁴⁰ Cornelius hic: “Monilia quae eis dedi in ornamentum, ipsi converterunt in superbiam, et fastum, id est, in superbum ornatum”. Hieronymus in Isaya cap. 3: “Monilia uno sermone omnia ornamenta significat”.

⁴¹ Gaspar Sanches hic: “Aurum non tantum ornassem, quam perdidisse omnino posessores suos, neque enim illis tão [sic] usui fuit ad domesticos sumptus, quam ad fastus vaníssimos”.

⁴² A letra “O” foi escrita sobre uma letra “M”.

⁴³ Ezequiel, cap. 27, v. 31: “Et plorabunt te amaritudine animae ploratu amarissimo, et assument super te carmen lugubre, et plangent te: quae est ut Tyrus, quae obmutuit in medio maris?”

⁴⁴ Segue-se riscado: “mais”.

⁴⁵ Cornelius hic: “Hic ornatus tuus, ó Tyre, non ornatus, sed potius infamis est turpitudo”.

⁴⁶ Apocalypsis, cap. 17, v. 4: “Et mulier erat circumdata purpura, et coccino, et inaurata auto, lapide precioso, et margaritis”.

dis que ouvio estas vozes que dizião:⁴⁷ “Ay ay daquella molher que qual outra *cidade* de Babilonia, em sua soberba estava vestida de olanda, ou cambraya purpura, e cheya de ouro, perolas, e pedras preciosas, porque em huma ora tem sido condenada, e despojada de suas riquezas”. E São Vicente Ferreira, dis que esta repetição dos ais denotão⁴⁸ a condena[ção] temporal, e eterna. E que esta molher, que foi mostrada a São João em figura de *cidade* pella sua pompa e adornos foi condenada, aos infernos e despojada, de todas as suas riquezas, palavras do⁴⁹ evangelista [?].

[f. 200/5] Não faltou aqui Ruperto Abbade dizendo:⁵⁰ “Havia visto o Evangelista o ornato desta profana, e ahinda que não tivera outra cauza, bastará esta para sua condenação”. E se hista ahinda não basta para convencer os obstinados desta materia oução o *padre* Silveira; expondo o mesmo lugar:⁵¹ “A nimia pompa de seus vestidos, a estudioza forma de seu culto, e ornato, o esplendor das pedras preciosas, e ouro, e compozição de seus cabellos fizerão a esta molher victima do inferno. Como se fora o mesmo estar pompticamente adornada, que condenada”. Vejão agora, com isto, e como fica ponderado se haverá quem duvida a grave malicia, dos adornos e trages; e quem corre os olhos a estas clarissimas luzes, que Deus nos dá nas Escrituras? E munto mais as palavras com que⁵² o Senhor conclue dizendo:⁵³ “Quanto aquella molher se glorificou, e quanto teve de dilicias, da-lhe outro tanto de tormento, e pranto”. E na verdade assim socederá aos que agora gozão das suas delicias, e profanidades; porque o Senhor he o mesmo, e a sua justiça indefectivel.

Cap. 2.

Não se deve julgar, por grave malicia, a demazia dos trages, só nas mulheres; mas tambem, he gravemente reprehencivel, nos homens; porque as Escrituras igualmente

⁴⁷ *Ibidem*, cap. 18, v. 16: “Vae, vae, civitas illa magna, quae amicta erat byssso, et purpura, et coco, et deaurata erat auro, et lapide precioso, et margaritis; quoniam in una hora distitutae sunt tantae divitiae!”.

⁴⁸ A expressão “ais denotão” parece ter sido tachada posteriormente. A expressão foi mantida por manter a coerência do texto.

⁴⁹ *Sanctus Vicentius Ferrarius* ibi: “Ecce, quid fuit ostensum *Beati* Joanni de quadam civitate vana, et pomposa, quae ex illis vanitatibus debui destrui de qua dicit Joannes: Vae, vae civitas etc. Primum vae quantum ad damnationem animae, et secundum vae quantum ad damnationem corporis”.

⁵⁰ *Rupertus* ibi: “Viderat jam meretricis habitum qui si solus esset ad damnationem ejus suflicere poterat”.

⁵¹ *Silveyra* ibi: “Nimia vestimentorum pompa forma studiosior cultus gemmarum splendor, auri fulgor, auri fulgor, comptior capillorum ornatus absque dubio gehenae victimam prophetabant mulierem. Ac si idem fuisse pompticam ornatam, ac damnatam”.

⁵² Segue-se palavra riscada.

⁵³ *Apocalypse*, *ibidem* v. 7: “Quantum glorificavit se, et in deliciis fuit, tantum date illi tormentum, et luctum”.

abominão, em hum e outro sexo, esta lamentavel culpa. O Propheta Rey, dis estas palavras:⁵⁴ “Aborreces *Senhor* aos *que* observão as vaidades, com nimia superfluidade”. E fundando *São Bernardino de Senna* todo hum sermão, sobre estas palavras, na materia sujeita; dis:⁵⁵ “Ahinda *que* todo o peccado grave, he objeto do odio de *Deus*; não declara a Escriptura de qualquer peccado grave este odio, e detestaçao, e assim das mais graves culpas he das *que* assim fala a Escriptura dizendo: ‘Aborreces *Senhor*, os *que* observão as vaidades com nimia superfluidade’”. E assim se deve reparar, *que* não dis David, *que* aborrece *Deus* aos *que* observão, ou uzão destas vaidades, senão aos *que* observão ou praticão estas vaidades com nimia superfluidade, isto he, vaidades vanissimas, *que* assim explica Lorino, aquelle **supervacue**,⁵⁶ porque o praticar e observar as vaidades quando ficão em termos de leves, de si não he mais *que* peccado venial, e ahinda *que* dezagradem munto a *Deus* não são bastantes para perder a graça; porem o observar e praticar estas vaidades com nimia superfluidade isto dis David *que* fazem aos *que* o observão dignos do odio de *Deus*. Vejão agora, os *que* se empenhão nos toucadores, e espelhos, oras esquecidas, com tantas profanidades, quantas chora o nosso Portugal. E como se poderão escapar de serem dignos, de huma eterna condenação?

A rezão pois deste odio, e detestaçao, declara o *Senhor* nos Proverbios dizendo:⁵⁷ “A arrogancia, e a soberba eu a detesto”. E este genero de vaidades vanissimas, seu uzo superfluo, e excessivo, he huma grande arrogancia, e soberba. Assim o dis o concilio Cloves Hoviense:⁵⁸ “A **supervacanea**, ou vanissima observação dos vestidos, aborrecivel a *Deus*, com toda a aplicação e estudo procura prohibi-la, porque estes vestidos vanissimos, *que* significão a desnudes da alma, são sinaes de arrogancia, soberba luxuria, e vaidade das quais ditas couzas dis a sabiduria divina nos Proverbios: ‘A arrogancia, e a soberba eu a detesto’”.

E para *que* se não ficasse com duvida nesta materia declara o *Senhor* pello seu profeta Amos, mais esta abominaçao dizendo:⁵⁹ “Ay de vos outros ricos, e poderozos, *que* entrais pompaticamente na caza de Isrrael”. Aqui condena o *Senhor* aos ricos

⁵⁴ Psalmi 30, v. 7: “Odisti observantes vanitates supervacue”.

⁵⁵ Bernardinus de Sena ibi: “Non enim de quocumque peccato hoc escriptum est, licet omne peccatum sit odium Dei, gravior utique culpa est de qua sic Scriptura hoc textatur ad Dominum dicens: Odisti etc.”.

⁵⁶ Sublinhado do próprio autor.

⁵⁷ Proverbiorum, cap. 8: “Arrogantiam, et superbiam ego detestor”.

⁵⁸ Concilium Cloves hoviae ibi: “Supervacuam autem, et Deo odibilem vestimentorum superstitionem omni intentione prohibere stude. Haec indumenta nuditatem animae significantia signa in se ostendunt arrogantiae, et superbiae, et luxuriae, et vanitatis de quibus sapientia Proverbiorum 8. ‘Arrogantiam, etc.’”.

⁵⁹ Amos 6, v. 1: “Vae qui opulenti estis in Sion ingredientes pompatice domum Israel”.

e poderozos, pella demazia de suas galas, e superfluidades do seu estado, porque aquelle **vae** no sentir de todos os *sanctos padres* denota condenação eterna, àquelles por cuja culpa a merecem;⁶⁰ como dis São Jeronimo, *Sancto Antonino* de Florença: “O ay importa a condenação eterna daquelles contra quem he a imprecação”. Arias Montano dis o mesmo.⁶¹ E finalmente todos os expopositores deste texto condenão a vaidade e a superfluidade dos ornatos a culpa mortal; porque só por esta se comina na Escriptura condenação eterna.

Não he pouco lamentavel aquelle texto de Sophonias que dis:⁶² “Farei juizo” (dis o *Senhor* pella boca do profeta)⁶³ “e castigarei a todos, os que vestem vestiduras peregrinas”. Sobres [sic] quais palavras dis Cornelio:⁶⁴ “Aprendão aqui os christaos, quanto aborrece Deus as novas modas, e excesso dos vestidos, e quam gravemente os castiga, porque estes trazem comigo a luxuria, a jactancia, a soberba, e sobretudo a falta de juizo”. Eu não sei agora, como haverá [200v/6] juizo, que admira opiniōens na espressão desta authoridade, mas se ahinda não basta ouçāo a *Sancto Antonino* de Florença, sobre o mesmo texto do propheta:⁶⁵ “Em grande maneira este vicio em o ornato, cada dia se renova; pois os homēns, e munto mais as mulheres, por vaidade, cada dia variam seus vestidos! Contra estes o *Senhor* por Sophonias dis: ‘Farei juizo, e castigarei a todos os que vestem vestiduras peregrinas’”. Ora vem ja a gravidade da malicia? Pois por esta dis o *sancto que* ha de castigar o *Senhor* e fazer juizo de semelhantes profanidades, pois o *Senhor* não uza, deste genero de ameaças, senão quando a culpa he grave, como dizem os *Sanctos Padres*.

Grandemente se declara no Evangelho esta verdade que falando Christo *Senhor* do Baptista pregando as turbas dis:⁶⁶ “Que ides ver no Baptista? Porventura he algum homem vestido delicadamente? Vede que os que vestem vestidos preciosos, e vivem em delicias, estes habitão na caza dos reys”. E esta caza dos reys que o *Senhor* dis

⁶⁰ *Sanctus Antoninus* de *Florentia* ibi: “Secundum Jeronimum vae importat damnationem aeternam, cui imprecatur, vel prenunciatur”. [Nota do editor: antes da autoria, foi raspado: “Cornelius hic”.]

⁶¹ Arias *Montanus*, in cap. 3, Nahum: “Vae certam culpam, et expectandam poenam indicat”. *Glossa interlinealis*, cap. 1 Isaiae: “Vae id est, aeterna damnatio minatur”.

⁶² Sophonias, cap. 1, v. 8: “Visitabo super omnes, qui inducti sunt veste peregrina”.

⁶³ Interpolação do tradutor.

⁶⁴ Cornelius hic: “Discant christiani, quam Deus oderit vestium novitatem, et luxum, quamque eum vindicet, et puniat, hic enim sapit molitiem, fastum, levitatem, in constantiam, defec- tumque juditii”.

⁶⁵ *Sanctus Antoninus* ibi: “Per maxime istud vitium in ornatu quotidie renovatur: dum viri, sed multo magis molieres ob vanitatem quotidie variant vestes: contra quos Dominus Sophoniae 1. ‘Visitabo etc.’”.

⁶⁶ Lucae 7, v. 25: “Quid existis videre? Hominem mollibus vestimentum indutum? Ecce qui in veste preciosa sunt, et deliciis, in domibus regum sunt”.

he a caza dos princepes das trevas do inferno, assim o entendem os expositores.⁶⁷ E tambem a Glossa Ordinaria dizendo:⁶⁸ “Aquellos que vestem vestiduras preciosas com cuja *reciozidade* corrompem seus corpos, desterrados, ou alienados do reyno celestial debaxo do poder dos demonios (que são princepes das trevas), envelhecem em as moradas deste mundo; e nenhum julgue, que na *superfluidade*, e estudo dos vestidos, não haja *peccado mortal*”; athe aqui a Glossa. A primeira parte he tomada de São Ambrozio, a segunda de São Gregorio. E São Hylario, São Ambrozio, São Vicente Ferreira entendem da mesma forma este lugar. Agora não sey eu como se pode livrar isto deante de Deus.

Não nos mostra com pouca certeza⁶⁹ esta *verdade* aquelle exemplo do rico avarento, de que trata São Lucas, dizendo:⁷⁰ “Havia hum homem rico, que vestia purpura e olanda, e cambraya, morreo este rico, e foi sepultado no inferno”. Sobre cujas palavras, dis Hugo Cardeal:⁷¹ “Argui-sse aqui este rico do excesso de seus vestidos, pello que se dis, que vestia purpura, e olanda. Argui-sse o excesso dos vestidos, por sinco capitolos, por sua *sumptuozidade*, *multiplicidade*, *curiozidade*, *inhonestidade*, e *ostentação*”. Vejão se há estas sinco couzas, ou alguma dellas, nos que hoje dezonestamente se adornão! E então verão, se estão, em companhia do rico avarento! Mas ahinda a Glossa Ordinaria tomando as palavras de São Gregorio Magno declarando este texto dis:⁷² “Se o ornato das preciosas vestiduras não fora *peccado*, não ouvera o Evangelho com tanto cuidado dito, que o rico que estava vestido de purpura, e se condenou; não se reprehende o rico, por furtar o alheyo; senão que com o proprio não remediasse ao pobre, e se por isto se condenou, que será, o que rouba o alheyo? Também o deitou no inferno, o⁷³ não saber uzar de sua *felicidade* pois os dôns que

⁶⁷ *Sanctus Hilarius* ibi: “Qui vestiti molibus sunt in domibus regum sunt in domibus transgressorum angelorum”.

⁶⁸ *Glossa Ordinaria ex Divo Ambrosio*: “Qui in veste preciosa quibus fluida divitiis membra solvuntur, exterios coelestis regni, sub jure diabolorum, (qui sunt reges tenebrarum) intra habitacula hujus mundi conserescunt; nemo putet in luxu, et studio vestium peccatum de esse”.

⁶⁹ Segue-se riscado: “aqui”.

⁷⁰ *Lucae 16, v. 19*: “Homo quidam erat dives, qui induebatur purpura, et bysso... Mortuus est autem dives, et sepultus est in inferno”.

⁷¹ *Hugo Cardinal* hic: “Arguitur autem dives de luxu vestium unde dicitur; induebatur purpura, et bisso. Arguitur autem quis de luxu vestium, propter quinque, id est, sumptuositatem, multiplicitatem, curiositatem, indecenciam, et ostentationem”.

⁷² *Glossa Ordinaria ex Divo Gregorio*: “Si cultus preciosarum vestium culpa non esset, sermo Dei non tão [sic] vigilanter exprimeret, quod dives purpura, et bisso indutus apud inferos irremediabiliter torqueretur. Nec reprehenditur dives, quod aliena rapuerit, sed quod sua non erogaverit. Quid ergo illi qui aliena rapit? Hoc etiam hunc in infernum tradidit, quia in sua felicitate timidius non fuit, quia praecepta dona ad usum arrogantiae inflexit”.

⁷³ Emendado sobre letra ilegível.

recebeu de Deus os converteo em arrogancia, e soberba”; athe aqui o *sancto*. Mas se ahinda não basta, para convencer obstinados; oução sobre o mesmo texto o Veneravel Beda:⁷⁴ “A doutrina que Christo pregava as turbas, querendo-a comprovar com exemplos, lhes mostrava que o rico vestido de purpura, por esta rezão foi irremedavelmente condenado”. Finalmente São Lourenço Justiniano dis o mesmo:⁷⁵ “Se o fausto e soberba dos vestidos, não estivera condenado, não tivera o Senhor em suas pregaçōens feito memoria da historia do rico, vestido de purpura, e olanda”. De cujo texto declaração da glossa, e Padres se faz este concludente argumento.

Huma das cauzas da condenação deste rico, foi o vestir delicados, preciosos, excessivos, e arrogantes vestiduras, porque de outra forma Christo não ouvera feito menção deste excesso, pondo-nos aos olhos sua condenação; se não fora peccado grave não podera isto haver sido concauza de sua condenação; logo o uzo deste genero de vestidos deliciosos, excessivos, e soberbos, de doutrina do Evangelho por peccado mortal os devemos reputar, assim em homēns como nas mulheres. A mayor disgráça está em conhecer-sse este maldito vicio, tanto a olhos vistos, e não haver, quem abra os olhos da alma, para a sua detestaçāo; que parece he ja castigo de Deus o continuarem em semelhantes profanidades assim o vemos por David dizendo o Senhor:⁷⁶ “Deicho-os correr segundo os dezejos de seu coração, e que vivão entregues a suas invenções”. E São Bernardino de Senna tratando desta materia dos trages, dis confiando do remedio, dos que vivem emlaçados em semelhantes vicios; e dis assim:⁷⁷ “Deiche-os correr segundo os dezejos de seu coração, e que vivão entregues a suas invenções”; que tudo isto he clarissimo sinal, que Deus como que desconfia do remedio desta enfermidade, deichando-os correr segundo seus dezejos”. E bem se mostra esta verdade com a experientia; pois nem as ruinas da propria alma, nem as quedas alheyas, nem a perdição das familias, filhos, cazas e fazendas, nem concideração alguma he bastante para apartar aos homēns deste abominavel vicio.⁷⁸

⁷⁴ Veneravel Beda hic: “Verum illa quae propusuerat exemplis adstruens, ostendit, ideo divitem purpuratum irremediabiliter apud infernos tortum”.

⁷⁵ São Lourenço Justiniano ibi: “Si indumentorum fastus non esse damnatus, de epulone divite purpura, et byssō vestito, ac in inferno sepulto Salvator noster nequaquam in predicationibus suis texuissest historiam”.

⁷⁶ Psalmy 80, v. 13: “Dimissi eos secundum desideria cordis eorum, ibunt in adinventionibus suis”.

⁷⁷ Bernardinus de Sena hic: “Dimisi eos secundum etc. Quae omnia apertissimum signum sunt, quod Deus detalium infirmitate dissidit, cum secundum desideria sua eos dimittat”.

⁷⁸ No final da margem esquerda, seguem algumas citações bíblicas igualmente presentes no tratado de Belluga, mas inseridas aqui sem chamada de nota no corpo do texto e numeração: 3 Regum 12: “Nolite declinare post vana, quae non proderunt vobis”.
Regum 16: “Provocantes Deum in vanitatibus suis”.

Ecclesiastici 1: “In vestitu ne glorieris unquam”.

Cap. 3.

Tem-se mostrado a malicia do notavel excesso em os vestidos, e adornos, em homens e mulheres, creyo que não será menos concludente a demostraçao da grave malicia dos infeites, e todo o genero de ficção com que as mulheres, pertendem notavelmente adiantar sua formozura. E para isto havemos ouvir primeiro o profeta Ozeas, que dis:⁷⁹ “Tire a mulher os adulterios de seu rosto”. Sobre as quais palavras, dis Cornelio:⁸⁰ “Por isto dá o profeta a entender, que o adulterio está em o rostro lascivo, e alegremente composto”. Porem mais declara o texto *Sancto Ambrozio*, dizendo:⁸¹ “Daqui nascem os incentivos dos vicios, e do adulterio do rostro, meditão o adulterio da castidade quando as mulheres pintão seus rostros com cores adquiridas por parecer bem aos homens”. *Sancto Agostinho* dis o mesmo, e outros muitos padres. Donde se infere, que se a Escriptura chama adulterios aos infeites lascivos, pello provocativo, não se pode livrar alguem, que os uzar assim de ter culpa grave.

Não he menos para notar as palavras que Christo Senhor Noso nos dis pello Ecclesiastico, pois declarão a grave malicia, dos infeites; donde dis:⁸² “Não tomes rostro, contra teu rosto”. Condena aqui o Senhor, dis São Bernardino, o que as mulheres fazem, quando mudão a cor natural, que o Senhor lhes deu, sobrepondo rostro de culpa, na imagem da graça, hindo contra o preceito de Deus.⁸³ Mudando a face obra da Omnipotencia, em figura de demonio; porque como dis Guillermo:⁸⁴ “Em quanto exteriormente queres parecer formoza, tomas interiormente, o rostro e figura do demonio”. E que dirão a histo as que con tanta curiosidade se empenhão, nestas torpezas? Parecer lhes há, que são figuras do demonio? Mas ahinda mal, que não só, o são no interior, mas ahinda affectão que são imagens suas no exterior. Quantas desta sorte tomão esta figura do demonio, provocando, e tentando, as almas mais puras, e recatadas, vibrando destes malditos espelhos, faiscas, de sensualidades que

⁷⁹ Ozeas 2, v. 2: “Auferat fornicationes a facie sua”.

⁸⁰ Cornelius hic: “Quo circa Ozeas significat adulterium versari in lasciva, et molliter culta facie”.

⁸¹ Sanctus Ambrosius hic: “Hinc illa nascuntur incentivata vitiorum, ut quaesitis coloribus ora depingant; dum viris displicere formidant, et de adulterio vultus meditentur adulterium castitatis”.

⁸² Ecclesiastici 4: “Ne assumas faciem contra faciem tuam”.

⁸³ Sanctus Bernardinus de Sena: “Talis, duplarem ostendit faciem, unam naturae, alteram vero culpae; naturam ostendit faciem nigram, decoloratam rugatam, culpa vero faciem de albatam, decoram, atque politam contra preceptum Ecclesiastici etc.”.

⁸⁴ Guillermus ibi: “Dum enim mulier exterius vult habere pulchram faciem interius assumit faciem diabolicam”.

fazem quebrantar, os sedros mais fortes athe *que* os prostrão por terra; e ahinda mal, *que* são cauza de darem com elles no inferno? E será possivel *que* diga ahinda alguem não he culpa grave estes adornos? Assim será, mas a experencia lhes mostrará esta verdade, *que* o Senhor tão claramente mostra nas suas Escripturas.

Dis Deus pella boca do profeta Joel:⁸⁵ “Todos os rostros serão reduzidos, a huma olha”. E Guillemo dis *que* o profeta quis significar o castigo eterno *que* Deus ha de dar, ao *que* querendo fingir sua formozura altera a figura de seu rostros [sic], e assim dis:⁸⁶ “O rostro, *que* a molher toma, contrario ao rostro natural no dia de Juizo será castigada por elle segundo aquillo do Joel: ‘Todos os rostros serão reduzidos a olha’”; advirtindo, *que* olha, he o mesmo *que* inferno. E mais claro fala o Senhor por Izayas,⁸⁷ como falando com huma destas faiscas do inferno; e dis assim:⁸⁸ “Te adornaste, e com regio unguento multiplicaste os infeites, e cores de teu rostro, e foste humilhada athe aos infernos”. E pello⁸⁹ profeta Ezechiel, falando das mesmas molheres *que* assim se ornão, dis:⁹⁰ “Abominavel fizestes tua formozura”. Expoem São Bernardo este texto e dis:⁹¹ “Abominavel fizestes tua formozura com tuas vaidades, pellas quais em corpo e alma ja começas a participar do inferno”. Não quero deichar huma gravissima authoridade de São Cipriano, cujas palavras, formais são as seguintes:⁹² “Emmendar quer a obra de Deus o *que* pertende reformar o *que* Deus formou, como se não soubera, *que* tudo o *que* nasce he obra de Deus; e tudo o *que* se emmenda he do demonio. Julgas tu, *que* ha de ficar sem castigo, a audacia de tão maldita temeridade e a offeça de Deus artifice? Impugnar isto he contradizer a divina obra, e he prevaricaçāo da verdade. O teu Deus dis *que* não podes fazer hum cabello branco, ou negro, e tu vencendo, e desmentindo a vos de teu Deus queres mostrar-te mais poderozo? Com audaz esforso, e com sacrilego desprezo,⁹³ teus cabellos tinges, e adereças com munto mal presagio do *que* te ha de soceder, pois ja parece *que* suspeitas, *que* com essa cor *que* lhes das, he fogo em *que* ha de arder. E ahinda peccas? Oh maldade”; athe aqui dis o *santo*.

⁸⁵ Joel 2, v. 6: “Omnes vultus redigentur in ollam”.

⁸⁶ Guillelmus ibi: “Facies enim <a>sumpta contraria est faciei naturali et in futuro pro ea punietur. Joelis omnes vultus etc.”.

⁸⁷ Segue-se palavra riscada.

⁸⁸ Isayae 57, v. 9: “Ornasti te regio unguento, et multiplicasti pigmenta tua.. Et humiliata es usque ad inferos”.

⁸⁹ Segue-se riscado: “Eclesiastico”.

⁹⁰ Ezechiel 16, v. 25: “Abominabilem fecisti decorem tuum”.

⁹¹ Divus Bernardinus hic: “Scriptum est ‘abominabilem etc’; scilicet [sic] cum tuis vanitatibus, propter quas corpore, et mente jam in presenti incipias participare infernum”.

⁹² Divus Cyprianus de disciplina, et habitu virginum prope medium.

⁹³ Segue-se palavra riscada.

Acabe pois de concluir este discrusso aquelle *texto* de Izayas, donde dis o *Senhor*:⁹⁴ “Ay daquelle *que* contradis ao seu Creador!” Alem de muntas expoziçōens deste *texto* em *que* demostrão, o reprehencivel, e abominavel deste vicio; baste só o veneravel Bernardino de Bustos; cujas palavras são as seguintes:⁹⁵ “He reprehencivel o ornato das mulheres por rezão dos infeites, pella injuria *que* fazem, a seu Creador, e a *que* com seus infeites quer parecer outra da *que Deus* criou; porque esta molher vāa quer contend, ou disputar com Deus, *que* a fes, *que* a podia ter criado mais formoza, e o quer emmendar; e he o mesmo *que* se dicera: ‘Tú *Senhor* me creaste trigueira, eu me farei branca. Tú me fizestes pequena, eu me farei grande. Tú me destes poucos cabellos, eu acrecentarei muntos. Tú mos destes negros, eu os⁹⁶ farei brancos. Tú me fizestes palida, eu me farei vermelha’, contra estas exclama Izayas dizendo: ‘Ay daquelles, *que* contradizeis [f. 201v/8] e quereis emmendar a vosso Creador!’ Porque havendo dito Christo por São Matheos,⁹⁷ ‘ninguem pode fazer hum cabello branco, ou negro’, estas mulheres com seus artificios, e ficçōens querem desmenti-lo, e por esta rezão o rostro *que* pintão com cores, não as conhece Deus; porque não as criou assim.⁹⁸ Pois *Sancto* Hieronimo dis, exclamando: ‘Con *que* confiança, levantas, ó mulher, ao ceo teu rostro *que* o Creador não conhece?’ E o mesmo he dos *que* levão cabellos postiços, artificiozos por vangloria”. Athe aqui dis o *padre*. Ora vejão agora o estado em *que* está o mundo, e como andão contentes estas tais, e peyor he *que* fazem suas devoçōens, e vão à igreja desta sorte a confessar-sse munto boa penitencia he esta *para* o demonio; lá o verão mais claro. Por isso este adulterar da Natureza, chega a ser culpa grave deante de Deus pello *que* munto provoca, ao proximo, e a Deus, *para* o castigo. Não falo aqui nos decotados, e meyos decotados das mulheres, e brassos descubertos, porque ninguem duvidou ahinda fosse culpa mortal, e por isto he escuzado mostrar textos, *para* provar esta malicia.

⁹⁴ “Vae qui contradicit factori suo”.

⁹⁵ *Bernardinus* de Bustos, sermone 28, de Ornato mulierum, parte 2, § 3: “Reprehensibilis est”.

⁹⁶ Palavra emendada sobre outra ilegível.

⁹⁷ *Mathaei* 5, v. 36: “Non potes unum capillum album facere, aut nigrum”.

⁹⁸ O tradutor apresenta mais duas citações à margem direita que não possuem numeração de nota, nem se encontram referenciadas no texto:

Genesis 38, v. 14: “Depositis viduitatis vestibus assumpsit therystrum, quam cum vidisset Judas suspicatus est esse meretricem”. Essa foi Thamar.

Tertulianus hic: “Quia se expiuxerat, et ornaverat, idcirco, Judae suspitione visa est, quaestui sedere”.

Cap. 4.

Bem parece não era necessaria mais autoridade da *que*, a *que* temos expressado para provar a menor da nossa concluzão; mas para *que* não possa haver duvida, no preceipto *que Deus Senhor Noso* impoem, para *que* se não uze de demaziados adornos, veremos, expressamente como o *Senhor* prohibe semelhantes demazias, impondo preceipto, para *que* se não uzem; o primeiro he pello apostolo São Pedro donde dis:⁹⁹ “As mulheres vivão sujeitas a seus maridos, de forma *que* possão aprender estes em seu *sancto* temor, e casta converçāo, e seu adorno não seja o exterior dos crespos em seus cabellos, nem outra compoziçāo, nem guarniçōens de ouro em seu vestido, nem o ornato dos multiplicados, e preciozos vestidos; porque seu cuidado ha de ser, *que* seu interior viva, em incurriptibilidade ou integridade de hum spirito quieto, e modesto”. Athé aqui o texto. E para *que* não cuidasse algum temerario, *que* isto hera só concelho de *Deus*, acudirão os sanctos padres a certificar, *que* era preceipto do *Senhor* esta observancia. São Jeronimo lhe chama preceipto, dizendo:¹⁰⁰ “Não seja o ornato das mulheres a compoziçāo da cabeça com ouro, nem preciozos vestidos”, MANDANDO estas couzas São Pedro, não impoem obrigaçāo às mulheres, de vestir-se de panos humildes, senão lhes prohibe o immoderado, e exquizado ornato”.

São Damião chama preceipto de São Pedro, dizendo:¹⁰¹ “São Pedro pede nas mulheres o verdadeiro ornato espiritual da alma, quando lhes PROHIBE a compoziçāo lasciva, e meretricia dizendo: ‘Não ha de ser seu adorno, etc.’”. São Fulgencio, chama tambem preceipto; dizendo:¹⁰² “Atende ao *que* São Pedro MANDA às cazadas a quem lhes prohibe o superfluo ornato do traje exterior”. O Angelico Doutor chama tambem preceipto da Divina Ley, dizendo:¹⁰³ “PRECEIPTO da Ley Divina, porque em a 1. Epistola de São Pedro no cap. 3. se dis: ‘Não seja a compoziçāo das mulheres

⁹⁹ 1 Petri, cap. 3 à v. 1: “Similiter et mulieres subditae sint viris suis... conciderantes in timore castam conversationem vestram. Quarum non sit extrinsecus capillatura, aut circundatio auri, aut indumenti vestimentorum cultus; sed qui absconditus est cordis homo in incorruptibilitate quieti, et modesti spiritus”.

¹⁰⁰ *Sanctus Jeronimus* hic ad Celantiamde: “Hec autem precipiens, non eas jubet, squallore, et sordibus, et horrentibus pannorum assumentis tegi, sed immoderato cultui, et nimis exquisito interdicit ornatu”. [Nota do editor: foi riscada uma palavra ilegível após “assumentis”].

¹⁰¹ *Petrus Damianus* ibi, libro 6, epistola 11: “Hunc denique cultum, hunc indumenti spiritualis ornatum idem Petrus etiam a mulieribus exigit, cum eis lenocinantis, ac lupanariae compositionis faleras interdicit, quarum sit, inquiens, non extrinsecus capillatura etc.”.

¹⁰² *Sanctus Fulgentius* ibi: “Atende quid *Beatus Petrus* etiam conjugatis mulieribus mandet, quibus exterioris habitus interdicit ornatum”.

¹⁰³ *Sanctus Thomas*, 2. 2, *quaestione* 189, *articulo* 2: “Praeceptum Divina Legis dicitur enim 1 Petri cap. 3. ‘Quarum’, etc.”.

etc.”. Dionizio Cartusiano fala mais claramente nesta materia, e assim dis:¹⁰⁴ “Não havemos de julgar *que* estas couzas só se PROHIBEM às mulheres, mas antes com mais rezão aos homens, e aos mossos mais *que* às mulheres”. (E acrescenta) “Preguntaste se as mulheres peccão mortalmente em o uso dos referidos vestidos preciosos, e curiozos?” (E responde) “Universalmente em todos os christãos de hum, e outro sexo, se há de evitar todas as immoderadas curiozidades, pompozidades, preciozidades e superfluozidades nos ornatos, e vestidos, do *que* fica claro *que* he PECCADO MORTAL”. Atho aqui o *padre*. Vejão agora se há preceipto da ley de Deus para não uzar de tantas curiozidades quantos hoje se inventão, pompas preciozidades e superfluidades não só nos ornatos dos corpos, mas das cazas, e na multiplicidade de carruagéns, e mais couzas *que* os pios olhos lamentão, e chorão; e os acredores gritando, e clamando ao Ceo justiças. E como poderá ser isto leve nos olhos de Deus se ahinda nos <do> mundo he tão lamentavel?

O segundo preceipto *que Deus Senhor Noso* impoem, para *que* se não uze de demazias nos trages e infeites, explicou pello apostolo São Paulo, donde dis:¹⁰⁵ “As mulheres an de estar vestidas, e adornadas com vergonha e sobriedade, e não com os cabellos crespos, ou outra compoziçao com ouro, ou perolas, ou vestido precioso; senão como convem a mulheres *que* professão a piedade pellas boas obras”. Este texto, como de São Pedro está conforme, porque o mesmo *que* dis hum affirma, o outro; e os sanctos padres, todos uniformes dizem tambem [f. 202/9] *que* he preceipto este do apostolo São Paulo. Bem o certifica São João Chrisostomo dizendo:¹⁰⁶ “As mulheres as mais das vezes por leviandade, quebrantão o preceipto do Apostolo, *que* MANDA, *que* nem emcrespem os cabellos, nem se adornem, com ouros, nem perolas, nem vestiduras superfluas; e isto não obstante o executão com grande excesso”. São Gregorio Magno, dis mais:¹⁰⁷ “Nenhum julgue, *que* não há peccado no excesso, e

¹⁰⁴ *Dionisius Cartusianus* ibi: “Nec putandum quod solis faeminis, ista prohibeantur, imo prohibentur, *et* viris, ac juvenibus etiam magis quam faeminis, quoniam in eis magis peccant, quam muliereres..... Quaeritur an mulieres mortaliter peccent in ornamentis praefatis, *et* preciosis curiosisque vestibus. (Et respondens ait) Universaliter omnibus christianis utriusque sexus vitandae sunt omnes immoderatae curiositates, pompositates, praeciositates, superfluitates in ornamentis, ac vestibus (quod confirmat ex Hieronimo, *et* concludit) ex quo innotescit quod sit mortale peccatum”.

¹⁰⁵ 1 Pauli ad Thymotheum 2, v. 9: “Mulieres in habitu ornato cum verecundia *et* sobrietate ornantes se, *et* non in tortis crinibus, aut auro, aut margaritis, vel veste preciosa, sed quod decet mulieres promitentes pietatem per bona opera”.

¹⁰⁶ São João Chrisóstomo, in Genesim, *homilia* 21: “Mulieres plerique ob nullitiem Apostolicum mandatum transgredientes, quod jubet, ne tortis crinibus, vel auro, vel margaritis, vel veste sumptuosa se ornent, magno luxu hoc faciunt”.

¹⁰⁷ *Sanctus Gregorius Magnus*, in *homilia* 6, in *Evangelio*, tomo 3: “Nemo ergo existimet in luxu, atque studio perciosarum [sic] vestium peccatum deesse; quia si culpa non esset, nequam Paulus Apostolus per Epistolam foeminas á perciosarum vestium compesceret usu, dicens: ‘non in veste preciosa, etc.’”

estudo dos vestidos preciosos, porque se não fora culpa São Paulo em sua epistola, não prohibirá às mulheres o uso destas vestiduras preciosas; dizendo: ‘Não vistais vestiduras preciosas’. São Cipriano, expoem o mesmo dizendo:¹⁰⁸ “Dizes que es rica, pois a tuas riquezas acode São Paulo, para moderar, e por justo termo, a teu culto, e ornato, e con suas vozes MANDA, e dis: ‘As¹⁰⁹ mulheres se há de adornar com vergonha, e pudicicia etc.’”. Sancto Agostinho dis o mesmo:¹¹⁰ “Escripto está em primeira epistola a Timotheo, que as mulheres DEVEM, não adornar-sse com sobrepuertas de ouros, cabellos rizados, e couzas semelhantes; que ou para a vâm pompa a alegre formozura custumão uzar, e com rezão são reprehendidas”. O Abulense chama tambem preceipto dizendo:¹¹¹ “Este ornato se chama propriamente impudico, e inverecundo, qual o Apostolo São Paulo prohibe em sua primeira epistola a Timotheo”. Sancto Adelmo, chama tambem preceipto a ambos os textos de São Paulo, e São Pedro, e fala grandemente nesta materia dis assim:¹¹² “Uzam-se com abuso os ornatos deste mundo, de preciosas cores, contra os apostolicos MANDADOS, E SABIDAS LEYS porque o Pastor da Igreja, e Craveiro do Ceo, uzando de sua pontifícia autoridade promulga ley dizendo: ‘Não seja o ornato exterior da mulher o ouro, nem o culto dos vestidos’; atque aqui dis o sancto. Vejão agora, os que murmurão, e dizem, que são perluxidades, reprehenderem os missionarios pellos pulpitos, a gravidade desta culpa, se vendo a ley de Deus ultrajada, tanto a olhos vistos, sem temor, nem romorso de conciencia, mais duros que pedras, para o seu dezengano.

Erasmo chama tambem preceipto a do apostolo São Paulo, como expoem dizendo:¹¹³ “O Apostolo MANDA às mulheres uzar de vestido modesto”. Theophilato fala da mesma forma dizendo:¹¹⁴ “o Apostolo DEMANDA, OU PEDE POR OBRIGAÇÃO, às mulheres, que vistão com modestia, e não superfluamente porque o superfluo não

¹⁰⁸ *Sanctus Ciprianus* ibi: “Locupletem té dicis, et divitem, sed divitiis tuis Paulus occurrit, et ad cultum, atque ornatum tuum justo fine moderandum sua voce prescribit. Sint, inquit, mulieres cum verecundia, et pudicitia componentes si”.

¹⁰⁹ Emendado de: “ás”.

¹¹⁰ *Agostinho, epistola 199, tomo 2*: “Scriptum est quidem mulieres esse non debere in habitu ornato aurique compositione, et intorsione crinum, et caetera hujusmodi quae vel ad innanem pompam, vel ad illecebrem formae habere solent”.

¹¹¹ *Abulensis* ibi: “Talis ornatus vocatur proprié impudicus, et inverecundus quam Apostolus prohibet 1 ad Thimotheum”.

¹¹² *Sanctus Adelmus, de Laudibus virginitatis*: “Utuntur mundi ornamenta purpureae preiosis tinturae muricibus colorata contra Apostolica estatuta, et legalia scita: Si quidem Pastor gregis dominici, et Janitor coelestis aulae ita autoritate principali, et autentico pontificatu promulgat: ‘Sit mulieri non exterior ornatus, aut auri, aut vestir cultus’”.

¹¹³ *Erasmus* ibi: “Paulus jubet foeminas uti amictu modesto”.

¹¹⁴ *Theophylact* ibi: “Apostolus a mulieribus postulat, nempe, ut vestiantur ornate, et non superflué, luxus enim non ornat”.

adorna”. Sezario expositor dos Juizes, contexta o mesmo, dizendo:¹¹⁵ “Quantas, e quam GRAVES SEJÃO AS REPREHENÇÕES destes ornatos das molheres? Em as Divinas Escripturas, por Izayas, por Ozeas, por São Paulo, por São Pedro, pellos sanctos padres, por *Sancto Hieronimo*, Cipriano, Bazilio, Chrisostomo, Nazianzeno, Tertuliano, Clemente Alexandrino. Nos Gentios; Livio, e outros muntos *que* refere Clemente Alexandrino”. Finalmente todos unanimes, *que* escrevem sobre estes textos de São Pedro, e São Paulo contextão ser preceipto, *que Deus* poem, a demazia do luxo; confirme o Angelico Doutor São Thomas, sobre o mesmo texto, *para que* se veja claramente o *que* o Senhor prohíbe, em ambos os sexos; dis assim:¹¹⁶ “O Apostolo a Thimeteo escreve, *que* as molheres se han de vestir com ornato modesto, adornando-sse com decencia, e sobriedade; não com cabellos crespos, ouro, perolas, e vestidos preciosos, no qual se dá a entender, *que* o moderado ornato, não se prohíbe, às molheres, senão o superfluo, o impudico, e o provocativo”; athe aqui dis o *sancto*.

Que este preceipto Divino, seja com mais rezão aos homens, se não pode duvidar, porque assim o affirmão os sanctos padres, e sagrados expositores. São Gregorio dis:¹¹⁷ “Imaginai, e conciderai, *que* culpa será appetecer os homens este ornato, *que* o Apostolo prohibio nas molheres”. São João Chrisostomo, tambem dis:¹¹⁸ “As molheres por liviandade quebrantão o preceipto do Apostolo e com grande excesso, o executão, e não só as molheres, senão *que* qualquer homem *que* fazendo-sse semelhantes às mulheres, as imitão neste nimio excesso”. E mais claramente fala *Sancto Hieronimo*, citado por Dionizio Cartusiano, donde sente ser peccado mortal, nos homens, e molheres, o notavel excesso dos adornos dizendo:¹¹⁹ “Se o homem, ou a mulher, se adornar de forma, *que* mutuamente possão provocar-se, ahinda *que* disto se não siga nenhuma ruina spiritual, padecerão a eterna condenação, porque offerecerão o veneno, se ouvera, *quem o bebece*”. Quem me dera agora ouvir aquelles, *que* dizem

¹¹⁵ *Sesarius*, in *Judit* 13: “Quam enim multae, et graves mulierum istius modi ornamentorum reprehensiones? In scripturis Isayaee 3, Ozeae 2, Pauli 1 ad *Thimotheum*, Petri 1 cap. 3, et apud Patres Hieronimum, Cyprianum, Chrisostomum, Tertulianum, Clemente Alexandrinum; imo apud Gentiles, Libium, et alios quos affert loco citato Clemens”.

¹¹⁶ *Sanctus Thomas* ibi: “Unde *Apostolus* ad *Thimotheum* 1 dicit, ‘molieres in habitu ornato cum verecundia, et sobrietate ornantes se non in tortis crinibus, aut auro, aut margaritis, aut veste preciosa’, per quod datur intelligi, quod sobrius, et moderatus ornatus, non prohibetur mulieribus, sed superfluu et inverecundus, et impudicus”.

¹¹⁷ *Sanctus Gregorius*, *homilia* 6, in *Evangelio*: “Pensate quae culpa sit, hoc etiam viros appetere a quo curavit Pastor Eclesiae, et foeminas prohibere”.

¹¹⁸ *Divus Chrisostomus*, *homilia* 21, in *Genesim*: “Mulieres pleraque ob mollitiem Apostolicum mandatum transgredientes quod jubet; ‘Ne tortis crinibus’, etc. Hoc faciunt, neque mulieres tantum, sed, et viri quicunque mollitie mulierculis similes fiunt”.

¹¹⁹ *Sanctus Hieronymus* apud *Dionizium*, in 1 Petri cap. 3: “Si vir vel mulier se ornaverit, et vultus hominis ad se provocaverit, et si nullum inde sequatur damnum, *juditum* tamen practicetur aeternum, quia venenum atulit si fuisse, qui biberet”.

(carregados de ignorancia) *que* se não ornão *para* fazer mal ao proximo? Ou como dizem, *que quem* não quizer ver, *que* tape os olhos, se ahinda com elles tapados, não tirão a culpa ao escandalozo, ou escandaliza? Oh Deus! Emfim o Abulense dis:¹²⁰ “O mesmo *que* temos dito das mulheres, se há de dizer dos homens, quando se adornão curiozamente *porque* tambem incitão às mulheres, a *que* as [sic] dezejem”. Todos os sanctos padres, e expositores, dizem o mesmo e não pode ficar a menor duvida, na certeza da menor do nosso sylogismo; em *que* diziamos, *que* se dava preceito prohibitivo ao¹²¹ excesso dos trages.

[f. 202v/10] E *para* maior confirmação de todo o referido, o Angelico Doutor São Thomas deficulando se o Apostolo, expressa as especias, em *que* se divide a luxuria, poem a mesma luxuria por especia distinta dizendo:¹²² “Ao sexto se ha de dizer, *que* a palavra luxuria, em o citado lugar de São Paulo, se entende por qualquer superfluidade; como o dis a Glossa interlinial”. E Angelo, e Rozela fundão neste texto a culpa mortal, a superfluidade excessiva do ornato; e assim dis:¹²³ “O quarto se requer no ornato he a parcimonia, e moderação, convem a saber, *que* não seja superfluo, na multidão, e divercidae, como nos muntos vestidos, e adornos, e couzas semelhantes, ou na preciozidade, ou curiozidade; porque o uso superfluo he de todo viciozo, de donde São Paulo aos de Galacia cap. 5; entre outras couzas *que* dis *que* excluem do Reyno do Ceo, havendo dito da fornicação, poem tambem a luxuria, donde dis a Glossa:¹²⁴ ‘Qualquer superfluidade se entende, *que* notavelmente exceda, *para que* seja peccado mortal’. Donde São Thomas dis, *que* os *que* fazem ornatos superfluos, e curiozos peccão, e quando a superfluidade he notavelmente excessiva, *que* he mortal”. E baste isto *para* concluir este discrusso; donde evidentemente se tem mostrado, a gravidade da culpa, *que* hoje se practica, tanto sem temor de Deus pois não escapa pequeno, e grande, *que* não fique comprehendido, nesta lamentavel disgráça; valendo-sse de opiniōens, à sua vontade *para* fugirem do preceito da Ley de Deus. Como se essas opiniōens fossem a sua salvação, e não a sua perdição; o certo he *que* eu só creyo, o *que* encina a fé catholica, e não os aduladores, *que* tambem, ficarão confuzos no tribunal divino, quando virem a falcidae dos seus dictames.

¹²⁰ Abulensis, in *capitulo* [?] 11 Mathaei, *quaestione* 24: “De viris autem idem dicendum est, quando se ornant curiose, *quia* etiam per hoc foeminas incitant in concupiscentiam sui”.

¹²¹ Emendado de “do”.

¹²² Sanctus Thomas, 2. 2ae, *quaestione* 154, *articulo* 1, ad 6^a: “Ad sextum dicendum, etc.”.

¹²³ Angelus, *verbo* ornatus, n. 6: “Quantum [sic] quod, etc.”.

¹²⁴ O texto apresenta aqui um sinal de asterisco, que remete à seguinte nota situada à margem esquerda e sem numeração: Magister Sententiarum, in Epistola ad Galathas cap. 5, *verbo* [?] luxuria: “quaelibet superfluitas”.

Cap. 1.

Fora obra dilatadissima, o quer provar semelhante materia com authoridades de sanctos padres, assim gregos como latinos; mas do melhor modo *que* puder, tresladarei aqui algumas, *para* mostrar, ou provar a menor de outro sylogismo, concludente, em *que* se verá como he abominavel aos olhos de *Deus* a demazia dos infeites, e trages profanos. Seja pois da maneira seguinte.

2

TUDO AQUILO, EM *QUE* OS PADRES DA IGREJA UNIFORMEMENTE CONVEM, *QUE* HE PECCADO MORTAL, OU DECLARANDO-O, COM EXPRESSOS TERMOS, OU CON EQUIVALENTES, SE DEVE REPUTAR, E TER POR TAL. ATQUI OS PADRES TODOS DA IGREJA, UNIFORMEMENTE CONVEM, EM *QUE* O NIMIO EXCESSO DOS TRAGES, E ADORNOS HE PECCADO MORTAL, DECLARANDO-O COM TERMOS EXPRESSOS, OU EQUIVALENTES; LOGO ESTE EXCESSO O DEVEMOS REPUTAR, E TER POR PECCADO MORTAL.

A mayor deste sylogismo, he tão certa, *que* he asentado entre os theologos, *que* fora quando menos temeraria, qualquer prepozição contraria, ao *comum* concensu dos Padres da Igreja; e basta dizer São Damião Papa *que* o *que*¹²⁵ “teme a *Deus* Omnipotente, nem contra o Evangelho, nem contra os apostolos, nem contra os profetas, ou stabalecimentos ou doutrinas dos sanctos padres, de nenhum modo permite contradizer-se”. Resta agora provar a menor, de *que* seja o *comum* concensu dos padres, a proibiçao dos trages superfluos, e demaziados. Muntos são as authoridades *que* li nesta materia; porem as *que* pude escrever com mais brevidade se podem ver, nas expozições dos textos antecedentes; *que* todas confirmão a menor desta concluzão; e ahinda apontarei algumas, *para* maior dezengano. Dis pois São João Chrisostomo:¹²⁶ “Ahinda *que* os ricos todas as riquezas *que* tem, as distribuirão aos pobres, nem desta forma fugirão do castigo dos peccados das delicias de seus vestidos”. E falando o mesmo *sancto* sobre as mulheres dis: “Impocivel he ter algum cuidado da alma, tendo tanto no ornato, e formuzura do corpo; porque como poderá esta alma contemplar alguma couza util, nem vir no conhecimento das couzas spirituaes, entregue por huma ves às couzas terrenas, e arrastrada a ellas, *que* nunca, pode levantar a cabeça a ve-las pello *que* a ssi mesma, por estas vaidades se grava, com a carga de innumeraveis peccados quantos males destes nasção não posso em hum sermão referi-llos”; athe aqui o *sancto*. Donde se ve *que* não só hum mas muntos

¹²⁵ *Divus Fabianus Papa*, cap. Qui omnipotenti, 11, *quaestione* 3: “Qui omnipotentem Deum metuit, nec contra Evangelium, nec contra Apostolos, nec contra Profetas, vel sanctorum Patrum instituta aliquid ullo modo agere consentit”.

¹²⁶ *Sanctus Joannes Chrisostomus*, *homilia* 37, in *Genesim*, prope finem, *tomo* 1: “Nam si omnia etc.”.

peccados graves acha o *sancto* nestes excessos; e os que uzão destas mizerias, parece-lhes, que não há couza mais *sancta*. Mas oução o mesmo *sancto* padre em outro lugar dizendo:¹²⁷ “Tu como animal immundo persuadido do demonio, te entregas a suas artes em todas estas *reciozidades*; este teu inimigo as tem [f. 203/11] inventado, para que privado da bem-aventurança, sejas entregue a essas mizerias; e por ellas pospóens a Deos antepondo ao demonio, que te offerece as sedas, e para melhor dizer, não são as sedas as que o demonio te offerece, porque estas obras são de Deus; o que te offerece nellas he as delicias, e a sensualidade”. E outro lugar dis o mesmo *sancto*:¹²⁸ “Quando nimiamente te adornas, ó mulher, então estás mais torpe, que se estiveras nua porque com esse vestido te despiste da honestidade”. E mais abacho continua o *sancto*: “Portanto tenho dito, que o nimio estudo de adornar-sse a molher, ou homem, he de sua natureza mao, ahinda que nenhum outro mal nescera desta composição nimia, e fora então licito pode-lo trazer sem este perigo da castidade mas he porque tras concigo a vamgloria, e soberba, com desprezo de outros; e tambem nascem outros muntos males desta curiozidade de adorno, que são as suspeitas, os gastos sem neçecidade; as pragas, a avareza, e as occaziōens de muntos enganos”; athe aqui o *sancto*. E quem tiver curiozidade pode ver nos lugares citados da sorte que fala o *sancto* nesta materia, e se vera se he culpa grave este adorno de que falamos; pois sem ser necessaria reflexão, alguma o expressa.

São Bazilio expressamente falando, dis que he culpa grave. Oução as suas palavras ultimas depois de haver declarado, e reprehendido as profanidades¹²⁹ dis o *sancto*: “Donde estão aquellas senhoras, para quem com tanto estudo, e cuidado se buscavão estas *reciozidades*? Porventura não estão ja todas reduzidas a terra, e esquecido tendo acabado suas maquinas, como jogos de meninos que sobre areas edeficão torres, mas acabarão, seus possuidores, e pello ambiciozo estudo destas vaidades estão sepultadas no inferno”; athe aqui o *sancto*. Aqui se ve ser culpa tão grave, que dá com elles no inferno. E o mesmo *sancto* lamentando o estado destes que uzão das profanidades,

¹²⁷ Idem, *homilia* 50, in *Mathaeum*, non longe a fine, *tomo* 2: “Tu vero ad terrena quasi porcus diabolus artibus persuasus, devolveris; haec enim omnia ille excogitavit, ut illa tu Beatitudine privatus, et ad haec misserrima detrudaris. Ita Deus, qui *Coelum* tibi offert á diabolo serica tibi litia offerente superatur: imo vero nec ista offert diabolus, opera enim haec [...] etiam Dei sunt sed mollitem, luxum etc.”. [Nota do editor: entre “haec etiam” foram riscadas duas letras.]

¹²⁸ Idem, *Homilia* 10, in *Epistola ad Colosenses*, *tomo* 4: “Quando vehementer ornaris, ó mulier, tunc nuda quavis turpior fact es”.
Et infra: “Et ideo dixi quod *magnum* etc.”.

¹²⁹ *Bazilius*, *homilia* 7: “Ubi, quaeſo, nunc tantus operum splendor, et apparatus? Ubi et ille cui horum magnificentia studebatur? Nonné haec dispersa solo aequata, et abolita veluti puerorum lidrica, qui inter arenas turres existat, omnia perierunt: author vero ob rerum vanarum studium ambitiosum in inferno sepultus est.”

especialmente das mulheres, *que* se descompoem dis:¹³⁰ “*<Ha>*¹³¹ certo ornato, *que* as mulheres uzão *que* baxa do pescoço ao peito, com humas delicadas cadeyas, ou cordões, *que para que* todos os possão ver, he necessario, *que* descubrão, e levem indecorozamente os peitos à mostra!”. Não parece senão *que* estava vendo o *sancto* as joyas de diamantes, e todo o genero de pedras preciosas, *que* em forma de cruzes pendentes destas mesmas cadeyas, ou cordões de ouro *que* trazem as mulheres, *para* adornar os peitos; e são taes, *que* querem adorna-los com a reprezentação, e memoria da morte de *Jesus Christo*, pobre e humilde, abatido, nú, coroado de espinhos, e pendente de tres cravos *para* nosso exemplo, e remedio. Ora oução agora ao *sancto* referido: “Certamente todas estas couzas lhes serão à molher tiradas, quando ella, e todos seus adornos como elles são, aparecerão deante do juis, quando cheya de temor e espanto perdida sua cor, toda palida, as sobrançelhas baxas, seus olhos postos em terra feyo seu rostro, tirando-lho o *Senhor* e todos seus ornatos, e a gloria da composição de seu adorno, porque dis por seu profeta, e ameaça *que* lhes há de tirar tudo quanto lhes tem servido a seu culto, e ornato, e todas suas cores, e infeites com tão ingenhoso artificio compostos”. E depois tratando depois dos vestidos torna a repetir: “O *Senhor* dis, *que* lhes ha de tirar a gloria, e explendor de seus vestidos, e adornos *para* sua mesma ruina, e de quantos familiarmente os uzão; e assim toda a molher *que* abuza do vestido, com esta cominação ha de ser despojada”. Agora pergunto: E reputava o *sancto* por grave culpa estes excessos nos vestidos, e nos infeites, e desnudezes, *que* hoje por nossos peccados se uzão? Entendo, *que* ninguem dirá o contrario,¹³² vendo estas verdades catholicas.

São Gregorio Nazianzeno dis:¹³³ “Guarday-vos ó mulheres, olhais não adereçais vossas cabeças, com alheyos cabellos, com os quais façais torres, descubrindo delicada, e artificiozamente o pescoso, e espaldas, nem tampouco vosso rostro imagem de *Deus* nem o pinteis, e adultereis, com as feyas cores, e infeites de forma *que* não seja a imagem de *Deus* a *que* levais, senão caratula, ou figura do demonio?” Mais abaxo dis o *sancto*: “Vê e teme, olha não te diga *Deus* irritado: ‘dize-me ó mulher alheya, donde está teu pintor, e teu criador? Eu não te pintei bruto, senão fis-te imagem minha. Pois *que* he isto? *Que* buscando eu minha amada imagem, me acho com hum idolo?’ Idolo chama o *sancto* a esta vam composição, e figura do demonio; em *que* se ve a grave culpa, *que* só por peccado grave fica o homem demonio.

¹³⁰ Idem, ibidem: “Mundus est quidam muliebris, et ipse dimissus, et impactus descendens, laxatis, ac molibus catenulis propendens, qui ut omnibus sit conspicuus, necesse prorsus est, ut quae circa pectus sunt, particulae indecore denudentur”.

¹³¹ Escrito sobre palavra riscada.

¹³² Segue-se riscado: “vest”.

¹³³ *Sanctus Gregorius Nazianzenus*, oratione 11, in *Laudem sororis Gorgoniae*, tomo 1: “Cavete, ó mulieres, ne caput vestrum etc.”. Per totum.

São Clemente Alexandrino falando do artificio, *que* se uzava, naquelles seus tempos, dos sapatos e *que* hoje se uza, abominando-os dis:¹³⁴ “Da mesma forma nos calçados, se achão soberbas, e arrogantes as mulheres, e mostrão grande [f. 203v/12] luxuria, e sejão verdadeiramente torpes, aquelles calçados, *que* uzão, com ouro”. Se o *sancto* vira hoje o *que* vay nisto, na *cidade* de Lixboa especialmente *que* diria? Conhecendo os fins, e principios com *que* isto se uza? Te-lo-hia o *sancto* por compostura? Ora deicho a resposta, para estes darem a Deus *que* os ha de julgar. E passando o *sancto* a tratar, de todo o excesso dos homéns nos trages dis:¹³⁵ “Tem chegado a tanto, este excesso, *que* não só as mulheres, adoecem deste vam estudo, senão tambem os homéns seguem este mesmo vicio, pois os *que* não são sobrios, e puros, no ornato do seu corpo, estes não são sáos em sua alma, porque declinando, ao delicado dos vestidos, de todo se afeminão”. E acrescenta logo: “Não pode ser torno a dizer, *que* não pode ser, *que* tenha a alma pura, o *que* adorna sua cabeça com adulterinos infeites. Todas as couzas as tem mudado este excesso nos vestidos; porque estes tem cheyo o homem de honra, porque a delicada, e superflua curiozidade dos vestidos busca todos os males, todos os acomete, athe forsar a natureza. Oh spectaculo digno de chorar-sse com lagrimas de sangue! Oh nefando estudo! Estes são os trofeos, *que* se mostrão, ou tirão desta civil imtemperança: as mesmas torpezas, *que* se cometem o estão publicando, e reprehendendo. Oh quanta maldade he esta! E *que* não admitirão as mulheres propenças à liviandade vendo nos homéns esta mesma propenção a seu ornato? Mas *que* digo, em chamar-lhe homens? Molheresinhas se han de chamar, cujas vozes são de taes, porque seus vestidos, e delicadeza são de taes, de seu exterior se argue, o *que* elles são de seu vestido de seus sapatos, de sua cabeça, de sua figura e aspecto! Assim o dis a Escriptura: ‘De seu aspecto se conhacerá o varão!'; athe aqui são palavras do *sancto*, *que* bem se mostra se não fora culpa grave, não fizera tão grave reprehenção.

São Justino Martir declara tambem esta gravidade quando dis:¹³⁶ “Ha de sse observar em primeiro lugar aquellas couzas *que* pertencem ao ornato das mulheres, os deleites, e torpezas, *que* em si ocultão; as quais como se hão ocultamente daqui ficão por sua mesma natureza reprovadas, porque são para perder os proximos”. Aqui mostra o *sancto* a gravidade da culpa, sendo, e devendo, reprovar-sse os trages, por serem de sua natureza maos, pella ruina dos proximos. São Nillo, discípulo de São

¹³⁴ Clemens Alexandrinus, libro 2 Paedagogi, cap. 11: “Similiter autem in calceamentis superbae, arrogantesque foeminae, magnam quoque ostendunt mollitiem. Vere ergo sunt turpia illa sandalia, in quibus sunt aurea veluti donaria etc.”.

¹³⁵ Idem, ibidem, cap. 3.

¹³⁶ Sanctus Justinianus, Epistola ad Zenam: “Observandae autem in primis earum, quae admundum, et ornatum muliebrum pertinent, in adbito loco mundanae mollitiones; quae quidem cum occulte ab eis fiant, etiam sub opte earum judicio improbantur, ad proximos autem deglutiendos fiunt”.

João Chrisostomo ahinda *que* tratou pouco desta materia, aponta o bastante *para* mostrar o juizo, *que* fazia della; dis assim:¹³⁷ “O rostro da molher adornado, mais perigoso he *que* a mayor tempestade; porque, da tempestade todos com o desejo da vida, procurão fugir, e escapar; mas a molher adornada de tal forma engana, *que* sua vista persuade, não temer o perigo da vida da alma”; dando bem claramente o *sancto* a entender, o evidente perigo, *que* há no ornato, e infeites das molheres, na comparação da *que* uza. E ninguem tem duvidado ser grave culpa uzar aquillo *que* poem em evidente perigo a morte da alma aos proximos.

Sancto Efrem falando com todos os *que* abuzão dos trages *que* Deus manda; dis estas formais palavras:¹³⁸ “Que nos poderá aproveitar, irmaos meus mui amados, o mundo a *que* tão ligados estamos, com o cuidado solicto de suas vaidades? Que logro haveis de concegir¹³⁹ do nimio culto de vossos vestidos, e do pompozo adorno de vossas vaidades, senão o fogo inextinguivel do inferno?” Vejão em *que* conta tinha estas almas o *sancto*. *Sancto* Izidoro Pelusiota, fas huma pergunta:¹⁴⁰ “*Que* fas ao cazo *para* aquella *que* he vista, se aquelle *que* a vio foi ferido?” (E logo responde) “Convinha *que* cuidasses *que* aquella, *que* vay honesta, e modestamente adornada, e não fas nada da sua parte, *para* provocar aos *que* encontra, esta careçe de toda a culpa; mas aquella, *que* com seus superfluos, e deliciosos adornos, vay estendendo laços de concupiscencia, e mesclando o veneno, esta he gravemente culpada”. Bem mostra o *sancto* aqui a gravidade da culpa nestas taes.

Ouçamos, o *que* Cornelio, refere de São Nono Bispo, dis pois este expozitor, estas formais palavras:¹⁴¹ “São Nono Bispo vendo a Pelagia com tanto excesso, e pompa de seus vestidos, *que* arrastrava os olhos de *quantos* a vião, e os atrahia a si, começou a derramar copiozas lagrimas; e perguntado da cauza de seu pranto dice: ‘Duas couzas são, as *que* me movem a elle, huma a perdição desta molher;¹⁴² outra, *que* eu

¹³⁷ *Divus Nillus, de Luxuria, oratione 2, prope finem*: “Facies mulieris exornata, quavis procella pernitosior est; ex hac enim quisque desiderio vitae studet evadere; foeminae vero spes ita decipit, ut vitam ipsam contemnere persuadeat”.

¹³⁸ *Sanctus Efrem Syrus, de Agone, sive luctamine spirituali*: “Quid poterit nobis prodesse mundus, fratres mei dilectissimi, quod eius curis, atque solicitudinibus adeo ligamur? Aut quid lucri consequemur ex nimio cultu vestimentorum, et pomposo elationis amictu nisi ignem inextingibilem? etc.”.

¹³⁹ Seguem-se riscadas duas letras.

¹⁴⁰ *Sanctus Izidorus Pelusiota, in libro 2, Epistola 12*: “Quid igitur ejus quae conspecta est, refert, si is, qui eam conspexit, vulneratus est? Oportebat enim te istud cogitare: illam quidem, quae modeste, atque honeste incedit, nec obvios quosque aucupatur omni culpa carere; eam autem, quae luxu, et deliciis difluit ac voluptatis rectia expandit, et venenum miscuit, vel maximum in culpa esse”. [Nota do editor: apagou-se o número 461 após “Epistola”].

¹⁴¹ *Cornelius, in cap. 3 Isayae, v. 26*.

¹⁴² Segue-se letra riscada.

que professo o nome de christão, não procuro tanto agradar a Deus em a inocencia, que devia de minha vida, quanto esta molher dejeza agradar aos homēns”¹⁴³. (E conclue Cornelio) “Porem orando a Deus o *sancto* por ella, e pregando-lhe, de tal forma lhe ferio o coração, que della fes outra Magdalena, convem a saber Pelagia penitente”. Bem vemos nos, aqui o como o *sancto* tinha por culpa grave estes adornos; e vemos tambem, que há muntas pregaçōens, que os reprehendem, e quando se devia emmendar, semelhante culpa; se fazem irascives contra os pregadores, servindo-lhe, de murmuração, o que devia ser stimulo, para o arrependimento, mas virá tempo, em que conheção com munta pena, o que agora lhe serve de zombaria.

De *Sancto* Abade Pambo se mostra semelhante soçesso, donde tem por grave culpa, a demazia dos trages, como refere Beyerline dizendo:¹⁴³ “Pambo Eremita, vindo a Alexandria, a rogos de *Sancto* Athanacio bispo daquella *cidade*, como visse nella huma molher pompoza, e sumptuozamente adornada, como que incitava aos homēns a por a vista nella, principiou a derramar lagrimas, e perguntando-lhe a cauza, respondeo; que duas erão as que tinha para seu pranto, huma ver aquella mulher, que buscava a sua morte, e ruina; e outra que não fosse igual seu cuidado em agradar a Deus quanto he o daquella molher para agradar aos homēns com aquelles adornos gravemente peccaminozos”; athe aqui o *sancto*. Deicho outros muntos padres que vi [?] falavão nesta materia do mesmo modo.

Cap. 2.

Athe aqui temos provado a menor da nossa concluzão, com authoridades dos padres, e expositores gregos; agora se prova com os quatro Doutores da Igreja Latina. Em primeiro lugar seja São Gregorio Magno, donde dis:¹⁴⁴ “Ninguem se asegure com dizer: ‘Eu não furto nada a ninguem, porque só uzo dos bēns, que Deus me deu’; porque ao rico avarento não o condenou Deus, porque furtou o alheyo, senão porque uzou mal de seus bēns. Isto foi, o que tambem levou ao inferno ao rico, o que em sua felicidade não temeo; porque os bens que recebeo, os converteo no uzo, de sua arrogancia, e fausto”. Em muntos mais lugares fala o *sancto* doutor nesta materia, e tambem como ja atras fica ponderado, por elle.

Sancto Agostinho, fala nesta materia, munto bem, principalmente, para estes nossos tempos, que parece que via o que hoje se abuza na materia dos trages. Dis pois

¹⁴³ Beyerline, in *Theatro vitae humanae*, Verbo vestis, infra medium, § “Pambus Eremita etc.”.

¹⁴⁴ *Sanctus Gregorius Magnus*, homilia 40, in *Evangelio Lucae*, tomo 1: “Et sunt nonnulli qui cultum subtilium, praeciosarumque vestium non putant esse peccatum, quod si culpa non esset, etc.”. Et Paulo ante: “Nemo ergo securum se existimet dicens: ecce aliena non rapio sed concessis licite rebus fruor, quia dives iste non idcirco punitus est quoniam aliena abstulit, sed acceptis rebus semetipsum male dereliquit; hoc quoque fuit quod hunc in inferno tradidit; quia in sua felicitate timidus non fuit, quia accepta dona ad usum arrogantiae inflexit”.

o *sancto*:¹⁴⁵ “O uzo das couzas deve estar longe de todo o excesso, e imtemperença; porque a intemperança, não só abuza torpemente do mesmo custume daquelles com quem se vive, senão que tambem muntas vezes sahe de tal forma de seus termos, que manifesta hum exesso grave peccaminozo, dezonesto, e torpe a fealdade, que não se conhece o sagrado, dos canonicos, e aprovados custumes”. Isto he o que hoje vemos praticado; pois aquelle custume admitido, ja por todas as naçōens da devercida^{de} de trages, perciza para sua distinção, e da uniformida^{de} de hum trage distintivo de huma nação a respeito de outra; hoje ja a imtemperança dos homēns abuza tão torpemente della, que com os excessos que se praticão nos vestidos, e adornos, e os que cada dia se introduzem; quando só he permitido o bastante para a distinção das hierarquias, e qualidades de pessoas e isto dentro de vestido, e trage proprio da nação; se manifesta nelles, e na demazia com que o uzão, a fealdade que não conhecia o sagrado custume, como dis o *sancto*. E este só conhecia o trage que sempre tinha conhecido como proprio da nação, e como percizo para a distinção das hierarquias, e classes. E este exceder os custumes canonizados, introduzindo novidades, lhe chama o *sancto* gravemente peccaminozo, dezonesto, e torpe, que isto significa a palavra **flagium**;¹⁴⁶ e seus derivados peccado grave de luxuria, como adverte Calepino, e todos os diccionarios. E em outro lugar, falando o *sancto* de homēns, e mulheres, dis estas formais palavras:¹⁴⁷ “O vestido, e ornato impudico do corpo, nuncio, e mensageiro he do adulterio da alma. O impudico ornato nos homēns he a superflua, e inordinada composição de seus cabellos, o uzo afeminado de seus vestidos, ao calçado que excede os termos da necessidade. Nas mulheres, os infeites do rostro (como sinais, e cores),¹⁴⁸ o uzo de vestido, que imitam os homēns, a adulteração dos cabellos da cor nativa, que Deus lhe deu; este trage em hum e outro sexo he adulterino”. E sendo o adulterio da alma culpa grave, dizendo o *sancto* que o vestido, e ornato impudico, he mençageiro, que tras o adulterio da alma, claramente se ve a culpa grave. Deicho outros muntos lugares, em que o *sancto* reprehende esta materia, e a tem por culpa grave; e só quero [f. 204v/14] alegar huma authoridade sua, em que cita tambem a *Sancto Ambrozio* e *São Cipriano*: dis pois:¹⁴⁹ “Ahinda que tú não sejas para com os homens

¹⁴⁵ *Sanctus Agostinus*, de *Doctrina christiana*, libro 3, cap. 12, tomo 3: “Advertendum est in caetero quoque usu verum, abesse oportere libidinem, quae non solum ipsa eorum inter quos vivit consuetudine nequiter abutitur, sed etiam sepe fines ejus egressa foeditatem suam, quae intra claustra morum solenium latitabat, flagitosissima eruptione manifestat”.

¹⁴⁶ Sublinhado do próprio autor.

¹⁴⁷ Idem, sermone 247, de *Tempore*, de adulterino habitu virorum ac mulierum, tomo 10, § “Habitus impudicus, etc.”.

¹⁴⁸ Interpolação do autor.

¹⁴⁹ Idem, libro 4, de *Doctrina christiana*, cap. 21, tomo 3: “Ut enim impudica circa homines, et incesta fucis lenocinantibus non sis, corruptis, violatisque quod Dei sunt, peyor adultera detineris. Quod ornari te putas, quod putas comi, impugnatio enim ista Divini operis, praevaricatio est veritatis”.

impudica, e incestuoza, com teus infeites lascivos havendo adulterado a obra de Deus, por peyor *que adultera* serás tida. O *que julgas que* he adornar-te, o *que julgas que* he compor-te, impugnação he da divina obra, e prevaricação da verdade”; athe aqui o *sancto*. Aplique cada *hum* como puder para si.

Ouçamos agora a *Sancto Ambrozio*; dis o *padre*:¹⁵⁰ “O Ceo de nenhuma sorte receberá aquelles, *que* com delicado cuidado de seu corpo, e com dezeno do excesso de seus lascivos vestidos, e adornos deliciozamente vivem; *porque para* a gloria se sobe pellos degraos, dos trabalhos da virtude; mas estes cujos corpos vivem, em os gostos das delicias, desterrados do Ceo, envelheçem em as moradas deste mundo, (isto he) na obscuridade das trevas, debaxo da mam do demonio, a quem São Paulo chama princepes deste mundo, e das trevas; *porque* estes como princepes dos mundanos, recebem aos *que* são emulos, ou emitadores de suas obras”. Em outro lugar falando o *sancto* dos infeites, e todo o genero de ficçõens, dis:¹⁵¹ “Pintado estás ó homem, e pintado de seu Deus e Senhor. Bom artifice, e pintor têns. Não queiras borrar a pintura resplandecente, não com os infeites, senão com a verdade; não pintada como em sera, senão com a graça. Borras ó mulher a pintura, se teu rostro com a material alvura o pintas, ou com adquerida cor, *que* nelle sobreponens aformozeas. Esta pintura he de vicio, e não de formozura. Dize-me se havendo *hum* artifice pintado huma imagem, chamaras outro, para *que* com novas cores a emmende; não se indignaria aquelle vendo sua obra adulterada?... Se algum adultera a obra de Deus grave culpa comete. Grave crime, *que* te julques, *que* melhor te pintarão as maos alheyas, ou proprias, *que* as maos de Deus”. E em muntos mais lugares reprehende o *sancto* este vicio dos adornos demaziados, e superfluos; tendo-os por culpa grave.

Ouçamos ultimamente a São Geronimo, *que* concluindo a Vida de São Paulo primeiro hermitão, com huma severissima reprehenção, *que* fas da vaidade dos vestidos, nos homens, e mulheres dis:¹⁵² “Vos outros em vossos vestidos intreteceis o ouro; Paulo, nem ahinda o mais desprezado vestido de *hum* escravo vosso teve; mas será ao contrario; aquelle pobrezinho, se lhe abrio o Ceo; e a vos outros vestidos de ouro, vos receberá o inferno. Aquelle ahinda *que* nú, con tudo isso guardou a vestidura de Christo em a graça, vos outros vestidos de vossas sedas (com nimio excesso),¹⁵³ perdestes a vestidura de Christo”. Aqui mostra o *sancto* claramente a gravidade da

¹⁵⁰ *Divus Ambrosius*, libro 5, in *Evangelio*, in cap. 7 *Lucae*, tomo 3: “Tenera corporis cura, luxuque, et lasciviarum cupiditate mollitos, nequaquam coelestis aula suscipiat, ad quam duris laboriosae gradibus virtutis ascenditur. Hi vero quibus fluida deliciis membra solvuntur, Regni Coelestis ex torres, intra mundi hujus habitacula consernunt, quos rectores hujus mundi, atque tenebrarum vocat Apostolus. Hi reges, quia seculari quadam potestate dominantur, suorum emulos operum receperunt”.

¹⁵¹ *Idem*, in *Hexameron*, libro 6, cap. 8, tomo 1: “Pictus es ergo, etc.”

¹⁵² *Sanctus Hieronymus*, in *vita Sancti Pauli*, tomo 1, in fine.

¹⁵³ Interpolação do tradutor.

culpa pello excesso dos trages, dizendo, *que* perde a graça. E noutro lugar, falando de homens, e mulheres; dis¹⁵⁴:¹⁵⁵ “Se o homem, ou mulher se adornar, e com sua vista provocar aos homens, ahinda *que* dahi nenhum damno se lhes ciga, padecerá condenação eterna, porque offereceo o veneno, se ouvera quem o bebera”. E noutro lugar depois de reprender gravemente este excesso dis:¹⁵⁶ “Este ornato não he de Deus; he veo do Antechristo, con *que* confiança levanta ao Ceo seu rostro, *que* o Creador não conhece?” Athe aqui o *sancto* com cujas *authoridades* se mostra o quanto he abominavel o luxo deante de Deus, e em muntos mais lugares, fala o *sancto* nesta materia, *que* por não dilatar¹⁵⁷ o discursso, se omittem.

Asentada pois esta verdade pellos quatros doutores da Igreja; vejamos agora, com mais *authoridades* comprovada, a menor da nossa concluzão. Ouçamos a São Cipriano, *que* escreveo desta materia hum livro, *que* era digno, de todos o lerem para se livrarem de escrupulos, dis pois o *sancto*:¹⁵⁸ “Se tú sumptuozamente adornada sahes a publico, e com este sumptuozo, e notavel adorno, levas atras de ti os olhos da mocidade, e lhes roubas o coração, e lhe despertas seu appetite, e incendes¹⁵⁹ os ardores da concupiscencia, ahinda *que* isto seja de forma, *que* tú não peques, porem com tudo isso, aos outros os percas, e como espada, e veneno te mostres a elles, não podes escuzar-te, como se foras casta e pudica em tua alma; porque te redargue teu malvado culto, e impudico ornato, nem podes ja contar-te entre as virgens”. E dando o *sancto* a rezão disto, dis: “As incignias dos ornatos, vestidos, e ornamentos lascivos de sua composição, não convem senão às mulheres publicas, e impudicas”. Donde mostra o *sancto* a pouca¹⁶⁰ estimação, e reputação [f. 205/15] em *que* se devem ter, as *que* uzão de semelhantes adornos. E passando, mais abaxo, no mesmo capitolo, depois de haver reprehendido, a variedade de infeites, de *que* hoje se uza; dis: “Julgas tú, *que* ha de ficar sem castigo, o atrevimento de tua malvada temeridade e ofensa *que* fazes ao Artifice Divino? Porque ahinda, *que* não sejas impudica, e inextuosa para com os homens por teus infeites seras tida por peyor, *que* as adulteras, havendo corrompido, e violado a obra, *que* Deus fes”. E o *que* mais me admira he; *que* fazendo cargo, e respondendo as *que* dizem, *que* não se adornão com máo fim; lhes dis:¹⁶¹

¹⁵⁴ Segue-se letra riscada.

¹⁵⁵ Idem apud Dionisium carthuxianum, in 1 Petri, cap. 3, v. 3: “Si vir, vel mulier etc.”.

¹⁵⁶ Idem, Ad Furiam, cap. 10, de viduitate servanda, tomo 1: “Ornatus iste non Domini est velamen istud Antechristi est, quia fiducia erigit ad Coelum vultus, quos conditor non agnoscit?”

¹⁵⁷ Segue-se palavra riscada.

¹⁵⁸ Divus Ciprianus, de Disciplina, et habitu virginum: “Si tu té sumptuosius etc.”.

¹⁵⁹ A letra “c” foi emendada de um “d”.

¹⁶⁰ A letra “p” foi emendada de um “q”.

¹⁶¹ Infra: “Impudicé tú neminem conspicis, sed ipsa conspicieris impudicé: oculos tuos turpi oblectatione non poluis, sed dum obletas alios, ipsa polueris”.

“Que importa *que* lascivamente não olhes *para* ninguem, se serás vista lascivamente. Teos olhos, não os manchas com o torpe deleite, porem emquanto deleitas a otro [sic], tú mesma serás manchada”. E *que verdade* esta *que* o *sancto* dis tão clara, pois a experiencia, o mostra tanto as claras; ahinda mal!

Quem escreveo difuzamente desta materia foi Tertuliano, cujos escriptos, os estimaava em tanto São Cipriano, *que* os venerava como de mestre de *quem* se escreve *que* não se passou dia em *que* não lesse suas obras: este grande escriptor, escreveo quatro livros desta materia, e falando em *hum* pozitivamente dos vestidos dis:¹⁶² “Todos estes adornos, prevençoens, e aparatos são de huma molher morta, e como condenada, como preparamtos *para* a pompa de seu funeral”. São Bernardo escrevendo a sua irmã, Sophia; dis:¹⁶³ “Honesta virgem, teu vestido seja puro, não *para* a formozura, senão para a necessidade do corpo; *para que* vestidos os vestidos preciozos, não cahyas na torpeza da alma; *porque* quanto mais se compoem, e adorna o corpo no exterior pella vamgloria, tanto a alma, se mancha, e afeya. Nenhum busca os vestidos preciozos, senão *para* a vamgloria, convem a saber, *para* ser louvado, e *para* parecer aos mais honrrozo. Nenhum quer uzar de vestidos preciozos, senão he donde possa ser visto de outros; logo a donzella só pella vamgloria busca o preciozo do vestido: e nisto conheçemos *que* amamos ao mundo, *porque* queremos os vestidos preciozos. Quando o homem se alegra da formozura de suas vestiduras, sua alma se aparta do amor de seu Creador; quanto mais na composição de seu corpo se alegra, tanto mais o divino amor se separa, e aparta”. Athé aqui dis o *sancto*. Vejão agora em *que* conta tinha o *sancto* a demazia dos trages, superfluos!

São Pedro Chrysologo, falando da condenação do rico avarento dis:¹⁶⁴ “Que he isto rico? Não te defende do calor a olanda? A purpura não reziste ao inferno? Ay *que* te faltou a purpura, e a olanda, e só te ficarão as chamas, e agora nú suas, e te abrazas; ja *que* algumas vezes com tua¹⁶⁵ artificioza desnudes, zombavas dos calores”. São Valeriano Bispo, dis elegantemente e reprehendendo este vicio, dis:¹⁶⁶ “Sabei,

¹⁶² *Tertulianus*, de *Habitu muliebri*, cap. 1: “*Omnia ista damnatae, et mortuae mulieris impedimenta sunt quasi ad pompam funeris constituta*”.

¹⁶³ *Divus Bernardus*, *Epistola 113*, ad Sophiam virginem: “*Induuntur etc.*”.

¹⁶⁴ *Divo Petro Chrysologo*, *sermone 122*, de divite: “*Quid est dives? Ab aestu bissus non defendit? Purpura non resistit inferno? Remanserunt ista, deserterunt ista, et ipse nunc nudus sudas, aestuas, qui aliquando insultabas aestibus artificiosa nuditate vestitus*”. [Nota do editor: o número 122 foi emendado de 121; e foram riscadas duas letras antes de “deserterunt”.]

¹⁶⁵ A letra “a” foi emendada de uma letra “d”.

¹⁶⁶ *Divus Valerianus*, *Homilia 7*, ad *medium*: “*Furem vero diabolum credite, qui ut bonis operibus incidietur, abjecta saeculi pompa blanditur: et ut hominem a consortio Regni Coelestis excludat, aurum manibus ingerit, argentum oculis opponit, gemas collo inferit. Ita superbiam nutrit, et desideria carnis stimulo cupiditatis accedit, quae sicut Scriptura dicit mergunt hominem in interitum*”. [Nota do editor: a palavra “accedit” foi emendada de “ascendit”].

e crede que o demonio he ladrão, que para nos apartar de nossas boas obras, nos afaga pondo-nos aos olhos a pompa do mundo, e para excluir ao homem do reyno dos Ceos em suas mãos lhe poem o ouro, a seus olhos a prata, ao pescoso as perolas; e assim nutre, e alimenta a soberba, e incende os dezejos torpes da carne, com o stimulo da cobiça, que são as couzas, como a Escriptura dis, sepultão ao homem no inferno". Parece que via o *sancto* o que hoje socede nos nossos tempos, pois se ve tão lamentaval esta verdade. São Paulino bispo de Nola, dis estas palavras:¹⁶⁷ "Em vão se jactará, que he casta, a que com tão varios adulterios se adorna". *Sancto* Hermes citado de São Bernardino de Senna, dis:¹⁶⁸ "A exterior superfluidade indicio he da vaidade interior; os delicados, e lascivos vestidos, indicão a lascivia da alma; não se buscará com tanto cuidado o ornato do corpo, se não estivera esquecida, e desprezada a alma, nua de todas as virtudes". Donde se ve a gravidade da culpa.

O chronista de São João Capristano refere as seguintes palavras:¹⁶⁹ "Pregando São João Capristano em Ratisbona grande cidade de Alemanha, e reprehendendo gravissimamente os vicios todos, e em especial o jogo, e vaidades das mulheres, e seus infeites; algúns vadios, e tafuis, e mulheres vãs, zombavão, e murmaravão [f. 205v/16] de seus sermôens, dizendo, que não era aquelle peccado tão grave, como elle o fazia, e sabendo o servo de Deus destas murmuraçõens, que algúns fazião contra a palavra de Deus reprehendendo-os munto lhes denunciou logo da parte de Deus gravissimo castigo, e juizo divino se não se emmendassem, e foi couza digna de admiração, porque na noute seguinte, morrerão todos de morte subita, como inimigos da doutrina de salvação. E vendo o povo o grave castigo por aquelles peccados, ficarão tão cheyos de temor, que logo lançarão de suas caças, os jogos que tinham, e as mulheres, e todos os infeites, e vaidades; sendo logo tudo em monte queimado. E foi tão grande a multidão, de jogos, e ornatos illicitos, que sómente em huma cidade chamada Briberga forão carregadas seis grandes carretas, de taboleiros, e de cartas; e setenta carros de cavallos, cheyos de vãos ornamentos, e juncto isto no meyo da prasa, foi queimado". Aqui se ve o quanto Deus abomina a vaidade, e ahinda que hoje não vemos assim este castigo, não falta comtudo, por outro principio, o que ja munto o terão experimentado; e conhecido a verdade.¹⁷⁰

¹⁶⁷ *Divus Paulinus*, Epistola 4, in in [sic] Epithalamio ad Julianum: "Frustra haec mulier jactaverit esse pudicam, quae se tão [sic] variis ornat adulterii".

¹⁶⁸ *Divus Hermes* apud *Divum Bernardinum*, sermone 44, articulo 1, cap. 3, tomo 1: "Exteriorum superfluitas interioris vanitatis inditum est. Mollia indumenta mollitiae animae indicant, non tantum quaereretur corporis cultus, nisi negleta esset mens inulta virtutibus".

¹⁶⁹ *Chronicae antiquae*, tomo 2, libro 21, cap. in *Vita Sancti Joannis Capistrani*.

¹⁷⁰ À margem direita, foi riscada a seguinte nota: *Divus Ignatius Loyla* [sic] Epistola ad Patres Colegii Veneti. [tomo de Passione Dominum libro 4, dissertatione 8 parte 5, doctrina 2: "Ubi non apparent] etc.".

Para que se veja que não deicharão os sanctos de falar, nesta materia com toda a individuação, pello, que em si tem de abominavel; vejão o que dis São Bernadino de Sena:¹⁷¹ “Que outra couza he a cabeça adornada de huma molher vāa, senão huma inchação de soberba, huma Torre de Babilonia, huma bandeyra do diabo, huma irrizão de Christo hum signal de luxuria, hum aluçinamento de almas, hum laço do demonio, hum monstro diabolico, huma cadeyra de Sathanas, e huma satisfação de suas paxōens?” Vejão como o *sancto* teria isto por culpa leve, como algūns ignorantes dizem. E noutro lugar falando dos decotados, dis:¹⁷² “As molheres que mostrão os peitos, e uzão de arteficios para que pareção mayores, ou mais formozos peccão mortalmente”. E noutro lugar falando dos maridos dis:¹⁷³ “Da mesma forma as mulheres, que levão os peitos descubertos, a estas permitem seus maridos, que dem occazião, para que como a meretrices as amem outros”. Ouçamos agora o que nesta materia sentia *Sancto* Ignacio de Loyola, donde bem se explica em huma carta que escreveo aos padres do seu colegio da companhia de Veneza, mostrando-lhes o como se devião portar, com taes penitentes; são formais as palavras, que dis:¹⁷⁴ “Donde não se manifesta, nas mulheres, notavel curiozidade que exceda ao custume, nem má intenção, ahinda que ouvesse alguma vaidade de ostentação entre as demais molheres para parecer mais formoza; pella primeira ves, admoestando-a, e aconcelhando-a, se podera absolver; porem se tornar a confesar-sse principalmente para frequentar, os sacramentos; então se ha de aconcelhar que tempere sua vaidade, e que modere quanto poder o perverso custume; e se não quizer, então se lhe dirá, que dali por diante, a não ha de absolver, e se não quizer depor a vaidade, busque noutra parte confessor com quem se confesse”. Athé aqui o *sancto*. Se isto se fizera hoje, talves, que não forão tantas almas ao Inferno por culpa dos confessores, que histo favoreçem; mas tudo tem tempo.

¹⁷¹ *Divus Bernardinus de Sena*, sermone 43, de *Sancta Maria Magdalena*, parte 1, tomo 2, articulo 3: “Unde si queratur quid sit caput ornatum molieris vanae? Responderi potest: quod tumor superbiae, Babilonica turris, vexillum diabuli, derissio Christi, luxuriae signum, lucifuga animarum, laquei demonum, diabolicum monstruum, sedes Sathanae, et remuneratio passionum”. [Nota do editor: o número 43 foi emendado de 39; e tomo 2, de tomo 3.]

¹⁷² Idem, sermone 36, parte 2, tomo 3: “Mulieres artificialiter facientes, sibi ostendere mamillas mayores, vel pulchiores, semper peccant mortaliter”.

¹⁷³ Idem, sermone 13: “Similiter, et mulieres, quae habent pectora sua nudata, permitunt enim viri uxores, quas amant, prebere occasionem aliis tanquam meretrices adamari”.

¹⁷⁴ *Divus Ignatius de Loyla* [sic], *Epistola ad Patres Colegii Venetii*, libro 4 dissertatione 8, parte 5, doctrina 2: “Ubi non apareat etc.”.

Em outro lugar asegura São Bernardino de Sena, e dis estas formais palavras:¹⁷⁵ “Lê a São Boaventura, em o quarto das Sentenças, e a *Sancto Agostinho* em o livro quarto da Doutrina christã, e a São Cipriano, *que* ençinão, *que* a mulher *que* uza de infeites, e pinturas, em seu rostro, não pode receber o corpo de Christo, senão arrependendo-sse, e porponto dali por diante não uzar dos infeites”. Não sei *que* mais se possa dizer nesta materia; deicho varios padres, *que* todos **unanimi consensu**, dizem, a gravidade da culpa, do luxo, não só provocativo, e immoderado, mas demaziado, *que* por nossos peccados, tudo isto hoje se uza; e por consequencia assas fica provada a menor da nossa concluzão, em *que* diziamos *que* os Padres da Igreja tinhão por culpa grave, a demazia do luxo; não quero deichar, humas palavras do Bispo de Leão de França, *que* escreveo desta materia, com grande difuzão; pondo mais [f. 206/17] de duzentos titulos de malícia *que* cauza o luxo; e depois de os referir, conclue dizendo¹⁷⁶: “Ahinda, *que* algum diga, *que* não tem má intenção, respondo: *que* nem a espada teve má intenção, quando com ella hum mata a outro, mas, o *que* uza della tem má intenção. Assim o demonio, *que* uza destas mulheres adornadas, como de propria espada, tem nisso a má intenção: ahinda *que* tambem nenhuma tivera má intenção, isso não obstante morrera com a espada, o *que* com ella fosse mortalmente ferido; e segundo as leys, o *que* dá a occazião ao damno, esse se julga, *que* fas o damno”. Finalmente basta dizer, *que* não há padre ou expozitor algum, *que* sinta o contrario nesta materia. Deicho varios concilios, e declaracōens apostolicas, *que* se podem ver no livro intitulado, **Veritas pro modestia**; *que* trata desta materia.

Cap. 1.

Para *que* fique sem alguma duvida, a concluzão *que* dizemos, ser reprehencivel, todos os adornos, e trages demaziados, e provocativos; estabeleçemos outro sylogismo, em *que* se vera, *que* Deus Senhor Nossa o tem revelado, a algüns de seus servos; para *que* vendo nós quanto seja em seus divinos olhos abominavel fujamos com notavel empenho das penas eternas: e assim he na forma seguinte.

3.

SEMPRE QUE CONSTAR, DE ALGUMA, OU ALGUMAS REVELAÇōENS DIVINAS PRIVADAS A GRAVE CULPA DO NOTAVEL EXCESSO DOS VESTIDOS, E ADORNOS, OS DEVEMOS REPUTAR POR GRAVEMENTE PECCAMINOZOS, À PORPORÇÃO DA CERTEZA, QUE A REVELAÇÃO

¹⁷⁵ *Divus Bonaventura apud Divum Bernardinum de Sena, sermone 1, de Regno Dei, parte 2, tomo 3*: “Vide Bonaventuram, in 4. Etiam *Sanctum Agustinum* tomo 4 de doctrina christiana, *et Cipriani* qui docent, quod domina fucans, seu de pingens sibi vultum, *non* potest sumere corpus Christi, nisi poenitendo proponat deinceps non se fucare”.

¹⁷⁶ Segue-se uma letra riscada no final da palavra.

¹⁷⁷ *Guigellmus Peraldus episcopus, in Suma virtutis, De superbia, cap. 14*: “Quod superbus etc.”.

TIVER. ATQUI HÁ, NÃO HUMA, SENÃO MUNTAS REVELAÇÕENS DIVINAS PRIVADAS, EM QUE Deus DECLARA A GRAVE CULPA DOS EXCESSOS, QUE FORA DA CERTEZA DE FÉ TEM TODA AQUELLA, QUE EM O HUMANO PODEMOS DEZEJAR: LOGO A ESTA MESMA PORPORÇÃO OS DEVEMOS REPUTAR POR GRAVEMENTE PECCAMINOZOS.

Pera que se veja a certeza da maior deste silogismo, se pode ver Suares no lugar citado¹⁷⁸ em que se demostra, o credito em que se há de ter as revelaçõens aprovadas pella Igreja; e que haja estas revelaçõens, em que se abomina, os trages superfluos, e provocativos; não há duvida, como veremos provando a menor do nosso sylogismo; e seja a primeira revelação de *Sancta Brizida*; vista e aprovada, pella *sanctidade* de Gregorio XI; e Urbano 8¹⁷⁹ e Bonifacio IX. Ouçamos pois a *sancta* em varias revelaçõens, que refere teve do Ceo, falando da *Cidade* de Famagosta:¹⁸⁰ “O Filho de Deus me fala, e dis: ‘Esta *cidade* he outra Gomorra, que arde em fogo da luxuria, e da superfluidade e da ambição, e por esta rezão será destruida, e desolada, e seus habitadores, a há de dezemparar chejos de dor, e tribulação, gemerão, e desfaleçarão, e morrerão, e será em muntas terras nomeada, e correrá por ellas a vos de seu estrago, porque estou irado contra elles’”. (E repete logo) “O Filho de Deus fala-me da rainha de Chipre, e dis-me: ‘Dize-lhe, que deiche o vergonhoso custume das mulheres, de andar com vestidos mui estreitos ao corpo, mostrando os peitos, e dos infeites, e de outras muntas vaidades, que de todo são dignas do odio de Deus: e que tenha hum confessor, que desprezando o mundo, ame as almas, mais que os dôns, e não dicimule os peccados, nem tenha vergonha de reprehende-los, opondo-sse a elles; e que em quanto olhe para o bem de sua alma lhe obedêça como a Deus’”. Bem mostra aqui Deus pella sua serva o quanto aborreça a superfluidade dos trages, e infeites.

Em outro lugar dis a mesma *sancta*:¹⁸¹ “A May de Deus falava a sua espoza e lhe dizia; ‘Por tres peccados vem as pragas, e iras de Deus sobre o reyno; convem a saber, pella soberba, pella incontinencia, e avareza; e portanto Deus pode ser aplacado por tres modos, para que se evite o castigo; o primeiro: que todos os homens abracem a humildade em seus vestidos, vestindo-sse moderadamente e não com innuteis vestidos, com dispendio delles, porque dezagradão a Deus os immoderados...! E tambem com tal honestidade [f. 206v/18] vam em seus corpos, que nem pareção mais grandes, que Deus os criou, pella ostentação dos vestidos, nem mais delicados, senão, que tudo seja olhando a necessidade para a honrra de Deus. As mulheres, tambem deponhão os vestidos de ostentação, e pompa, que por soberba, e vaidade os tem vestido; porque

¹⁷⁸ Suares, de *Fide*, *disputatione 3, sectione 10. Per totum.*

¹⁷⁹ No tratado de Belluga, consta Urbano VI.

¹⁸⁰ *Sancta Brigita, libro 7, Revelationum, cap. 16, in principio: “Filius Dei loquitur etc.”.*

¹⁸¹ *Eadem, libro 8, cap. 57: “Mater Dei loquebatur; etc.”, usque ad finem.*

o demonio lhes tem encinado, *que* desprezem, os louvaveis, e antigos custumes e *para que* tomem novos abuzos, e ornatos indecentes em suas cabeças, em seus pés e em¹⁸² os demais membros, *para* provocar a luxuria, e irritar a Deus". Em outro lugar dis:¹⁸³ "A May de Deus me fala dizendo: 'Que dizem as mulheres soberbas em teu reyno?' Eu lhe respondi: 'O *que* dizem he; quando se nos pregava a verdadeira humildade, diziamos *que* nossos mayores, nos deicharão muntas riquezas, e custumes mui honorificos, pois por *que* não os havemos imitar? Nossa may andava com as primeiras de sua *qualidade* vestida nobremente com muntos criados, *que* a servião criando-nos com honrra, pois por *que* nao han de erdar nossas filhas as mesmas honrras, e custumes, em *que* se criarão; convem a saber portar-sse nobremente e viver com ostentação, *que* foi o *que* eu aprendi, e morrer com estas grandes honrras, *que* dá o mundo?' E a May de Deus me dice então: 'Toda a mulher, *que* em suas obras segue, o *que* dizem estas palavras, vay verdadeiramente pello caminho do inferno; e portanto essa resposta he cruel"'. E continuando dis: "E portanto as *que* uzão, ou fazem vestidos soberbos, e pompozos, e dão a outros occazião de imita-las, são semelhantes ao aspersorio de hum licor ardente *que* mancha, e abraza, a quantos chega. Pois da mesma forma estes soberbos dão a outros exemplo de emsoberbecer-se, e gravemente abrazaõ e queimão suas almas por seu máo exemplo"; athe aqui a *sancta*.

E continuando a serva de Deus a relação de sua vizão, *que* he mui dilatada, dis, *que* Maria Santíssima lhe dice, *que* como May de mizericordia queria mostrar-lhe o castigo destes peccados; *para que* ahinda *que* não seja mais *que* por temor fujão delles, os *que* os praticão. E dis *que* lhe mostrou tres mulheres may, filha e neta; a may, e neta mortas e a filha *que* ahinda era viva, a may condenada, e a filha no Purgatorio, por ter em huma grave emfermidade conhecido as culpas de sua vaidade chorando-as, fes verdadeira confissão e se arrependeu. E falando da may morta e condenada dis a *sancta*:¹⁸⁴ "Mas a sobredita may morta, parecia *que* vinha sahindo de hum medonho lago, arrastrando, seu coração fora de seu lugar, seus beiços cortados", etc. Finalmente vay dando a *sancta* relação de como vinha esta mizeravel, atormentada; e depois desta larga relação (*que* o curiozo pode ver no lugar citado), *que* fas do modo com *que* Maria Santíssima lhe deu a ver esta condenada, acrescenta *que* a ouvio com tristes vozes dizer a sua filha, *que* ahinda era viva:¹⁸⁵ "Ouve filha minha, ou melhor te direi lagarto, ou serpente venenoza; ay de mim, *que* alguma ves fui tua may: eu sou, a *que* te pus em o ninho da soberba, na qual fomentada do seu calor creçias, e na *que* tanto te tens agradado, pois nella têns consumido teus annos. Portanto te digo, *que* tantas

¹⁸² Emendado de: "e com".

¹⁸³ Eadem, libro 6, cap. 52, paulo post innitum: "Deinde loquebatur Mater Dei ad me dicens, etc.".

¹⁸⁴ Et infra ante medium: "Sed mater aparuit mortua etc.".

¹⁸⁵ Et infra: "Audi lacerta, et venenosa etc.".

vezes voltas os olhos com essa vista, e aparato de soberba, *que* eu te encinei, outras tantas arrojas em meus olhos o veneno fervendo com intoloravel ardor... Quantas vezes imitas as obras de meu custume, como são os peccados *que* te encinei, outras tantas se renova minha pena, e sempre estou padecendo sua mayor gravidade”.

E para *que* não duvidemos, *que* peccados erão estes, *que* a may tinha encinado a sua filha no custume *que* uzava, o declara a mesma neta, *que* por sua penitencia havia logrado hir ao Purgatorio. Pois nesta mesma vizão, e revelação ouvio a sancta, *que* lhe dizia à mesma may viva:¹⁸⁶ “Ouve may minha, ou melhor te chamarei escorpião; ay de mim, *que* me enganaste; eu aprendi de ti aquelle maravilhoso modo de vestir-me; convem a saber os veos, com *que* me cubria, os sapatos *que* uzava, os adornos de minhas mãos, e a desnudes de meu pescosso”. Estes erão os peccados *que* encinou a sua filha [f. 207/19] e estes os *que* esta má may aprendeu da sua condenada. Este o ninho da soberba, em *que* esta infelix pôs a sua filha; donde aprendeu a neta; e estes os peccados, *que* a condenarão: estes os *que* terião condenado a neta, como ella confessa, se na sua emfermidade os não chorara arrependendo-sse; estes os *que* ahinda depois de os chorar a tinhão em terriveis tormentos, do Purgatorio. Esta a mizericordia *que* Maria Santissima uzou, para *que* a filha daquella condenada se não perdesse; e isto o *que* não só se <não> teme como culpa gravissima senão, *que* ahinda se quer hoje fazer rezão de estado, de semelhantes vaidades. Oh Deus immenso, e *que* juizo será o destes, e destas mizeraveis!

Tambem noutro lugar refere a sancta *que* vindo da Cidade Sancta de Jeruzalem, e passando pella cidade de Napoles, vendo a perdição daquelle vastissimo povo, e clamando ao Senhor por seu remedio, lhe dice o Senhor, *que* naquelle cidade se cometião dois generos de peccados, e referindo-os, dis a sancta o *que* o Senhor lhe dice:¹⁸⁷ “O primeiro he, *que* os rostros de criatura racional os pintão com devercida de cores, com *que* se pintão as imagēns insenciveis, e as estatuas dos idolos, para parecer mais formozas, *que* eu as fis. O segundo peccado he; o *que* pellas inhonestas formas de vestidos, de *que* uzão, assim os homēns como mulheres, se diformão de sua figura; e isto fazem por soberba e para parecer hūns, e outros mais formozos, *que* eu os criei,¹⁸⁸ e mais lascivos em seu corpo. Oh inimigos meus *que* taes couzas fazeis, e cometeis outros peccados claramente oppostos a minha vontade!” Atha aqui a sancta. E muntas mais couzas sobre isto fala a serva de Deus em *que* bem se demostra a gravidade da culpa, pella abominação com *que* o Senhor reprehende esta demazia do luxo.

¹⁸⁶ Et infra: “Audi scorpio mater mea, vae mihi etc.”.

¹⁸⁷ Eadem, libro 7, cap. 27, loquens de Civitate Neapolitana, prope medium: “Primum de duobus peccatis, etc.”.

¹⁸⁸ Emendado de: “crieis”.

Ouçamos tambem, a *Sancta Angela de Fulgino*, em huma ternissima revelação, que a *sancta* teve, em que a magestade de Christo Senhor Noso lhe falou, em a forma, que refere a *sancta* dizendo:¹⁸⁹ “Outra ves estando orando, e meditando em a Paxão de **Christo**, com suma dor do coração, e compaxão, ponderando, quanta foi a grandeza de minha maldade, em todos meus peccados, então comecei a asignalas-los todos, e dizia; ‘Senhor e mizericordiozo medico, olhay para minha cabeça, de que sorte muntas vezes a adornei com sinaes de soberba, encrespando meus cabellos, e mudando-os de sua forma, e outros muntos peccados que fis. Olhay Senhor meus olhos, lheyos [sic] de impurezas, e muntas vezes infencionados com a inveja’; da mesma maneira procurava signalar e mostrar todos os peccados dos outros membros. Ouvindo pois o Senhor com munta paciencia estas couzas; alegrando-sse com munto gosto, me respondia, em que maneira sarava por sua ordem estas doenças. E compadecendo-sse munto de minha alma dizia: ‘Filha não temas, nem desconfies, porque se fosses morta com mil mortes, e enficionada com outras tantas enfermidades com a medecina que te hei de dar has de sarar’”, etc. E lhe vai apontando o Senhor todos os tormentos de sua paxão, e sarando todas as suas vaidades. E assim chorava a *sancta* amargamente os vestidos, adornos e infeites de que tinha uzado por serem cauza de a lançar no inferno; e o Senhor por sua morte, e paxão a livrou de todos estes peccados com que havia merecido sua condenação, e penas eternas. Pode-se ver a revelação no lugar citado que esta admiravel.

De *Sancto Henrrique Suzo*, escreve Lourenço Surio, que tivera huma revelação do Senhor, na forma seguinte:¹⁹⁰ “Falá Deus. Olha as mulheres, deste tempo, e ve o quanto se tem relaxado exte [sic] sexo, e ometidas que estão nas culpas, e como tem perdido o pejo, e a vergonha. Olha como todo o temor de Deus e a vergonha a tem perdido, pizado, e atropelado, e em tanto grao, que em estes perigozissimos, e lastimozissimos tempos, para cometer peccados são mais atrevidas, que os homens..... falo daquellas que com suas obras, seus vestidos, e seus custumes, se empregão mais em agradar aos homens, que a Deus. Estas certamente não são outra couza, mais que humas bocas do inferno, e covas de ladrões; e ahinda, que a minha bondade as sofra, as tolére, e as dissimule, isto nada lhes aproveita; pois no meyo disto querem ser tidas por matronas honestas, sendo que a Deus mais aborreçem que as meretrices publicas; porque emfim estas vivem, com algum medo, ou socobro; porem as outras não assim, porque vivem com temeridade, seguridade e audacia; e na verdade mais amadas são estas do demonio, que as mesmas meretices, porque mayor ganancia tirão

¹⁸⁹ *Sancta Angela de Fulgino*, in libelo de *Revelationibus*, cap. 35: “Alia vice dum orarem, etc.”.

¹⁹⁰ *Beatus Henrrique Suson*, libelo de 9 rupibus, cap. 23, latine traducto a Laurentio Surio: “Deus. At nuc [sic] foeminae etc.”. [Nota do editor: a palavra “At” foi emendada de “Ad”; na sequência, foram riscadas duas letras.]

dellas". E continuando o *sancto* a vizão, lhe dá o *Senhor* a rezão de tudo dizendo:¹⁹¹ "Olha quam torpe, e obscena, e atrevidamente se prezentão agora nestes tempos à vista dos homēns. Olha se as meretrices em outro tempo [f. 207v/20] andarão tão nūas, como agora, que só de ve-las se envergonharião¹⁹² as honestas mulheres? Como como [sic] do mais supremo, ao mais infimo, andão tão soltas, e descompostas, que com rezão podião emcher-se de pejo, o verem-se assim diante dos homēns? Contempla que vestido he o destas, que lascivia com a que andão, que gostos, que palavras, que obras; e o que he todo seu modo de vida para com os homēns, e qual seu appetite, e dezafogo em seus olhos, e todo seu exterior? Donde está ja aquella modestia, e vergonha deste sexo? Cre-me a mim, que acharas muntas mulheres, que cada dia cometem cem peccados mortaes, e com tudo isso querem ser tidas, como matronas honestas, e nem se envorgonhão, nem se tem por culpadas, nestes peccados mortaes; tendo-os sobre si.... Digo por certo, que de todos esses peccados mortaes à mulher se fas rea, e participante; porque em seu lascivo trage, ella he a que dá occasião principal, a comete-llos". Atha aqui o *sancto*; e he mui extença a revelação, por isso a não escrevemos toda; mas basta isso para que se conheça a gravidade da culpa dos lascivos adornos, e trages.

E declando [sic] o *sancto* no que han de vir a parar estas dezenvolturas, dos trages dis, segundo o que *Senhor* lhe inspirou:¹⁹³ "Atende agora ao fim, e morte destas taes como se hão com ellas, quando chegão aos ultimos lances de sua morte. Administra-se-lhes o Santissimo Sacramento, e se preparão na apparencia com toda a applicação, e os homēns se persuadem, que estão bem dispostas; porem os infernaes spiritos, todas suas loucuras, e peccados lhes poem deante dos olhos, com os quais são levadas a huma desesperação, e dão comigo no inferno. E succede muntas vezes, que assim estas, que levão esta vida lasciva, e dezafogada com seus confessores, que as adullão, e as aplaudem; e os que lhes permitem viver segundo seu custume, todos tem a mesma morte. Tem por certo, que algumas destas, não se lembrão dos peccados alheyos, e com multa pax os deichão em seu coração, e assim se vão confessar, con tenção de continuar nos vestidos lascivos, e adornos, e todas as demais couzas, e passão a cumungar a tremenda magestade de Deus; e melhor fora, que estas receberão em si mil demonios". E cabando o *sancto* a vizão porronpe nestas palavras: "Ay Deus e *Senhor* meu, tem mizericordia de tua Igreja!"

Ouçamos outra vizão, e outra revelação que o *sancto* nos refere teve noutra occasião dizendo:¹⁹⁴ "Despois este homem, (fala de si) abertos os olhos vio certa donzella, como de quatorze annos que com hum cordel, ou rede, trazia atras de si

¹⁹¹ Et prosequitur.

¹⁹² Emendado de: "envergonhão".

¹⁹³ Et prosequitur: "Atendas nunc etiam etc.".

¹⁹⁴ Idem, Ibidem, cap. 23, infra medium: "Mox homo iste etc.".

a hum religioso; a quem seguia outro homem grave, e honesto, sicular; que vinha com elle sua mulher atados, com o mesmo cordel ou rede; depois as seguião outras duas mulheres, com o mesmo cordel ligadas; mas a primeira donzella foi preza com o mesmo cordel, e enrredada na mesma rede, e a todos os mais trazia atras de si". E apenas teve o *sancto* esta vizão, olhou logo para JESUS **Christo**, e lhe dice: "Rogo-te *Senhor*, me declares, e expliques a significação destas couzas, que tenho visto! E o *Senhor* me dice: 'Este homem sicular, e esta mulher, forão pessoas honestas, e munto tempo viverão religiosamente com temor de Deus e sem culpa mortal: esta donzella, he sua primogenita, que tendo chegado aos annos da puberdade, e de poder tomar estado do matrimonio, contemplou o fausto deste enganozo, mundo, e soberba, e vãos gozos, que he o que se contem debaxo desta rede; e por este vâo desejo se rezol-veo a caminhar por este caminho, dizendo a sua may, e pay, que queria ter o que as filhas de outra sua igual, tinhão; mas estes pays que a sua filha desde os primeiros annos de sua idade, devião te-la educado para que buscasse a Deus o não fizerão, senão desprezando isto, forão ter com o confessor; e lhes consultarão, o que passava, e lhe pedirão concelho, este lhes permitio, que fizessem, o que querião; para que assim, podia sua filha conservar-sse, com amizade, e correspondencia dos ricos seus iguais; e lhes dice, tambem que era custume, e assim o tinhão feito seus progenitores; afirmando-lhes, que aquella soberba não era peccado mortal; sem conciderar, que Lucifer com todos seus sequazes, forão por esta culpa lançados do Ceo. E por esta cauza a donzella ao confessor, em primeiro lugar, e depois a seus pays, com esta rede os arrastrou atras de si à perdição eterna. E as outras duas mulheres, imitando seu exemplo, se enrredarão na mesma rede, e prezas no mesmo laço a seguirão". Athé aqui a relação do *sancto*.

Por certo que he horrorozissima, esta vizão, e revelação! [f. 208/21] E se esta, não poem em espanto, e fas abrir os olhos a todos, os que comprehende, para conhecer a grave malicia destas louquissimas vaidades, para não deichar-sse enganar destes vãos pertextos, ja das riquezas, ja do custume, ja do que fizerão os antepaçados, para segui-los, e imita-los, sem conciderar primeiro se há notavel excesso, nestas couzas, e pode ser nisto Deus gravemente offendido; lhes cocederá, o que lastimozamente¹⁹⁵ o *Senhor* mostrou na vizão antecedente. E por isso se ve claramente nesta revelação o ser culpa grave, ahinda que a intenção, seja boa; e contra histo se pratica, hoje, e sem alguma emmenda vivem, oh dor!

Em comprovação do mesmo, ouçamos outra revelação que São Jeronimo nos refere, não menos digna, de temor de Deus; dis pois o *sancto*:¹⁹⁶ "Pretextata senhora nobilissima, demandado de seu espozo Himecio, que era tio de Eustoquia virgem,

¹⁹⁵ Segue-se riscado: "o que".

¹⁹⁶ *Divus Hyeronymus*, Epistola 7, ad Laetam, de institutione filiae, prope medium, tomo 1: "Praetextata, nobilissima etc.".

irmão de seu pay, lhe mudou a esta o vestido, e ornato humilde, e decente *que* tinha, e o cabello *que* trazia sem nenhum artificio, o adornou segundo o custume, e uzo do mundo, contra o porpozito da donzella, e da may *que* a criava sem estas vaidades. E socedeu, *que* Pertextata aquella mesma noute, vio em sonhos chegar-sse a ella, hum anjo com huma terrivel vox, ameaçando-lhe hum grande castigo, e dizendo-lhe estas terriveis vozes: ‘Es tú, a *que* tēns tido atrevimento a antepor o mandado de teu espozo, ao mesmo Christo? Es tú a *que* tēns tocado com tuas maos sacrilegas a cabeça da Virgem de Deus? Já estas mãos se han de secar, para *que* sintas castigada, o *que* tēns feito atrevida, e dentro de sinco mezes serás condenada. Porem se não perseverares no delicto, serás privada de teu marido, e filhos’. (E acrescenta o *sancto*) “Todas as couzas se cumprirão por sua mesma ordem, e sua repentina morte, e ruina significou a tarda penitencia da mizeravel”. Este cazo só era bastante para inriçar os cabellos às mulheres. Aqui verão se he peccado mortal, pello *que* lhe revelou o anjo *que* havia de ser condenada dentro de sinco mezes.

No livro **Scala Coeli** se refere huma vizão, *que* teve hum *sancto* na forma seguiente:¹⁹⁷ “Ouve hum *sancto* *que* posto em oração em hum extazis vio o Ceo aberto, e estando com admiravel gozo por ver, *que* muntos entravão, por aquella celestial porta, vio vir cruelissimos dragóens, *que* estendendo estes huma grande rede, e pondo-a diante da porta, impedião com ella todos os *que* querião entrar; e como o *sancto* chorasse, e pedisse ao Senhor lhe mostrasse, quem erão aquelles dragóens e aquella rede; se lhe rrepresentou hum anjo, *que* lhe dice: ‘O primeiro dragão he a lascivia, o segundo he a vamgloria; mas a rede, he o lascivo, e vam ornato das mulheres; e estas se perdem pella vamgloria, e lascivia; e he tanta a ruina, *que* trazem ao mundo, *que* a porta, *que* Christo com seu sangue, abrio no Ceo, as cerrão para *que* os beneficios celestiaes, (isto he os especiaes)¹⁹⁸ não possão vir a estas almas, e ellas não possão entrar na gloria dos bem-aventurados: E te digo, *que* he maior o numero dos *que* se condenão por estes illicitos e appetitozos atractivos das mulheres, e pellos varios ornatos, *que* o numero dos mesmos demonios infernaes’. Bem horroriza vizão por certo, provera a Deus *que* não fora verdadeira. Bem sabida he a authoridade grande em *que* he tido este livro **Scala Coeli** citado de algúns sanctos; pois São Bernardino de Sena, e São Vicente Ferreira e outros gravissimos escriptores se valem delle em muntas occaçõens; donde se mostra claramente a gravidade desta culpa.

São Bernardino de Sena refere outra vizão *que* tiverão <os decípolos de *Sancto Ambrozio*>, *que* atras em prova da grave malicia, das <caudas, e demazias de vestidos>;¹⁹⁹

¹⁹⁷ Joannes Junior (Egidius etiam appellatus), in *Scala Coeli*, apud Henrriquum Gran, in *Speculo exemplorum, distinctione 6, exemplo 150*: “Legitur etc.”.

¹⁹⁸ Interpolação de Belluga mantida pelo tradutor.

¹⁹⁹ Escrito sobre palavras riscadas.

cuja vizão refere na forma seguinte o *sancto*:²⁰⁰ “Zenão, e Cypriano discipolos de *Sancto Ambrozio* hindo com o *sancto*, o primeiro começou a rir; e voltando²⁰¹ São Ambrozio o rostro, vio vir a humas senhoras, e olhou para Zenão, e lhe dice. ‘Que têns, de que te ris?’ Respondeu: ‘Padre, ves o que eu vejo?’ Dice-lhe o *sancto*: ‘Não. Dize-me que ves?’ E Zenão lhe dice: ‘Não ves aquelles demonios encostados sobre *as caudas*²⁰² daquellas senhoras?’” E prosegue referindo o *sancto* a alegria, e festa que os demonios fazião com o motivo daquellas descompusturas; o que bem se mostra ser do agrado do demonio.

Sancto Antonino de Florença refere outro cazo semelhante dizendo:²⁰³ “Passando hum *sancto* padre por huma *cidade* se encontrou com huma molher [f. 208v/22] adornada, e no vestido levava huma cauda, e junto della vio hum demonio rindo-sse”; (conclue o *sancto*) “do qual se manifesta, que esta casta de vestidos tambem agradão ao demonio, o que não fora, se nelles não ouvesse peccado”. E infere bem o *sancto* porque os demonios não se riem, senão do que Deus chora; e se esta vanissima pompa, não innojara a Deus, nem fora offença sua, não agradara tanto aos demonios.

²⁰⁴Finalmente deichando outras muntas vizõens, e revelaçõens, que aqui podia referir, de pessoas insignes em *sanctidade* he digna deste lugar a aparição, que teve a Veneravel Madre Sor Maria de JESUS de Agreda, a que escreveo os singulares livros da Mistica Cidade de Deus, que isto bastava para seu credito; refere pois o seu confessor Frei Andre de Fuenmayor provincial da Provincia de Burgos, ultimo confessor seu, a seguinte visão, que a Veneravel Madre lhe deu escripta por sua mesma letra; e fala a serva de Deus de huma rainha de Castella, chamada Dona Izabel de Borbon, e assim he credito nomea-la, para que se sayba que huma alma está no Purgatorio. Subposto que a relação da vizão seja larga, digamos só, o que mais he necessario para prova do que dizemos, dis pois: “Entre deis, e onze de la noche entre la puerta del choro, y la tribuna, adonde suelo hir à aquella ora, se me appareció vestida con las galas, y guardainfante, que traen las damas, pero todo era de una lláma de fuego, y conocí que la davan gran tormento (porque ninguno es pequeño en la outra vida) dixo entonces: ‘Madre, siempre estás tibia en darmo credito; pero asigurate de lo que ves en mí, y socorreme con mas fervor, y dirás al rey, que procure con toda sú potestad, impedir el uzo, de estos trages tan profanos, que en el mundo se uzan: porque Dios está muí offendido, e indignado por ellos, y son cauza de la condenacion de muchas almas, yo padesco grandes penas por elhos, y por las galas, que uzaba. Dirás tambien al rey,

²⁰⁰ *Divus Bernardinus de Sena*, sermone 36, 2 parte, prope finem, tomo 3: “Ciprianus, et Zeno etc.”.

²⁰¹ Segue-se riscado: “para ell [?]”.

²⁰² Escrito sobre palavras riscadas: “pescossos, e peitos a mostra [?]”.

²⁰³ *Sanctus Antoninus de Florencia*, parte 2, titulus 4, cap. 5, § 3: “Cum quidam sanctus, etc.”.

²⁰⁴ Beluga, parte 1, cap. 7, § 3, n. 347, f. 172.

todo lo que hás visto, y oydo de mí, y si outras couzas te dixere y te asiguro que se me aliviaran mucho las penas, se estos daños se remedian luego”.

Ate aqui a serva de Deus; donde se ve o grande perigo em que esteve a raynha, o avizo que esta pedio a Veneravel Madre disse²⁰⁵ ao rey, para que com todo o poder prohibisse o uzo dos trages profanos; o que estes trages tinhão a Deus munto offendido, e indignado; que erão cauza da condenação de muntas almas, e das grandes penas que por elles padecia; e em cima de tudo histo haver quem desculpe as profanidades? Isto he mais que cegueira; e grande obstinação! Emfim: bem manifesta fica a menor do nosso sylogismo, em que diziamos que se davão revelaçōens, e vizōens, que mostravão a gravidade da culpa no uzo dos nimios trages, e adornos superfluos.

Cap. 1.

Para que se veja, que por todos os principios abomina Deus Senhor Noso a demazia do luxo; não só o mostra nas suas Escripturas, e pellos padres, vizōens e revelaçōens; mas ahinda com milagres evidentes, e cazos particulares, quer mostrar o quanto se ofende; e assim para que assim se veja mais claramente esta verdade discorreremos, sobre o seguinte sylogismo.

4.

SEMPRE QUE DEUS OBRA ALGÚNS MILAGRES EM COMPROVAÇÃO DA GRAVE MALICIA DE ALGUMA OBRA, A DEVEMOS REPUTAR POR GRAVEMENTE PECCAMINOZA À MEDIDA DA CERTEZA, QUE OS MILAGRES TIVEREM; ATQUI, CONSTA DE ALGÚNS MILAGRES QUE O SENHOR TEM FEITO EM COMPROVAÇÃO DA GRAVE MALICIA DO ORNATO EXCESSIVO: LOGO ESTE À PORPORÇÃO DA CERTEZA, QUE OS MILAGRES TIVEREM O DEVEMOS REPUTAR POR PECCADO MORTAL.

A mayor deste sylogismo he certa;²⁰⁶ pois vemos que Elias, em prova de que era profeta do Senhor, e verdadeiro o que dizia, e falssos aquelles profetas com quem contendia, lhes propos que sacrificassem²⁰⁷ elles, e elle sacrificaria, e aquelle sacrificio sobre que viesse fogo [f. 209/23] do Ceo, este seria argumento, de ser, ou não verdadeiro profeta; como o milagre que Deus obrou o comprovou. Vemos tambem que os judeos pedião a Christo milagres para credito da sua doutrina.²⁰⁸ E em outras muntas partes da Escriptura, vemos que Deus tem obrado muntos milagres, para acreditar a verdade da sua doutrina; com que fica a mayor do nosso sylogismo, bem claramente provada.

²⁰⁵ Emendado de: “desse”.

²⁰⁶ 3 Regum, cap. 18, v. 24.

²⁰⁷ Emendado de: “sacrificassem”.

²⁰⁸ Sancti Mathaei, cap. 16, v. 1.

A menor, pois do sylogismo, de *que Deus* tenha feito algüns milagres, em comprovação do *que* gravemente se ofende, nos trages excessivos, se mostrará nos insignes exemplos, *que* pertendo apontar; e seja o primeiro o *que Deus* obrou por *São João Capristano*, na *cidade* de Ratisbona, como ja deichamos expresso a f. 15 § “O coronista *<de> São João etc.*”. O segundo seja o *que* se refere em os Annaes da Ordem Seraphica, na forma seguinte:²⁰⁹ Em Paris havia huma mulher mui curioza, e socilita [*sic*] do ornato de seu corpo, como quer *que* o confessor a admoestasse varias vezes daquelle demazia; e não se emmendava; lhe dice da parte de *Deus que* todas as suas pompas e vestidos, erão armas do demonio, de *que* uzava, *para* casar, e arrebatar de suas maos ao mesmo **Jesus Christo**, as almas. E ouvindo a *senhora* estas palavras foi tanto o medo, *que* concebeo, *que* com grande fervor, e espirito de devoção perrompeo nestas vozes: “Rogo ao *Senhor, que* aquelle adorno, *que* vir em mim contra sua vontade, e *que* agrada ao demonio, permita *que* vizivelmente pello mesmo demonio se me tire como couza sua”. E logo immediatamente permito o *Senhor que* na mesma igreja diante de todos, estando ahinda aos pes do confessor apareceo huma sombra horrivel, *que* com huma mam lhe foi tirando todos os vestidos, e ornatos vanissimos, sem deichar-lhe mais *que* o vestido interior; e enquanto lhe tirava este ornato superfluo, e adorno da cabeça; se ouvio pellos ares esta vos *que* dizia: “Ex aqui os laços, as redes, e bandeyras, com *que* colho à traição as almas dos homens”. E concluindo-sse o cazo dis, *que* a mam, e adornos, foi tudo pellos ares, sem nunca mais se ver. Agora ponhão *quantas* disculpas quizerem os homens, e mulheres, *que* não dão credito aos confessores e pregadores, *que* no cabo lhe acharão o erro.

O veneravel padre Bernardino de Bustos, refere outro exemplo mui semelhante a este, e dis:²¹⁰ *Que* huma *senhora* mui rica, e mui engracada se deleitava *munto* no ornato de seus vestidos, e cabellos; era esta vizitada de *muntos* porem nunca queria admitir, conversação de palavras indecentes, e dishonestas, e a todos respondia com grande honestidade; e socdeo, *que* a qualquer parte donde hia, via *hum feyo* demonio *que* a seguia; e comunicando a vizão a *hum sacerdote*; lhe mandou tomasse agua benta; e assim não era tão perseguida; mas de todo não era livre: foi-sse ella ter com *hum sancto* hermitão, *que* havia no dezerto, e lhe comunicou sua aflição: o qual fazendo oração ao *Senhor* por ella, entendeu por revelação divina o *que* havia de responder-lhe; e assim lhe dice: “Se o demonio vier a ti outra ves dize-lhe: ‘Oh demonio qualquer couza *que* em mim vires *que* he tua; leva-o, e não me percigas mais’”. E aparecendo-lhe o demonio outra ves, começou a dizer-lhe as palavras, e logo com huma furia grande pegando-lhe nos cabellos lhos arrancou pella rayz, com

²⁰⁹ In *Annalibus Patrum* [*sic*] *Minorum*, *libro 2*, *cap. 3*: “Erat quaedam mulier etc.”.

²¹⁰ *Venerabilis Bernardinus* de Bustos, in *Rosario sermonum*, *parte 2*, *sermone 18*, *parte 3* sermonis, post medium: “Quaedam Matrona dives, etc.”.

todo o mais adorno, ficando ella meya morta; e conclue o *sancto padre*: “Em o qual se manifesta *que* os taes ornatos são obra do demonio”.

²¹¹Na Dioceze de Moguncia, pregando *hum* parocho a seus freguezes *hum* dia de festa; reprehendendo severamente *hum* genero de sapatos, *munto* vâm, *que* uzavão, assim homêns como mulheres; *hum* de seus parrochianos *que* era sapateiro, irado se levantou dizendo: “*Deus* dê a este sacerdote gota coral, na coroa, *que* não sabe pregar outra couza, mais *que* contra os sapatos”. E sahindo da igreja este infelix, se lhe pos diante *hum* horrivel demonio, em forma de homem mui corpulento, *que* pegando-lhe pellos cabellos, com grande impeto, deu com elle em terra ficando-lhe nas maos o cabello, pella rais, ficando-lhe huma croa [sic] *munto* emsanguentada; e como ficasse meyo morto, e sentidos perdidos, vierão os *que* estavão na igreja ver este lastimozo espectaculo, o levarão a caza, durando-lhe por *munto* tempo huma grande demencia; finalmente tornando a seus sentidos, refirio, o *que* tinha dito ao sacerdote, confessando com aquelle castigo tão cruel, *que* ficava emmendado, e sua lingua encinada”. Aqui verão, os *que* murmurão dos pregadores, *que* fazendo, o *que* Deus manda, pregão contra estes excessos, e os milagres *que* obra, *para que* se evitem.

[f. 209v/24] Não he menos digno, para prova da nossa menor, o milagre *que* Deus obrou com *sancta Maria Egypciaca*, de *quem* dis a sua vida²¹² *que* quando antes de sua conversão, vivia toda entregue a seus deleytes, galas, e profanidades; feita idolo de Alexandria, levando as adoraçõens aos mossos; passando esta a Jeruzalem, à Festa da Exaltação da Crús (dia em *que* o *Senhor* queria uzar com ella, da mizericordia de sua conversão) hindo entrar no Templo, no mesmo dia, com toda a sua profanidade, feita laço dos homêns, (como ella mesmo dice ao abade Zozimas): “Eu hia cassando e pondo laços, às almas dos mancebos, *para* atrahi-los”. Obrou com ella o *Senhor* *hum* prodigio admiravel, *que* foi ao entrar na igreja, foi huma, e athe quatro vezes detida, sem poder dar passo, *para* entrar, sem saber *quem* a detinha; o *que* foi bastante *para* abrir os olhos; porque no mesmo dia aproveitando-sse da lux *que* recebeo, tornando sobre si, se rezolveo a deichar o mundo, e suas profanidades, retirando-sse ao dezerto do Jordão, com só tres pâens donde viveo 48 annos nua fazendo penitencia, chorando amargamente suas culpas, the *que* deu o seu spirito a *Deus*. E ponderando o author do Teatro da Vida Humana, este sucesso; dis: “*Maria Egypciaca*, em todo o genero de ornatos, se aformozeava, e de todo o genero de infeites uzava, *para* lograr os agrados, e aplauzos dos homêns; mas depois *que* começou a servir a **Christo**, nenhum foi o cuidado *que* teve de seu vestido, *que* destruido, e consumido aquelle com *que* foi ao dezerto, veyo a ficar,²¹³ na soledade nua, e assim viveo”. Vejão agora

²¹¹ *Speculum exemplorum*, verbo calcei, exemplo 2: “Erat in Dioecesi etc.”.

²¹² Beluga, *Trages profanos*, parte 2, cap. 14, §. 2. f. 528v, n. 1085.

²¹³ Segue-se palavra rasurada.

se pode²¹⁴ agradar a Deus as profanidades que hoje se vem, o qual he o fim para que se adornão as mulheres, e homens.

Mostre a verdade que vamos dizendo, o mais authentico cazo, pois a Igreja o refere, no Officio da Exaltação da Crus, que só elle bastava para concluir o quanto se offende Deus das profanidades e soberba dos vestidos; porei aqui as palavras com que a Igreja o refere:²¹⁵ “A crus pois em²¹⁶ que morreo **Christo** recebida pello emperador Heraclio catorze annos depois de a pessuirem os persas, o mesmo emperador a levou sobre seus hombros, para coloca-la com grande solenidade e pompa no mesmo monte; em que o Senhor nella havia sido crucificado. Cuja obra foi emcomendada do Ceo com hum illustre milagre; porque Heraclio, como levasse seu vestido adornado com ouro, e perolas, foi com hum impulsso interior detido na porta que guiava ao Monte Calvario, e quanto mais porfiava a seguir seu caminho, tanto mais lhe parecia era detido; e como com este sucesso, assim Heraclio, como todos os que assistião se assombrassem, Zacharias bispo de Jeruzalem²¹⁷ dice ao emperador: ‘Olha emperador, que levando a Crus nesse triunfal ornato em que vas, imitas pouco a pobreza, e humildade de **Christo**’. Então Heraclio²¹⁸ despindo as vestiduras preziosas, que levava, e seus preziosos sapatos, vestindo-sse de hum vestido humilde facilmente pode proseguir seu caminho, e no mesmo lugar do Monte Calvario colocou, e fixou a crus donde havia sido tomada, e levada dos persas”. Atha aqui o que dis a Igreja; pondere-çe bem este cazo, e veja-sse quanto dezagrada a Deus a pompa, e luxo.

Ve-sse mais esta verdade em hum cazo que se refere na vida do veneravel servo de Deus Francisco de Yipes.²¹⁹ De huma senhora moça, e munto rica que gastava munto tempo em compor-se, e infeitar-se dezejando parecer bem; e tendo seis mezes de enfermidade de que morreo havendo recebido os sanctos sacramentos, pedindo ao dito servo de Deus orasse por ella; e fazendo-o este diante do Sanctissimo Sacramento lhe dice o Senhor: “Nao tem ja remedio esta alma, porque está condenada”; e perguntando humildemente a cauza ao Senhor respondeo: “Gastava munto tempo em compor-sse, e nas couzas de sua salvação gastava munto pouco, cuidando mais do corpo que da alma; e ahinda, que os trabalhos de sua enfermidade lhe podião aproveitar, não abrio os olhos para dispor-sse”. Este o cazo, como se refere na vida do servo de Deus.

²¹⁴ A letra “p” foi emendada de uma letra “q”.

²¹⁵ Eclesia, in Officio Exaltationis Sanctae Crucis, die 14, setembris, in 2; et 3 lectione 2 nocturni.

²¹⁶ Emendado de uma letra “q”.

²¹⁷ Segue-se riscado: “lhe”.

²¹⁸ A letra “l” foi emendada de “h”.

²¹⁹ Veneravel Don Francisco de Yipes, in vita sua.

O padre Manoel Ortigas da Companhia de **Jesus**; varão apostolico refere tambem,²²⁰ que reprehendendo certos pays a huma filha, por levar a carne descuberta com indecente decotado, dizendo-lhes, que daquelle modo dezagradaava a **Deus**, ella enfadada respondeo: “Se **Deus** não me quer assim, deite-me donde quizer, que eu hei de fazer meu gosto, e não hei de parecer feya”. Morrelo logo de repente; e logo a enterrarão, porem de noute a lançou de si a sepultura; levaram-na a enterrar a borda do mar; tambem a area a lançou fora; e então impaciente o pay dice: “Pois nem **Deus**, nem a terra te querem, venha o demonio, e leve [f. 210/25] teu corpo aos infernos”. E assim foi, pois à vista de todos, arrebatarão os demonios o cadaver, e o sepultarão no inferno; e que dirão a este exemplo, as que querem defender os decotados?

He de admiração hum gravissimo cazo, que tras Henrique Gran, em sua Colectanea²²¹ em que dis que nos dezertos do Egipto habitava hum monje de grande sanctidade chamado Elias, munto amigo de *Sancto Hieronimo*, que em huma occasião tivera hum extazi e vio hum palacio de inaudita, e singular formozura, donde passeou por tempo de huma ora, sem poder satisfazer-sse de tão grande maravilha; vio que huns mancebos preparavão hum tribunal, com almofadas tapetes, e colchas preciosas adornadas de ouro, e outra munta variedade; em o qual se asentou hum rey de tanta formozura, e resplendor, que não se podia dezejar mais: acompanhado de muntos varõens mais resplandecentes que o sol; e como julgando, se asentou, e foi prezentada huma alma pellos demonios (a qual refere depois este author, havia entendido, que era certa personajem) carregada de cadeyas de fogo, e grilhõens que despedião de si chamas²²² sulphureas; a qual antes de se lhe perguntar couza alguma, começou a clamar dizendo: “Digno sou de eternas chamas, porque me deleitava nas vãs pompas do mundo, entregue às galas, aos convites, e outras semelhantes stulticias, e ncedades!” E acabadas estas palavras foi pronunciada sentença pella [sic] juis, a que fosse entregue a eternas penas. E se era culpa grave, ou não nesta personagem às suas galas, diga-o, o que experimenta por huma eternidade de pena.

Refere o mesmo author, outro cazo digno de ponderação, e he²²³ que o governador de Veneza, estava cazado com huma senhora de Constantinopla, que vivia tão entregue ao cuidado de seu corpo, e formozura, que a agua comua, lhe não servia para lavar-sse, pois mandava, tomar a neve, ou rocio, que cahia do ceo para esse effeito; e era tanta a invenção dos cheyros que em caza tinha em varios aromas, que despedião fragrantissimos fumos; porem quanto offendia a **Deus** esta soberba, se manifestou; pois lhe mandou huma enfermidade que todo seu corpo se comrrompeo, e despedia

²²⁰ O padre Manoel Ortigas, tomo 2, de Missione, parte 2, p. 45.

²²¹ Henrique Gran, in Colletanea, ex epistola que tribuitur Cyril ad Sanctum Augustinum, distinctione 7, exemplo 82: “In superioribus etc.”.

²²² A letra “C” foi emendada de uma letra “I”.

²²³ Idem, ibidem, distinctione 1, exemplo 84: “Dux Venesiarum etc.”.

de si tão horrivel fetido *que* era intoloravel e nenhuma pessoa, nem criada lhe podia assistir; e ficando só huma escrava para sua assistencia, ahinda esta, apenas lhe levava alguma couza, quando logo fogia, pello intoloravel fedor. E cozida nesta podridão moreo. São Pedro Damião refere outro cazo semelhante.²²⁴

Nas Chronicas dos Padres Capuchinhos se conta²²⁵ *que* em Sabona de Genova ouve huma *senhora* principal, munto dada a galas, e profanidades; e na confição não fazia cazo deste peccado, ahinda *que* lá lhe remordia a conciencia; ahinda *que* o excesso era grande, o não tinha por culpa grave. Entrou hum dia a compor-sse ao seu toucador, e foi em spirito arrebatada ao tribunal de Deus donde foi singularmente acuzada de seus trages, e profanidades e entendeo ter-sse dado contra ella sentença de eterna condenação; e tornando em si começou a dizer com horrorozas vozes: “Ay disgracada de mim, disgracada, e mizeravel, *que* sou condenada para sempre a eternas chamas!” Acudirão logo os de caza, e entre elles huma filha, mandarão chamar hum confessor religioso de São Francisco; começou logo o religioso a consola-la; e lembrando-lhe as muntas confissões *que* havia feito respondeo: “Ay de mim! Que estas me condenão, porque nunca confessei inteiramente a verdade calando, o *que* remordia a minha conciencia; e comungando sacrilegamente”. Exortava-a²²⁶ a filha a *que* se confesasse; e respondeo a infeliz may: “Tira-te de minha prezença, *que* tú tambem fostes a cauza de meu mayor tormento; pois hum dos maiores cargos *que* tive no tribunal de Deus foi o vestido *que* te fis, pois à tua imitação, fizerão as mulheres vestidos bordados, e decotados com *munta profanidade* e ofensa de Deus”. E acabando estas palavras, virão os circunstantes ao demonio, *que* emvestindo com a may a arrebatou com grande furor, e levando-a ao teto da caza, a deichou cahir com impeto, donde se fes em pedaços; começou logo a lançar de si, hum fedor terrivel, *que* não o podendo sofrer, [f. 210v/26]²⁶ o marido, filhos, e o confessor, sahirão para fora da caza, com pressa, e a deicharão em poder dos demonios. Serão histo ponderaçōens, e escrupulos de pregadores, e confessores?

Outro cazo refere Roberto de Lilio, em *que* dis²²⁷ *que* em huma *cidade* de Espoleto, havia huma donzella munto engracada, *que* entregue as vaidades do mundo, em nada se occupava dos bēns eternos; e cahindo em huma grave enfermidade aborecia em grande maneira as admoestaçōens, *que* lhe fazião da saude eterna; emfim gravou-sse-lhes a enfermidade e conhecendo esta infeliz *que* ja estava perto da sua morte; rogou com grande instancia a sua may, *que* a vistisse dos preciozos vestidos de *que* era custumada a trazer, e *que* a infeitasse, como se fora para alguma boda. A may por dar-lhe gosto, e fazer-lhe a vontade como a doente, assim o fes; a qual

²²⁴ *Divus Petrus Damianus*, epistola 3, cap. 11.

²²⁵ *Chronica del Orden de Capuchinos*, parte 2, libro 11, § 66.

²²⁶ Segue-se riscado: “o confessor”.

²²⁷ *Rupertus de Lysio apud Henrrichum Grand, distinctione 9, exemplo 112.*

vendo-sse adornada começou a clamar, e suspirar dizendo: “Ay, *que* hei de morrer eu assim tão formoza? Que hei de morrer assim tão adornada?” E os circunstantes lhes dizião: “Filha, encomenda-te a Deus *que* he benigno, e clemente”. E ella com maiores lamentos dizia: “E *que* tenho eu *que* ver com Deus! Vem ó demonio, e recebe minha alma, *que* ja he tua”. Entre cujas palavras espirou condenada, e desesperada. A isto se expoem quem entrega seu coração a estas *vaidades*, e aqui se verá o grave mal, *que* cauza a quem as uza.

Outro exemplo refere Guilherme Parisiense, em *que* dis:²²⁸ Que certa mulher apareceu depois de sua morte com os mesmos vãos ornatos, *que* tinha trazido em sua vida, penteando os cabellos, com *hum munto* grande de ferro ardendo, e *que* com grandes lamentos dizia: “Estes tormentos, hei de padecer eternamente pello meretricio ornato de meus cabellos, de *que* immoderadamente cuidava emquanto vivia”. Pois logo se esta pena se dá pello excessivo ornato da cabeça, *que* será pello de todo o corpo? E *que* será pella desnudes dos peitos bracos e mais membros impudicos?

Em cujos milagres, e exemplos, de almas condenadas, pellos excessivos trages, e adornos, e outros *munto* [sic] *que* não refiro, bem horrorozos por menos authenticos, vemos confirmada com elles toda a doutrina, *que* nesta parte nos dá Deus nas Escripturas; querendo *que* em todos os tempos vejamos os mesmos castigos temporaes, e eternos, *que* nellas nos mostra, e com *que* nos ameaça a todo o genero de pessoas, e por todo o genero de excessos dos trages e adornos. Não podem ser os milagres mais claros; e os exemplos mais evidentes, pois ahinda os mesmos demonios bem claramente confessão, (obrigados do poder de Deus) *que* pellos excessos dos vestidos, tirão o lucro de tantas almas. E se estes excessos tomados de historias tão autenticas, e do conjunto de todas ellas; parece não se pode duvidar nesta fé humana da sua certeza, *quando* tão conforme he tudo às Divinas Escripturas, e doutrinas dos sanctos; e mais *quando* o cazo, ou milagre obrado com o emperador Heraclio (*que* não se pode duvidar, aseguando-o a Igreja) calefica os demais; parece *que* à medida da verdade, e certeza *que* estes cazos, e milagres tem, feitos em comprovação da grave malicia, dos excessivos trages, e adornos, estes se devem ter por gravemente peccaminozos. Que he a menor do sylogismo.

[f. 211/27] Supposto pois *que* se haja bastante mostrado, a gravidade da culpa acerca da demazia do luxo; segue-sse a curiosidade de se ajuntarem, as opiniões dos moralistas mais cláicos, e Padres da Igreja, em *que* todos **unanimi consensu** condenão a peccado mortal o luxo demaziado. E para *que* haja de falar em materia tão gravissima quero valer-me daquellas palavras do Angelico Doutor São Thomas,²²⁹

²²⁸ Wihelmus Parisiensis apud Joannem Gallensem, in Comuniloquio, parte 3, cap. 2, exemplo 152.

²²⁹ *Divus Thomas*, de usuris, tomo 17, in proemio ad opusculum: “Invoco ipsam sapientiam, ne me errare permittat in periculum animae meae, et in laqueum aliorum, sed iluminare dignetur oculos caliginozos ipso suo lumine, sine quo nemo valet ad lumen veritatis usquequaque pertingere”.

que tratando das uzuras, prerrompeo nas seguintes vozes: “Invoco a Divina Sabidoria, para que não permita eu erre com perigo de minha alma, e ruyna de outros, senão, que se digne iluminar meu entendimento com sua clarissima lux, sem a qual ninguem pode chegar a tocar a lux da verdade”.

Cap. 1

Asenta-sse a concluzão, e mostra-sse ser comum consensu de todos o theologos: “O ornato, que notavelmente excede, a moderação e honestidade christãa, por ambos, e qualquer destes titulos, de immoderado ou provocativo, nos homéns, ou mulheres,²³⁰ he peccado mortal, salvo, a parvidade, ou leveza da materia, ou outra circunstancia o escuza”. Esta concluzão sobre ser deduzida das doutrinas de todos os Padres da Igreja, e de quanto temos tratado, se não me engano tambem he de todos os theologos bem emtendidos, como se vera, nas suas opinióens.

Demos principio ao Angelico Doutor São Thomas, que tratando esta questão, e tocando os preceptos dos *sanctos Apostolos*, e declarando-os dis assim:²³¹ “O moderado ornato, não se prohibe às mulheres, senão o superfluo, e inverecundo, e impudico” (isto he in honesto, e provocativo).²³² O superfluo como venial ou mortal, à medida, que for a superfluidade e excesso; e o inverecundo, e provocativo como mortal. O que declara mais o *sancto* no mesmo lugar dizendo:²³³ “Se as mulheres se adornão com intenção de provocar a luxuria, peccão mortalmente; porem se o fazem por alguma leveza de animo, ou vaidade, por certa especia de jactancia, não sempre he peccado mortal, senão algumas vezes venial; e em quanto a isto, o mesmo se ha de dizer dos homéns”. E porque o mais ordinario he ser grave o excesso, (como mostra a experientia), e rezultar o provocativo, por isso quazi sempre, dis, será a culpa grave.

Sancto Antonino de Florença, que tratou tambem escholasticamente esta questão falando de homéns, e mulheres, seguindo a seu mestre São Thomas sente esta mesma concluzão; como ja tocamos a f. 6; e se pode tambem ver no lugar citado²³⁴ donde trata difuzamente da gravidade da culpa; em que dis, que quando o ornato he notoriamente [f. 211v/28] execivo, he peccado mortal, não só pello titolo de escandalo activo de sua provocação, senão pello titolo de sua profusão, que pertence à prodigalidade.

²³⁰ Segue-se palavra riscada.

²³¹ *Divus Thomas*, 2. 2ae, *quaestione* 169, *articulo* 2, ad 1: “Sobrius, et moderatus ornatus non prohibetur mulieribus, sed superflus, et invercundus, et impudicus”.

²³² Interpolação de Belluga mantida pelo tradutor.

²³³ Idem, *ibidem*, in corpore: “Et siquidem hac intentione se ornent ut alios provocent ad concupiscentiam mortaliter peccant. Si autem ex quadam levitate, vel etiam ex quadam vanitate, propter jactantiam quandam, non semper est peccatum mortale, sed quandoque veniale; Et eadem ratio quanctum ad hoc est de viris”.

²³⁴ *Divus Antoninus de Florencia*, parte 2, titolo 4, cap. 5, §1: “Ornatus mulieris etc.”.

E se pode ver tudo o *que* o *sancto* dis nesta materia donde o citamos, *que* por não sermos molestos o não referimos.

Alexandre de Ales mestre de *São Boaventura* estabelece tambem a mesma concluzaõ²³⁵ e pergunta falando de homens, e mulheres: “Se na *reciozidade* do vestido há *peccado*?” E responde: “Licto he adornar-se com vestidos *reciozozos* segundo a nobreza da pessoa, segundo o custume da terra, e segundo a *dignidade* do *officio*; com tal *que* não haja *dezordem*, na vontade, nem *escandalo* na *obra externa*”. Isto he com tal, *que* o vestido seja honesto, e modesto, e não possa cauzar *escandalo*. E para *que* se sayba *que* fala de vestidos *que* em si sejão *reciozozos*, não segundo soa o *reciozo*, *que* seja *superfluo* respeito da pessoa, o qual não podera dizer ser licto, dis em o numero antecedente: “A *reciozidade* dos vestidos se concede, como a *reciozidade* dos manjares; e assim, he *que* a *reciozidade* dos manjares se concede como licita, e he correspondente a certas pessoas: logo da mesma forma a *reciozidade* dos vestidos”. E noutro lugar declara melhor todo o dito; pois sendo perguntado, se podem chegar à sagrada comunhão as mulheres com adulterinos ornatos dis:²³⁶ “Se ha de responder: que ou sejão *cazadas*, ou sejão *solteiras* *peccão mortalmente* as *que* uzão estas *ficçõens* em seu ornato. Com tudo isto não nego *que* seja permitido às *cazadas* adornar-se, por seus maridos com o honesto ornato de seus vestidos, com tal *que* nada de *falcidade* nem uzem de adulterina pintura, nem em seu cabello, nem em seu rostro. E ao *que* se dis em contrario, *que* se adornão para agradar a seus maridos; se ha de responder *que* a vontade de agradar a seus maridos, ou à *complacencia* de seu agrado, não as escuza de *peccado* mortal; porque o modo, com *que* pertendem agradar a seus maridos, não agrada a Deus. Como consta do dito, nem a seus maridos tão pouco”. E tras este gravissimo author em prova desta verdade o capitulo **fucare** de *Sancto Agostinho*; e tomando as palavras do *sancto* dis: “Porque o verdadeiro ornato principalmente dos christaos, nem são os infeites, nem cores enganozas, nem a pompa dos vestidos, nem o ouro, senão os bons custumes”. Donde se ve claramente *que* o moderado, e modesto ornato das mulheres, ou sejão *cazadas* ou *donzellas*, nem tem *peccado algum*; mas sim o pompozo dos vestidos, e o uzo das mais *ficçõens*, tanto

²³⁵ Alexander de Ales, in *Summa Theologiae*, parte 2, *quaestione* 134, membro 1: “An in *preciositate vestium peccatum sit?*”. Et infra.

²³⁶ Idem, in *Summa Theologiae*, parte 4, *quaestione* 10, de *manductatione Eucharistiae*, *articulo* 2, §4, prope finem: “Dicendum ergo, quod sive sint *sollutae*, sive *conjugatae* peccant mortaliter hujusmodi utentes abusionibus. Non tamen nego, quia permissum sit *conjugatis* ornare se ornatu honesto vestitum propter maritos, dum tamen nihil *falcitatis* aut adulterinae *picturae*, aut *capillatura* usurpent. Ad illud quod ubiicitur; quod ornando se, faciunt ut placeant maritis, etc. Dicendum, quod voluntas placendi maritis, sive ipsa *placentia* non excusat eas à *peccato mortali*: quia modus per quem placent, vel placere intendunt, nec Deo placet (ut ex dictis patet) neque maritis.... Nam verus ornatus maixime christianorum, et christianarum, non tam est ullus fucus vel color mendax, verum nec auri quidem vestis pompa, sed boni mores”.

nos homens como mulheres; como hoje, por nossos peccados se lamenta no nosso reyno; *que* he o *que* condena o author a peccado mortal.

Sancto Alberto Magno mestre de São Thomas, asenta a mesma concluzão; e falando nesta materia sobre as palavras de *São Pedro* no cap. 3. de *Isayas* em *que* reprova *Deus* os vanissimos adornos, dis:²³⁷ “Pergunta-sse, se as mulheres pequem mortalmente nos referidos ornatos, e preciosos vestidos?” E responde, a esta pergunta Alberto Magno: “Nestas couzas socede o peccar de cinco modos: o primeiro na mesma preciosidade, porque *São Gregorio* dis: ‘Nenhum julgue, que no estudo dos preciosos vestidos não há peccado’. O 2.º na delicadeza, e suavidade dos vestidos, porque a vida do homem deve ser penitencia, e lagrimas; e por isso dis a *Divina Verdade*: ‘Os *que* vestem vestidos delicados, habitão nas caças dos poderosos’ (isto he debaxo do poder dos demonios).²³⁸ O 3.º em a nimia especiosidade. O 4.º em a nimia curiosidade, pello *que* dis o *Eclesiastico*: ‘Aparts tua vista da mulher adornada’. O 5.º em a superfluidade”. E aqui acrescenta *Dionisio Cartusiano*: “6. modo, convem a saber [f. 212/29] a exquiza novidade; porque por *Sophonias* dis *Deus*: ‘Vizitarei sobre todos aquelles *que* vestem vestiduras peregrinas’, e ahinda há outros modos diversos, com os quais se pecca, nos vestidos convem a saber o nimio comprimento e curtez, e demais disto a immoderada largura, e grandeza, e tambem as cores exquezitas, mixtas, em os adornos das ourelas, e roturas, (a *que* tudo chamão moda),²³⁹ e não havemos de julgar, *que* estas couzas só se prohibem às mulheres; mas com mayor rezão aos homens; porque universalmente a todos os christaos de hum, e outro sexo lhes são prohibidas, e por todos, e a todos se há de evitar as immoderadas curiosidades, pompozidades e superfluidades nos ornatos, e vestidos. Pello *que* *Sancto Hieronimo* dis: ‘Se o homem, ou mulher se adornar, e com seu adorno provocar aos homens, ahinda *que* se lhe não siga detimento ou mal algum; sempre padecerá o castigo do inferno; porque offereceo o veneno se ouvera havido *quem* o bebesse’. Do qual fica claro *que* o sobredito he peccado mortal; porque se expoem a este perigo, e não teme, o *que* dis o Salvador: ‘Ay daquelle homem por *quem* vier o escandalo’. Em cuja rezolução declara este grave author a mente de *Sancto Alberto* de *que* nestes excessos há culpa grave pois nella, <tras [?] a>²⁴⁰ *Sancto Hieronimo* funda sua rezolução.

²³⁷ *Beatus Albertus Magnus apud Dionisium Cartuxianum*, in 1 Petri cap. 3: “Circa prehabita queritur; an mulieres peccent mortaliter in ornamentis prefactis, et preciosis, curiosisque vestibus? Ad hoc respondeat Albertus, in praedictis contingit peccare quinque modis. Primo, etc.”.

²³⁸ Interpolação do tradutor.

²³⁹ Interpolação do tradutor.

²⁴⁰ Escrito sobre palavras riscadas: “e na de”.

São Boaventura segue a mesma opinião, e se pode ver a f. 16 o *que* dis dos infeites, no lugar citado; e mais geralmente falá no tomo²⁴¹ 2. estas formais palavras:²⁴² “O sexto, *porque* he lasço, e ruina, pella queda, e perdição de muntos, *porque* os *que* vem estas vaidades de muntos modos podem offendere a Deus; ou vendo-as com deleyte, ou dezejando o mesmo ornato, ou julgando mal, ou murmurando. Cuida pois aqui quantas vezes pode o Senhor ser offendido, antes *que* o curioso ornato seja tirado; pois de todos estes males he cauza, quem assim vammente se adorna. Donde se colhe *que* ahinda, *que* eu te dicera, *que* estas couzas as fizeras por mi [sic], ou certissimamente souberas, *que* eu queria²⁴³ as uzases, de nenhuma maneira devias faze-llo; *porque* por nenhuma cauza se ha de consentir o peccado; e da offensa de Deus de todos os modos nos devemos abster. Pois logo quanto maior será tua offensa, se por teu capricho, e gosto para tua complacencia o fazes, querendo mais agradar a creatura, *que* o Creador? Pois estas couzas fazem, os *que* vivem entregues a estas couzas do mundo; taes são os ornatos deste mundo blasfemea²⁴⁴ de Deus”. Atha aqui dis o *sancto*. Pondere bem o curioso estas palavras do principio, e verá se os *que* o uzão destas vaidades offendem a Deus em algúns dos sobreditos modos, *que* eu não sey, como poderá escapar; donde se ve a opinião em que São Boaventura tinha os trages profanos! E por isso os condena a culpa grave; como em muntos mais lugar fala nesta materia.

São Bernardino de Senna, declarando tambem, quazi escholasticamente esta materia, não só estabelece com Alexande de Ales a culpa grave pello provocativo, em o notavel excesso do ornato; senão *que* asenta por corrente entre os os [sic] doutores, tamto em homens como mulheres ser culpa grave o notavel excesso. Ouçamos as suas palavras, *que* são tresladadas à risca:²⁴⁵ “Nota de quantos modos periga a molher, *porque* são muntos com *que* he induzida²⁴⁶ e a perigar; o primeiro he o estudo de sua formozura, e a preparação de seu rostro, com os infeites, e composição da sua cabecça, tirando os cabellos naturaes, e sobrepondo cabellos de mortos, para parecer mais formoza; e tudo isto são sinaes de impudecicia, e pecca mortalmente fazendo isto, ahinda *que* seu marido o concintara, e ella não quizera, ou pello contrario, *porque* a molher nestas couzas, em *que* pecca mortalmente (ou venial),²⁴⁷ não tem obrigação de obedecer a seu marido. E guarda-te tú ó may, não permitas *que* tuas

²⁴¹ Segue-se riscado: “6.”.

²⁴² *Divus Bonaventura*, in dicta salutis, *libro de meditationes vitae Christi*, cap. 12, ad finem, tomo 2, opusculorum: “Sexto, quia multorum aliorum est laqueus etc.”.

²⁴³ A letra “a” foi emendada de “as”.

²⁴⁴ O final da palavra foi emendado.

²⁴⁵ *Divus Bernardinus de Sena*, sermone 39, de *Sancta Maria Magdalena*, parte 1, prope medium, tomo 3, § “Nota quot etc.”.

²⁴⁶ Segue-se riscado: “a peccar, digo [?]”.

²⁴⁷ Interpolação de Belluga mantida pelo tradutor.

filhas se infeitem, e pintem seus rostros, *que* este he principio, pello qual as filhas se perdem. *etc.*”. E continua mais abacho o *sancto* e dis:²⁴⁸ “Que outra couza he a cabeça adornada de huma molher vá senão huma inchação de soberba, huma Torre de Babilonia, huma bandeira do diabo, huma irrigão de **Christo**, hum sinal de luxuria, hum alucinamento de almas, hum laço do demonio, hum monstruo diabolico, huma cadeira de Sathanas, e huma satisfação de suas paxõens?” E noutro lugar falando dos decottados dis:²⁴⁹ “As mulheres *que* mostrão os peitos, e uzão de arteficios, *para que* pareçao [f. 212v/30] maiores, ou mais formozos, peccão mortalmente”. E noutro lugar falando com os maridos dis:²⁵⁰ “Da mesma forma as mulheres *que* levão os peitos descubertos, a estas permitem seus maridos, *que* dem occazião, *para que* como a meretrices as amem outros”. E mais abaxo dis:²⁵¹ “Concidera brevemente huma molher de pouco juizo, e dos pes athe a cabeça, não acharas nella sinal *que* não seja de sua perdição eterna, e dos seus”. E vay continuando o *sancto* o estado em *que* huma molher adornada está na prezença de *Deus*. E assim se ve o sentir, e opinião, *que* seguia sobre a materia sujeita.

Ouçamos por fim deste *capitulo* a São Carlos Borromeu *que* em huma instrução, *que* em suas Actas deu aos confessores de seu arcebispado,²⁵² *para* o modo, com *que* se havião de portar, com os penitentes de hum, e outro sexo, em ordem a absolvição, comprehende com grande clareza, e distinção toda a doutrina, *que* temos expresada, e *que* nos tem incinado *Deus* em suas Escripturas, e os padres todos da Igreja, em suas expozições e escriptos. Dis pois este exemplo de prelados:²⁵³ “Nem tão pouco absolla o confessor àquelles, *que* no explendor de seus vestidos, ou exterior ornato peccão mortalmente. E porque hoje a pompa do seculo (se o *sancto* vira o *que* hoje

²⁴⁸ Idem, sermone 47, articulo 3, tomo 1: “Unde si queratur quid sit caput ornatum mulieris vanae? Responderi potest, quod tumor superbiae, Babilonica turris, vexillum diaboli derisio **Christi**, luxuria signum, lucifuga animarum, laqueum daemonum, diabolicum monstruum, sedes Sathanae, et remuneratio passionum”. [Nota do editor: “tomo 1” foi emendado de “tomo 2”, e “laqueum”, de “laquei”.]

²⁴⁹ Idem, sermone 36, parte 2, tomo 3: “Mulieres artificialiter facientes sibi ostendere mamillas maiores, vel pulchriores, semper peccant mortaliter”.

²⁵⁰ Idem, sermone 13, de luxuria remedio 3, eodem tomo 3: “Similiter, et mulieres, quae habent pectora sua nudata permitunt enim viri, uxores, quas amant, praebere occasiōem aliis tanquam meretrices adamari”.

²⁵¹ Idem, sermone 44, contra mundanas varietates [sic], articulo 1, cap. 1, tomo 1: “Concidera recordem mulierem brevi decursu, et a vertice usque ad plantam pedis nullum in ea reperies signum nisi sui, et suorum perditionis aeternae”.

²⁵² Emendado de: “arcebispo”.

²⁵³ Carlos Borromeu, in Actis Ecclesiae Mediolanensis, parte 4, de institutionibus Confessorum, tomo 1, f. mihi 652, § “Neque eos etiam absolvent, etc.”.

vay na nossa corte de Lixboa)²⁵⁴ e as vaidades tem chegado ao summo, principalmente por culpa, e negligencia dos confessores, *que* sem distinção os absolvem, e nem ahinda os reprehendem disto: exporemos aqui os cazonos, nos quais pellas pompas, e ornatos se custuma peccar, *para que* os confessores segundo nossas instrucçōens, se hajão, e governem na absolvição dos penitentes". E immedeataamente passa a dar regras dizendo: "Quando os penitentes uzão os ornatos com intenção de peccado mortal, peccão mortalmente; e alem disto quando com estes ornatos quebrantão algūns preceptos da Ley de Deus ou da Igreja; ou dão occazião a outros de *que* os quebrantem, como se em dia de festa trabalhem, ou ajudem a trabalhar;²⁵⁵ deichando a missa, ou adornando-s [sic] façāo com *que* outros a deichem de ouvir; ou sejão cauza de *que* seu espozo, ou outros a cujo cargo está o sustento da caza, gaste mais do *que* sofre suas rendas, conhecendo, ou suspeitando porvavelmente *que* dahi hão de nascer disturbios, e pendencias, ou ha de ser cauza de *que* o marido, ou outros prorrompão em blasfemeas; ou *que* se façāo contratos illicitos; ou *que* se não façāo as devidas esmollas, ou não se satisfaçāo os legados pios, ou outras dividas; ou *que* os jornaleiros, e officiaes sejão defraudados em sua paga, ou se lhes defira esta, ou se contrahião novos debitos, *para* cuja satisfaçāo não alcança a renda, de donde ao proximo se lhes ciga damno notavel; ou as filhas em tempo conveniente não se ponhão em estado (o *que* sempre tem sido cauza de successos infaustos nellas), ou se destas pompas nascem, ou podem nascer semelhantes peccados, *que* pella mayor parte se originão destes excessos. Em todos estes cazonos o uzo do ornato he peccado mortal. E porque he impossivel, *que* aquelle *que* gasta mais, do *que* sofrem suas rendas, não preveja, e possa prever os peccados *que* disso se lhe seguem; destes geralmente se pode dizer, *que* todos os *que* vivem dados a estas vaidades estão em peccado mortal, senão he *que* feito pello confessor diligente exame, por alguma cauza lhe conste o contrario. Pecca tambem mortalmente a molher no modo de adornar-sse, ahinda *que* as suas rendāo [sic] o permitāo, convem a saber se seu ornato seja tal, *que* por si, ou segundo a opinião dos homēns, induza a lascivia, ou ao menos provavelmente se possa suspeitar, *que* daquelle ornato, com a occazião²⁵⁶ <do insolito> das pessoas de sua qualidāde e condiçāo possa algum ser atrahido a ama-la in honestamente, ou *que* persevera em seu peccado; e con tudo isso, [f. 213/31] ou nada cure da saude de seu proximo, *que* prevê, *que* com seu ornato ha de cahir, e persevera em seu ornato; ou quando aquelle ornato se leva por fim de manifestar signaes de algum amor lascivo, ou *que* o signifiquem, ou dem a entender, pellos vestidos, ou de outro semelhante modo".

²⁵⁴ Interpolação do próprio tradutor.

²⁵⁵ Segue-riscado: "ou por adornar-se façāo com *que* outras as imitem".

²⁵⁶ Segue-se riscado: "do descustume [?]".

Ate aqui a instrucção de São Carlos, comprehenciva dos principaes capitolos, da immoderação com suas consequencias, e da provocação com seus escandalos, em *que* está a grave malicia destes excessos. Donde se ha de advertir, *que* foi feita esta instrucção com aquella madurez, *que* pedia huma materia tão grave; e com a consulta dos insignes varôens em virtude, e letras, *que* sempre teve para sua direcção; e isto sobre a especialissima *que* lograva do Ceo, com sua sanctissima vida; para o acerto, e governo da sua diocezi. Deus nos acuda, e nos dê lux aos *que* governam os [sic] almas, para *que* saybamos, o como as havemos de livrar de tantos absurdos, quantos hoje se experimentão, pella demazia dos adornos. O *que* bem se verifica, a gravidade da sua culpa.

Cap. 2.º

Passemos a outros authores, *que* tambem seguem a mesma verdade da nossa concluzão; ahinda *que* não ficão poucos, *que* por não extendermos mais o tratado, os omittimos. E seja o primeiro Angelo de Clavasio, *que* fundado na doutrina do Angelico Doutor, perguntando, “*que* se requer para *que* não haja peccado no ornato?” diz:²⁵⁷ “Respondo, *que* seis couzas, e falo tanto no ornato de homens como de mulheres”. E chegando à quarta dis: “O 4º. *que* se requer no ornato, he a parcimonia, e moderação, convem a saber, *que* não seja superfluo nem na grandeza, nem na divercida, como em os muntos vestidos, e adornos, e couzas semelhantes, nem na preciozida, nem curiozida, porque o uso superfluo he de todo viciozo; porque São Thomas dis *que* os *que* fazem ornatos superfluos, e curiozos, peccão, e quando a superfluidade he notavel excessiva não há duvida entre os douctores *que* he mortal”. E passando a declarar a sexta couza dis: “O sexto *que* se requer para *que* seja licto o ornato, he *que* não seja escandalozo; e se ha de advirtir, *que* ahinda *que* algum seja provocado à comcupiscencia pello ornato de outro se o *que* se adorna não o pertende, não havendo excesso em seu ornato, será escandallo passivo, e occasião recebida; mas quando no ornato há excesso, principalmente excitativo a luxuria, como as mulheres uzão, donde fazem novas invençôens, ou vaidades, e crem *que* algûns se provocarão à luxuria, então não se escuzão de peccado mortal”. Este he o sentir deste *padre*. E Silvestre na sua Summa, trazendo a mesma douctrina de São Thomas, segue a mesma opinião.²⁵⁸ E Savonarola, seguindo a mesma doutrina de São Thomas dis o mesmo.²⁵⁹

²⁵⁷ Angelus, in Summa, verbo ornatus, n. 1: “Ornatus quid requiritur etc.”. [Nota do editor: foi riscada uma letra antes de “n. 1”].

²⁵⁸ Silvestre, in Summa, verbo ornatus, n. 3, § “Quando etc.”.

²⁵⁹ Savonarola, in Confessionali, de ornatu mulierum, § “Circa ornatum etc.”.

Astesano, tratando da modestia em o aparato exterior perguntando:²⁶⁰ “Se o ornato das mulheres possa ser sem *peccado mortal*?” (Uzando²⁶¹ das mesmas palavras de São Thomas dis): “Se a mulher por certa ligeireza de animo, ou por *vaidade* ou por alguma jactancia se adorna, não sempre he *peccado mortal*, senão *venial*; porque se a mulher he nobre, lhe he prometido trazer alguma couzinha mais de ornato, porem *que* este não provoque a luxuria, senão *que* tenha em si a mulheril decencia”. Donde se ve, *que* só sendo alguma couza pouca o excesso, não he *peccado mortal*, e isto com tal *que* não seja provocativo, senão em tudo honesto, *que* he a substancia toda desta douctrina.

[f. 213v/32] Rozela segue a mesma doutrina, como se pode ver no lugar citado.²⁶² Resemondo, falando de homens, e mulheres, segue o mesmo.²⁶³ O Expelho de Consciencia, segue o mesmo.²⁶⁴ Azor estabelece a mesma concluzão, e não se aparta della.²⁶⁵ Filiucio dis o mesmo.²⁶⁶ Sayro, com São Thomas segue o mesmo.²⁶⁷ Machado, segue o mesmo.²⁶⁸ Caramuel em huma mui difuza carta, *que*²⁶⁹ sobre esta materia fes, *que* o padre Riquelme dis *que* vira: dis estas formais palavras, *que* verdadeiramente devem todos os doutores prudentes trazer na memoria; dis pois:²⁷⁰ “Que o traje escandalozo, o condenão os theologos; e *que* pellos superiores deve ser prohibido, o tenho por indubitavel; mas o juizo, *que* nesta materia se fizer, não consultada a experientia não he prudente. Ouve a Esforcia Palavicino *que* dis: ‘*Que* isto pode, e deve constar do juizo dos prudentes, e da experientia *que* tem os homens, principalmente os confessores; e não possa nascer de outra, para *que* os escriptores a detestem’ (isto dizia Esforcia). Logo donde a experientia encinar *que* algum traje molheril dá escandalo, seja, ou não seja segundo o custume da patria, se deve reprehender, abominar, e tirar, porque se o traje he escandalozo, e inductivo de *peccado*, com nenhum custume se pode cohonestar”. Donde vemos *que* clarissimamente a *verdade* desta concluzão; e

²⁶⁰ Astesanus, in Summa, 1 parte, libro 2, de modestia, titolo 44: “Utrum ornatus mulierum possit etc.”.

²⁶¹ Emendado de: “Uzandos”.

²⁶² Rosela, in Suma, verbo ornatus, § “Utrum etc.”.

²⁶³ Rosemondus, in Confessionali, de usu vestium, § “Quando circa etc.”.

²⁶⁴ Espejo de la conciencia, tratado 1, cap. 18, § 3.

²⁶⁵ Azor, parte 2, Institutionum moralium, libro 12, cap. 18, quaestiuncula 11, § “Si ornet se etc.”.

²⁶⁶ Filiutius, in Decalogi, tractatu 30, cap. 30, n. 29, § “Sextus, ornare se etc.”.

²⁶⁷ Sairus, Clavis regia, libro 8, cap. 5, n. 4, § “Unde si se ornet etc.”.

²⁶⁸ Machado, Perfecto Confessor, libro 2, parte 3, tratado 18, doc. 12, n. 7.

²⁶⁹ Segue-se riscado: “est”.

²⁷⁰ Caramuel, ad [sic] Epistola ad Dominum Marcum Bravo, apud Riquelme, in libro Veritas pro modestia, n. 253.

doutrina, quando pella experientia constar, que o traje he escandalozo, ahinda que seja conforme ao uso da patria.

Baldelo tocando este ponto dis:²⁷¹ “Pecca contra a charidade do proximo, o que contra o comum custume introdus novos trajes, prevendo, que impoem com seu exemplo, a outros moral necessidade para que fação gastos sobre suas forças, e depois não satisfação suas dividas, ou não dem o devido alimento com os²⁷² que tem a seu cargo”. E este he hum dos titulos porque o ornato excessivo he peccado mortal. Arana, repete isto mesmo dizendo:²⁷³ “Introduzir trages, dando occazião a que outros os tragão, por ponto, em prejuizo notavel das fazendas, e de outros homens, a quem han de estafar para viver, ou dos officiaes a quem não han de poder pagar, dis Bezumbau, com Baldello, que he peccado mortal, e he comum; e não dis mais desta materia”. Bem se ve que ajusta munto com a doutrina da nossa concluzão.

Cap. 3.º

Deichando, varios, authores antigos que nesta materia falão da mesma sorte; vamos a outros, de mayor nota, por clasicos; em que nos certificão a gravidade da culpa na demazia do luxo. Seja o primeiro o padre Vasques, que citando a mesma quaestão dis:²⁷⁴ “Ahinda que a mulher por sua natureza formoza sahya adornada de sua caza segundo o custume da patria, ahinda que comumente move a peccado aos homens populares, ou aos mossos; com tudo isso não se lhe imputa o escandalo; mas ha de sse observar primeiro que aquella molher não sahia adornada com ornato meretricio; porque este ornato tem ao menos especie de mal; e assim tem rezão de escandalo activo; e por esta rezão deve andar honestamente vestida”. E mais abaxo acrescenta: “Pello que se a molher em sua obra venial dá occazião de escandalo, augmentará a malicia de seu peccado; e de venial se fará mortal, se o escandalo for mortal”. Pode o curioso ver bem o como este doutor explica nesta materia, o peccado que he o que vemos hoje praticado, por nossos peccados.

[f. 214/33] Medina, e Alveres, estabeleçem a mesma concluzão, e como não vi os seus lugares, direi o que²⁷⁵ tras Diana dizendo:²⁷⁶ “Sobre as presentes quaestóens podes ver à Medina, e tambem a Alveres, e a Suares que dizem, que a mulher não pecca, ahinda que adornando-sse se possa seguir a ruina de outros, como o ornato seja moderado,

²⁷¹ Baldelo, in *Theologia morali, libro 3, de vitiis, et peccatis capitalibus, disputatione 5*, n. 18, § “Peccat etc.”.

²⁷² Emendado de letra rasurada.

²⁷³ Arana, in *Operibus Lumbierii [?], tomo 1, littera T*, f. mihi 263.

²⁷⁴ Vasquez, *Opusculo, quaestione 43, de escandalo, articulo 8, dubio 2*, n. 20, § “Quanvis etc.”.

²⁷⁵ Seguem-se duas letras riscadas.

²⁷⁶ Medina, e Alvares apud *Dianam, parte 2, tractatu 25, et Miscellanea 1, resolutione 30. Et in Concordatis [?], tractatu 5, de Scandalo, resolutione 9, tomo 7*, § “Sed circa, etc.”.

e decente, mas *que* peccara se for superfluo, e maximo". Donde bem mostrão estes authores a gravidade da culpa se ouver immoderacao. Valencia dis ahinda mais, como se pode notar nas palavras seguintes:²⁷⁷ "Segue-sse quarto, *que* quando fosse necessario para impedir o escandalo dos fracos alguma perca dos bens temporaes se deve fazer, como encina São Thomas". Egidio Coninch segue o mesmo.²⁷⁸

Marchant em seu Tribunal de Sacramentos, de quem Diana fas grandes elogios, dis:²⁷⁹ "Sempre *que* a forma, ou figura do vestido, ou ornato visto isto em si segundo a ordinaria fraqueza dos homens, he excitativa de luxuria; e uzar destes vestidos, e ornatos he de sua natureza peccado mortal; a rezão he, porque o *que* uza de semelhantes couzas se julga *que* dá cauza a culpa *que* por sua natureza he mortal". E dá a rezão fundamental, dizendo: "A rezão fundamental he; porque este se julga violar todos os termos da humana natureza, e divinas leys, e desprezar virtualmente as cominaçōens da Sagrada Escriptura". Esta he a opinião deste douto *padre*.

O *padre* Alberto de Albertis escreveo difuzamente nesta materia, e delle fas memoria Tamburino, e Diana; e o *padre* Tirso Gonsalves, *que* affirma o vio; dis:²⁸⁰ "O *padre* Alberto de Albertis en sua primeira disputa fas hum catalogo dos padres antigos, *que* claramente condenão a peccado mortal estes excessos nos trages". E depois cita humas palavras suas em *que* dis: "Certo e averiguado he em as divinas letras e antigos padres *que* o superfluo ornato he prohibido por direito divino". E o mesmo *padre* Tirso na resposta *que* deu ao arcebispo de São Thiago consultado sobre esta materia em seu livro intitulado Resposta Theologica, sente esta mesma doutrina dizendo:²⁸¹ "Todo o adorno, vāo superfluo, e desmedido gravemente provocativo a luxuria he peccado mortal;... E apenas se achará nenhum dos Padres da Igreja, *que* chegando a tratar dos adornos, galas atavios, e infeites das mulheres, não o reprehenda com severissimas palavras, e condemne a peccado mortal quando são com excesso, e provocão gravemente a luxuria". Athé aqui o *padre*.

O *padre* Riquelme, no seu livro, **Veritas pro modestia** estabelece a mesma concluzão; e dis:²⁸² "Seja a primeira concluzão o ornato precioso *que* excede gravemente o estado do *que* o uza, he peccado mortal". E trazendo varias provas, chegando à quinta dis: "Prova-sse o 5.º por rezão de dois escandalos *que* delle nascem; o primeiro

²⁷⁷ Valentia, in 2 *Divi Thomae*, *disputatione* 9, *quaestione* 3, de peccatis temperantiae oppositis, *puncto* 1, *ad finem*, *tomo* 3, § "Ornatus etc.".

²⁷⁸ Egidius Coninch, de Charitate, *disputatione* 32, de scandalo, *dubio* 6, n. 68, § "Quando".

²⁷⁹ Marchant, *Tribunali Sacramentorum*, *tractatu* 2, *libro* 2, *quaestione* incidental, *regula* 1, *tomo* 3, § "Quandocunque etc.". Et infra *regula* 3.

²⁸⁰ Albertus de Albertis, in *Paradoxa moralia*, *disputatione* 1, *cap.* 7, apud Tirsum, *Resposta theologica*, § 4: "Certum etc.".

²⁸¹ Tirsum, *Resposta theologica*, § 2.

²⁸² Riquelme, in libello *Veritas pro modestia*, n. 61.

porque dam occazião com seu máo exemplo; e o segundo he a povocação à luxuria". E aqui fala de homéns, e mulheres.

Dos canonistas, e legistas, Carranca escreveo *hum* memorial à *magestade* de Felippe IV.²⁸³ e a seus supremos concelhos de Estado, em *que* de todo o genero de letras, prova a grave malicia destes excessos, e as graves culpas, *que* disso se originão, do *que* fas menção Barboza, e Solorzano; donde dis estas palavras.²⁸⁴ "A segunda rezão, em *que* se funda *Sancto Antonino* he; porque o nimio ornato fora da modestia, ou imtemperança, he provocativo de lascivia.... Se as mulheres no mesmo ornato de suas pessoas attendem, e se fundão na rezão de *Sancto Antonino*, he certissíssimo offendem a *Deus* mortalmente segundo a comúa rezolução dos theologos; principalmente *São Thomas*, *Sancto Antonino*, Silvestre, Azor Diana, Honcala, e o abade Panormitano, Casaneo, Guillermo, e Benedito".

Cortiada trata tambem deste ponto difuzamente e estabelece a mesma conclužão dizendo:²⁸⁵ "O *que* se adorna com vestidos preciosos [f. 214v/34] sobre seu estado, e possibilidade, regularmente pecca mortalmente..... Quando o ornato he de si quazi provocativo ao mal, então he peccado mortal". (E conclue): "Se a mulher só por liviandade de animo, ou por vaidade se adorne, para parecer mais formosa, algumas vezes he peccado mortal, e algumas vezes peccado venial, conciderada a qualidade da pessoa, do lugar, e do tempo; e esta he sentença de quazi todos os theologos, e juristas".

Barboza escreveo tambem difuzamente e contexta a mesma conclužão; e depois de estabelecer, *que a que* se adorna modestamente conforme a seu estado, não pecca, ahinda *que* outros pequem vendo-a; diz:²⁸⁶ "Se sobre seu estado, e recebido custume há excesso no hornato das mulheres, ja no adereço de sua cabeça, cabellos rissados, desnudes de seu peito, e ornatos preciosos por novas modas de vestidos, parece *que* o tal excesso he **per**²⁸⁷ **se** peccado mortal, ahinda, *que* nenhum máo fim extrinseco tenha. O primeiro pello escandalo, porque este ornato excita a luxuria, e a desejo torpe os *que* a vem. O 2.º porque adulterão a obra de *Deus* e a querem emendar, o *que* cede em injuria de seu Author. O 3.º porque a Escriptura e os *Padres* reprehendem gravemente este excesso". (E despois conclue dizendo:) "A mulher nestes cazos em *que* falamos *que* pecca mortalmente, não ha de ser admittida, nem ao sacramento da Penitencia, nem ao da Eucharistia, se não constar primeiro de sua emenda; e esta

²⁸³ Emendado de: "II".

²⁸⁴ Carranca, Discurso contra los malos trages, y adornos lascivos, memorial a Phelipe 4, <nota> 16, f. 50 mihi. [Nota do editor: foi riscada uma letra abaixo de nota.]

²⁸⁵ Cortiada, *Decissionibus*, 263, n. 21, § "Ornans, etc."

²⁸⁶ Barbosa, Vota decisiva, *libro* 3, voto 124, § "Si supra, etc."

²⁸⁷ A letra "p" foi emendada a partir de outra ilegível.

não se ha de julgar *que* a tem, dando sinaes de penitente, ou dizendo, *que* tem firme prepozito, de depor seus vestidos, se com effeito os ornatos lascivos, *que* custumão provocar à lascivia, os não tem deposto". Atho aqui este author.

Que juctos estes sobre a *authoridade* de 58 authores clasicos, de *que* apontamos hūns, e omittimos outros, por não sermos difuzos, em *que* expressão a grave culpa nos cazos de nossa concluzão; parece *que* ahinda *que* ouvera *munto* em contrario, era bastante isto *para que* sobre a *authoridade* da Escriptura e *comum consensu* de padres, e a dos sanctos da Igreja, e dos concilios, *summos pontifices*, revelaçōens autenticas, exemplos, repetidas leys dos reynos em todos os tempos, e todo o genero de escriptores, e varōens encignes em *sanctidade* e letras, e destes principalmente os expozidores tivesemos a nossa concluzão, por indubitavel firme, e verdade. E ahinda mas firmeza, se lhe pode dar, *porque* athe aqui, não ouve author algum, *que* esteja certamente contra ella; *porque* os authores, *que* parece defendem o contrario, ou em nada se apartão desta concluzão, ou se em alguma couza se apartão pello titolo de ser só excecivo o trage, não se apartão *quando* o excessivo fas provocativo, *que* he o *que* basta *para* nosso assumpto; e quazi sempre socede não apartar-sse huma *qualidade* da outra, *que* he o *que* basta *para que* haja culpa grave, seja ou não seja pellos dous titolos; pois em se verificando, *que* há culpa grave, isso basta, *para* nosso assumpto. E pede-sse *munto* se de atenção aos authores citados à margem, *que* são os *que* parece se apartão da nossa concluzão, mas lidos com atenção, vem a concordar com a *verdade* *que* todos seguem.²⁸⁸ E hum dos graves authores, *que* está reputado, contra a nossa concluzão, he Caetano o qual se poderá *ver*, no cardeal Beluga, *que* o explica, com singular erudicão; donde mostra, o não se apartar della.

²⁸⁸ Laiman, in *Summa*, *libro* 2, *tractatu* 3, *cap.* 13, *n.* 11, § “*Excessus, etc.*” Bonacina, de *Matrimonio*, *quaestione* 4, *puncto* 9, 3 *propositione*, *n.* 26: § “*Quares tertio, etc.*” Basio, *Flores Theologiae*, *verbo* *impudetitia*, *n.* 17, § “*Ornare se, etc.*” Trullench, in *Decalogo*, *libro* 6, *cap.* 1, *dubio* 12, *n.* 21, *tomo* 2, § “*Peccat mortaliter, etc.*” Torresilla, in *Summa*, *tratatu* 3, *disputatione* 2, *cap.* 3, *sectione* 12, *n.* 185, *tomo* 1. Castro Palao, de *Justitia, et jure*, *disputatione* 3, *de virtute temperantiae*, *puncto* 6, *n.* 9, *tomo* 7, § “*Investigandum, etc.*” Idem, de *Charitate*, *tractatu* 6, *disputatione* 6, *puncto* 7, *n.* 1, *tomo* 1, § “*An mulier, etc.*” Et infra *n.* 4. Tamburino, in *Decalogi*, *libro* 7, *cap.* 8, §8, *n.* 5, *tomo* 2. Reginaldo, in *Summa*, *n.* 22, *cap.* *ultimo*, *sectione* *ultima*, *n.* 63, *tomo* 2, § “*Quarto etc.*” Sanches, in *Summa*, *libro* 1, *cap.* 6, *n.* 16, *tomo* 1, § “*An femina etc.*” Et infra; § “*si tamen*”. Beluga, *parte* 3, *cap.* 2, §5, *Trages profanos*, f. 383, mihi. Diana, *parte* 10, *tractatu* 12; *et miscellanea*, 2, *resolutione* 30, *n.* 6. In *Concordinato*, *tractatu* 5, *resolutione* 11, *n.* 6, *tomo* 7.

Referências bibliográficas

Fonte

FLAGELO contra os trages profanos. [Portugal, s. n., 17--]. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Manuscritos da Livraria n.º 1123, Miscelânea, f. 197-214v.

Estudos e material complementar

ALVARADO, Thiago. Modos à mesa e maneiras de vestir em Castela e Portugal (séculos XIV e XV). 436f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2021.

BELLUGA Y MONCADA, Luis. Carta pastoral, que el obispo de Cartagena, escribe á los fieles de su diocesis á cada vno en lo que le toca, para que todos concurran á que se destierre la profanidad de los trages, y varios, é intolerables abusos, que aora nuevamente se han introducido. Murcia: Jayme Mesnier, 1711.

BELLUGA Y MONCADA, Luis. Contra los trages, y adornos profanos. En que de doctrina de la Sagrada Escritura, Padres de la Iglesia, y todo genero de escritores, y razones theologicas se convence su grave malicia. Donde se dan doctrinas importantissimas, y transcendentes contra todo genero de vicios muy utiles para predicadores, y confessores, y para todos los fieles. Murcia: Jayme Mesnier, 1722.

BETHENCOURT, Francisco. Sumptuary laws in Portugal and its empire from the Fourteenth to the Eighteenth Century. In: RIELLO, Giorgio; RUBLACK, Ulinka (eds.). The right to dress: sumptuary laws in a global perspective, c. 1200-1800. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

CRUZ, Pedro. As leis pragmáticas: estatuto e diferenciação social em Portugal (1340-1762). Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2023.

DIAS, Luis. Luxo e pragmáticas no pensamento económico do século XVIII. Boletim de Ciências Económicas, Coimbra, v. 4-5, suplemento, 1956-1958.